

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
ÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

“Adiantam-se bastante nos subúrbios”

**O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro
(1907 – 1924)**

Niterói, março de 2018.

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

“Adiantam-se bastante nos subúrbios”

O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro

(1907 – 1924)

**Professora Orientadora:
Dr^a. Livia Gonçalves
Magalhães**

Niterói, março de 2018.

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

“Adiantam-se bastante nos subúrbios”

**O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro
(1907 – 1924)**

Comissão Examinadora

Professora Dr^a. Livia Gonçalves Magalhães (Orientadora)

Marcelo Bittencourt Ivair Pinto

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo discutir algumas possibilidades que podem explicar o desenvolvimento do futebol nas regiões suburbanas Rio de Janeiro no início do século XX. Para esta análise, este esporte será inserido dentro da cultura esportiva que se tornava cada vez mais forte na sociedade carioca desde o final do século XIX e que se faz presentes nos subúrbios cariocas, onde além de uma simples prática de lazer se torna instrumento pelo qual diversos grupos sociais manifestam a sua identidade. Clubes e competições criados nos arrabaldes da então Capital Federal são apresentados como forma de acompanhar este processo que, desde o seu início, é permeado por conflitos e embates que nos permitem ver os grupos suburbanos como sujeitos ativos de sua própria história.

Palavras-chave: Futebol, Rio de Janeiro, Subúrbios.

Resume:

The present work aims at discussing some possibilities that may explain the development of soccer in the suburban regions Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century. For this analysis, this sport will be inserted within the sports culture that became increasingly strong in the society of Rio de Janeiro since the end of the 19th century and that is present in the suburbs of Rio de Janeiro, where besides a simple leisure practice becomes an instrument by which various social groups manifest their identity. Clubs and competitions created in the suburbs of the then Federal Capital are presented as a way to accompany this process that, from its beginning, is permeated by conflicts and clashes that allow us to see suburban groups as active subjects of their own history.

Keywords: Football, Rio de Janeiro, Suburbs.

Agradecimentos

A construção deste trabalho não é fruto exclusivo de seu autor, mas sim a soma da contribuição de todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para tornar este sonho realidade.

Em primeiro lugar e sim mais importante devo agradecer a Maria das Graças Costa. Mas quem é esta pessoa? Ela é a resposta para a pergunta “de onde eu vim?”. Minha mãe não só foi a pessoa que me colocou no mundo, como também foi aquela que me possibilitou ingressar na adolescência como alguém já apaixonado pela leitura e a escrita. Tendo estudado apenas até o início do Ensino Fundamental, esta ilustre senhora, que sempre almejou ver seu filho fazer faculdade, deu o seu melhor enquanto viva para que este dia chegasse. Por isso e por todo o mais que não cabe aqui, muito obrigado, melhor Cozinheira do Mundo e Melhor Mãe que eu poderia ter tido. Tive e tenho muito orgulho da senhora.

De história semelhante, não posso deixar de dar destaque a Elida Pinheiro Silva. Mas quem é esta pessoa? Ela é a resposta para a pergunta “para onde vou?”. Esta senhora não só é a responsável direta por eu ter conseguido concluir o ensino básico e graduação, como também aceitou cuidar do filho de uma pessoa que nem era sua parente consanguínea como se fosse seu próprio neto. Tia Elida, botafoguense que teve uma vida muito agitada para quem exigia calma dos outros, mais do que um muito obrigado, te devo toda gratidão do mundo, pois não conheço pessoa que faria o que a senhora fez por mim. Sei que, assim como minha mãe, a senhora está muito bem em algum lugar neste desconhecido plano espiritual. Sinto saudades exacerbadas de ambas que nem sei mensurar.

Mais importante do que engrandecer o que fizeram por mim, creio que seja fazer pelos outros e, neste sentido, não posso deixar de agradecer a Lara. Minha filha, que tem aproximadamente 2 anos de vida, é a responsável por me fazer ler e estudar menos (rsrsrsrs). Contudo, o sentimento que ela me proporciona não é possível ser descrito em nenhum livro. Lara tem o mérito maior de mudar minha maneira de enxergar o mundo. É uma pessoa que me assusta quando dá um espirro mais forte, de quem eu não tiro os olhos por mais do que três segundos. Quem me faz assistir e gostar de uma família de porcos em desenho animado ou decorar a música de uma jovem curiosa que tem sede de saber. Enfim, ela é a transformadora do irracional em algo extremamente significativo e sem o qual a vida não tem sentido. Até ser pai, admito, achava esse papo sem sentido, porém, desde a hora que o meu bebê nasceu, as prioridades realmente mudam. Daí,

mesmo sem base para saber o que a paternidade, a gente está tentando fazer o melhor todo dia.

Ao lado dela, minhas “tias” Ana e Mônica e meus “tios” Waguinho e Sidney são exemplos de que é possível receber de nossa mãe o maior amor do mundo e passá-lo adiante. Elas fizeram isso por seus filhos Jullyana, Daiana, Lucas e Maurício, este a quem eu chamo de irmão e leu quase tudo o que eu escrevi na vida.

Família, para mim, não está ligada aos laços de sangue e, por isso, são amigos que contribuem bastante para o nosso bem-estar. Assim, não posso deixar de citar e agradecer a Lucimar Ribeiro de Lima, por toda a paciência e paciência e mais paciência comigo ao longo dos últimos anos. “Brigadão” mesmo, Lu.

A conheci na Comissão de Valores Mobiliários, onde fiz amigos que levarei para toda a vida. Verônica, Renato, Paula, Philip, Augusto, Lucas, Erika, Ana, Luiz, Rogério, Vinicio, Maycon, Marcelinho, Henrique, Ana Úrsula, Rosalina, Catia, Jelbert, Alex, Jorge, Jackson, Cláudia, Thiago, Michel, João, Matheus e muitos outros que, ainda que não estejam aqui, são importantes nesta construção diária do quem sou eu.

Diariamente, não consigo me imaginar sem tomar doses longas de experiência com minhas amigas Eloisa e Marilena. A primeira, “melhor mãe do mundo do Rafael”, a segunda, uma pessoa multifacetada e completa que só mesmo quem mora na Zona Sul e na Zona Norte do Rio de Janeiro é capaz de ser. Mais do que profissionais incríveis, elas são pessoas excepcionais.

Como a Sr^a Flávia Mouta Fernandes, que me ensinou a (re)escrever com marcações a cada linha de um texto feitos com sua caneta vermelha. Minha primeira chefe na CVM e importantíssima. A melhor chefe? Não sei. Tive o prazer de ser liderado por Antonio, Marise, Dona Edna e Lula - não o presidente, mas o encarregado da expedição de um depósito de roupa em que trabalhei.

Foi lá que conheci Geraldo e Dothy, de onde saía para estudar e fiz amizade com Marlon, um vascaíno que nunca concorda comigo, tal qual o Tiago. São pessoas que realmente contribuem para que busque aprender mais sobre o objeto que estudo. Os amigos que fiz pelo site Torcedores.com também se enquadram neste contexto.

Esta função cabe tanto a pessoas que o fazem por amizade ou também àqueles que o fazem por profissão. Carlos Eduardo, Gean, Felipe, Carlos Alberto, Eduardo Santos, Gustavo, Jonathan e Toim, por exemplo, de diferentes maneiras, o fazem por amizade. Já o Dr. Alexandre Lazzari, o Dr. Álvaro Nascimento, o Dr. Victor Melo, o

Dr. Ricardo Pinto e a Dr^a Karla Karloni o fazem por profissão e creio que também com o coração. E eu os agradeço muito por ajudarem neste trabalho.

Não obstante, a professora Dr^a Livia Magalhães merece muitos obrigados por toda paciência e dedicação nesta jornada. Sem ela, esse caminho seria extremamente complicado. Mas, graças a ela, nos foi possível escrever cada uma das linhas aqui presente e isso é algo que não tem preço. Portanto, desculpas pelo estresse e valeu demais por toda a ajuda.

Algumas pessoas possuem laços que extrapolam o ambiente em que as conheci. Neste contexto se enquadram os meus amigos Carlos Jocarbas e Ricardo Souza. Ambos conheci na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e os levo para toda a vida. Assim como “meu pai” Alexandre e sua família, que me ajudaram de formas tão variadas ao longo destes anos que fica impossível descrever.

Devido à UFRRJ também levo a amizade de Mayara Souza. Uma pessoa que foge dos padrões morais da sociedade brasileira, mas por quem tenho um enorme respeito e carinho. De personalidade oposta, mas igualmente relevante é Debora Souza, pedagoga excepcional é uma amiga para todas as horas.

Algumas pessoas, no entanto, não se fazem mais presentes como outrora, contudo, merecem ser lembradas. Luciana, Ângela, Jonatas, Marcos Silva, Geovani, Josemary, Denhifer, Queise e Thamyres foram importantíssimas em dado momento na minha vida. Mesmo longe, eu as agradeço imensamente.

Por fim, tenho que agradecer a Naene. Você chegou na minha vida de maneira não ideal. Entretanto, se tornou essencial e passar momentos ao seu lado é incrível. Obrigado por isso e por buscar sempre melhorar. Sinto-me um privilegiado por conhecer um espírito tão elevado.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

C837" Costa Souza, Glauco José
"Adiantam-se bastante nos subúrbios" - O desenvolvimento do
futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907 - 1924) /
Glauco José Costa Souza ; Livia Gonçalves Magalhães,
orientadora. Niterói, 2018.
113 p. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2018.m.05932321784>

1. História. 2. Rio de Janeiro. 3. Futebol. 4. Subúrbio.
5. Produção intelectual. I. Título II. Magalhães, Livia
Gonçalves , orientadora. III. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de História.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 – Uma região com futebol: Os Subúrbios de que falamos.....	22
1.1 O conceito de Subúrbios.....	23
1.2 O Engenho de Dentro: o centro populoso.....	24
1.3 A bola nos subúrbios	33
Capítulo 2 – Como a bola rolou: O futebol carioca no início do século XX	47
2.1 O futebol entre os mais abastados: um símbolo de distinção.....	48
2.2 O futebol entre os suburbanos: uma possibilidade para o cotidiano	55
2.3 Os críticos do futebol	56
2.4 Os defensores do futebol	60
Capítulo 3 – Como futebol se desenvolveu: Clubes e Ligas no Rio de Janeiro ..	64
3.1 Os clubes na Elite	65
3.2 O Engenho de Dentro A.C. e a Liga Suburbana na imprensa local..	71
3.3 O Profissionalismo Marrom nos subúrbios.....	75
3.4 O futebol nos arrabaldes para além da Liga Suburbana.....	84
Considerações Finais	88
Glossário	99
Anexos	100
Referências	109

Introdução

O futebol é uma paixão nacional, mas que não goza de unanimidade entre todos os habitantes do território brasileiro. O fato de considerá-lo um elemento tão enraizado na cultura nacional é, primeiramente, fruto de uma observação pessoal deste fenômeno em meu cotidiano. Além disso, em 2012, uma pesquisa realizada pelo Ibope entrevistou quase 2 mil pessoas que, em 77% das respostas, colocaram o futebol com sua principal paixão. 82% dos homens e 72% das mulheres se manifestaram neste sentido, sendo eu um dos que assim também o considera. Desde a minha infância, confesso, inexistentes são os dias em que não tenho contato com este esporte – seja o praticando ou acompanhando debates em torno dele.

Não obstante, o futebol não pode ser definido como minha única paixão. A História é outro tema que me cativa diariamente e, ao entrar na universidade, sempre busquei conciliar a ambos. Por isso, utilizei a minha graduação em História, concluída em 2015 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, para pesquisar quais fatores poderiam explicar a disseminação do futebol em terras cariocas. Com o título **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX**,¹ fiz o meu trabalho de conclusão de curso junto à UFRRJ – Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu.

Parto da concepção de que no Rio de Janeiro o início do futebol está atrelado à ideia de civilização, tão característica do cenário europeu no início do século XX que se tentou imitar por aqui no mesmo período. Não obstante a esse desejo das elites,² o esporte bretão não ficou restrito a apenas um tipo de extrato das diversas camadas sociais fluminense. Se por um lado os *sportmen* desfilavam pela Cidade Maravilhosa definindo o novo tipo de estrutura corporal do homem republicano, bem vestidos e

¹ SOUZA, Glauco José Costa. **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX**. Monografia. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015.

² MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: Primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001, p. 16-17. “As elites eram formadas por aqueles que detinham o poder econômico, político e cultural, constituídas tanto pelos proprietários dos meios de produção quanto pelo que pode ser chamado de setores médios ou pequena burguesia. Inicialmente, eram os nobres, políticos e aristocratas ligados à economia agroexportadora. Posteriormente também a integraram os setores urbanos, como militares de alta patente, envolvidos com o alto comércio e indústria, além de parte da intelectualidade”.

prontos a disputar animadas partidas de *football*, a massa que deixou poucos registros escritos também gozou desse hábito muito mais, aliás, do que pode desfrutar de outros esportes em virtude das características específicas que o pé e bola proporcionava.

Entendemos que os *homens comuns* só puderam jogar futebol no início do século XX dentro dos limites que a sociedade da época lhes permitia. Entretanto, isso não os impediu de realizar em seus espaços eventos e costumes semelhantes aos que eram vistos na alta sociedade. A Liga Suburbana de Futebol, fundada em abril de 1907 é um indício, bem como o variado número de clubes que surgiram no período e que estavam distantes das regiões mais bem abastadas economicamente do Rio de Janeiro.

Elementos dessa abordagem já estão presentes, por exemplo, na literatura de Mário Filho,³ que relatava a prática constante de futebol nos subúrbios cariocas, destacando que moradores desses locais passavam o dia se divertindo com tal esporte. João Manuel Casquinha Malaia Santos também encontrou tal conjuntura em suas pesquisas

O próprio processo de urbanização e reforma da cidade do início do século XX foi decisivo para a difusão do futebol pelos subúrbios cariocas. A expansão urbana levava a população de baixa renda para os subúrbios, com espaço suficiente para a improvisação dos campos de futebol.⁴

Sendo assim, a própria configuração geográfica que se iniciou no Rio de Janeiro na primeira década de 1900 nos dá essa percepção, uma vez que a especulação imobiliária da zona central e o encarecimento da zona sul lançou um grande contingente de indivíduos para os arredores da Capital Federal, área em que foram surgindo os chamados campos de várzea, onde foi possível desfrutar dessa prática. Por esse prisma, torna-se factível entender um dos elementos que tornaram o futebol mais afeito à realidade dos diversos grupos sociais do Rio de Janeiro. Esse esporte, economicamente mais acessível do que seus concorrentes de época (remo, turfe, ciclismo, alpinismo), se inseria também na necessidade de muitos indivíduos encontrarem remédios para as doenças que os assolavam. Na primeira metade do século XX, foi muito comum a ocorrência de epidemias em diversas regiões do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em

³ FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

⁴ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. p.5.

que o Governo Central buscava encontrar medidas que erradicassem essa situação, como foi o caso da vacinação obrigatória, os homens e mulheres que sofriam diariamente com isso buscaram maneiras de derrotar esses agentes patógenos, sendo os esportes importantes mecanismos nesta luta. Se a alta sociedade incentivava seus integrantes a praticarem remo ou a montar a cavalo desde o século XIX, as camadas populares também tinham nessas novidades vindas da Europa maneiras de se tornarem mais saudáveis.⁵

De formas variadas, as camadas sociais que compunham o Rio de Janeiro sofreram com a febre esportiva que incidiu sobre a região na virada do século XIX para o XX e que, até os dias atuais, não se dissipou. O futebol, inserido nesse contexto, caiu nas graças dos *homens comuns*, que, as suas maneiras, conseguiram praticá-lo. Ante as inegáveis tensões sociais que cercavam esta e outras relações, é possível identificar uma disputa pelo controle da prática futebolística.

A história do Brasil está repleta de episódios em que a participação popular foi questionada, sobretudo por não se adequar a algum tipo de modelo específico. A Proclamação da República, por exemplo, teve em Aristides Lobo (ministro do interior do governo provisório de 1889), um de seus contemporâneos mais famosos, a definição do povo como “bestializado”. Contudo, atualmente, este mesmo episódio ganhou na concepção de José Murilo de Carvalho outro conceito: *bilontra*. Seguindo essa linha de raciocínio, “o bilontra é o cidadão que não foi. Está fora da política, assim como suas associações religiosas e de auxílio mútuo, as festas, o samba, o carnaval e o futebol”,⁶ como escreveu José Miguel Arias Neto. O futebol é, portanto, um dos elementos que nos servem para refletir sobre a maneira como a “arraia-miúda” se posicionou diante de situações do cotidiano em que se tentou excluí-la.

Nem sempre é possível segmentar de maneira clara o que é objeto da elite e o que se torna objeto dos grupos menos favorecidos. Mais do que uma dificuldade, este ponto nos indica um caminho interessante para seguir e que nos permite evitar cair em simplismos já ultrapassados, pelos quais determinadas práticas culturais se mostram objeto exclusivo de um grupo específico.

⁵ SOUZA, 2015, p.56.

⁶ NETO, José Miguel Arias Neto. **Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização** in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2008, p.225-226.

Percebemos, neste sentido, outro ponto que nos chamou a atenção: o futebol não apareceu de repente no Rio de Janeiro. Havia, antes dele, um grande número de práticas esportivas acontecendo na Cidade desde o século XIX. Mais especificamente na segunda metade deste período, o remo e o turfe foram objetos que nos permitiram enxergar tal contexto e sem o qual não poderíamos compreender as relações mais complexas que estão no entorno do desenvolvimento do esporte bretão.

O entendimento de que o futebol não se instituiu por si só permitiu que pudéssemos entendê-lo como um fenômeno inserido em um ambiente social complexo e que precisava ter seu desenvolvimento analisado sob outros prismas. Torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama, cresci ouvindo falar da importância desta instituição na luta contra o racismo no futebol com a formação de um time campeão de jogadores negros e pobres. No entanto, ainda como estudante de história, eu tive o desejo de saber de que maneira aquele time foi montado. Por meio das leituras dos trabalhos de João Manoel Casquinha Malaia Santos, **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**,⁷ e de Walmer Peres Santana, **As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)**,⁸ tal necessidade foi parcialmente suprida. Mais à frente, analisarei como essas e outras obras foram importantes para a realização deste trabalho, mas agora é interessante termos conosco como as lacunas destes trabalhos nos permitiram refletir a respeito de nossa pesquisa.

Em meio a essas leituras, percebi que tanto Santana (2013) como Santos (2010) apresentam o Engenho de Dentro Athletic Club com um dos clubes que cederam jogadores para o Vasco da Gama em um processo denominado *profissionalismo marrom*, o qual, para nós, pode ser considerado como o estabelecimento de retribuições financeiras para jogadores como base na sua atuação dentro de campo. Sentimos, neste cenário, falta de explicações mais aprofundadas sobre a trajetória deste clube, bem como da prática futebolística na região em que estava inserido. Por isso, buscamos enfrentar estas questões no presente trabalho.

⁷ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010.

⁸ SANTANA, W. P. *As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)*. Memória (Bacharelado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

Tendo como objeto o desenvolvimento do futebol nas regiões suburbanas, buscamos apresentá-lo como parte da expansão deste esporte em diversos espaços cariocas. Por isso, escolhemos o título “Adiantam-se bastante nos subúrbios” – O desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907 – 1924) para representar o que pretendemos neste trabalho. A primeira parte é uma frase extraída do jornal *Gazeta de Notícias*,⁹ pela qual é possível perceber o progresso que é atribuído à região suburbana em torno das práticas esportivas. A nota foi divulgada poucos meses antes de ter início a Liga Suburbana de Futebol e nos permite identificar um processo cotidiano de desenvolvimento da prática futebolística antes da criação de um campeonato para simbolizar este processo. Ademais, temos a identificação de nosso recorte geográfico como a região suburbana do Rio de Janeiro, a qual trabalharemos de forma aprofundada ao longo dos capítulos, mas que se faz necessário destacar aqui como as áreas referentes às regiões de Inhaúma, do Andaraí, do Sampaio, do Riachuelo, do Méier, da Mangueira, de Bonsucesso e do Engenho de Dentro, a qual será trabalhada de forma detalhada no que se refere a sua constituição sócio espacial. Desta forma, podemos conhecer o ambiente que o futebol se desenvolveu e perceber as complexidades e variações de discurso em torno deste processo. Além disso, neste título, há também o registro de nosso recorte temporal, começando pelo ano de 1907 e encerrando em 1924. O primeiro foi escolhido por ser o ano de fundação da Liga Suburbana de Futebol, competição importante para que se possa entender o desenvolvimento do esporte bretão na região. Ainda que ao longo da pesquisa tenhamos visto que esta prática estava além deste torneio, consideramos a sua fundação o ato que simboliza a inserção deste hábito naquela localidade. O ano de 1924, por sua vez, é um marco importante de um processo que incide com força nos subúrbios cariocas: o profissionalismo marrom. Fase intermediária até a regulamentação da profissão de jogador de futebol, este procedimento teve reflexos importante junto ao futebol suburbano. Clubes e jogadores tiveram suas maneiras de praticar o futebol modificadas com o avanço da retribuição financeira pelo que os jogadores produziam em campo. Feito de maneira extraoficial, esta conduta praticada por instituições comandadas por membros mais abastados economicamente retirou muitos jogadores de boa qualidade técnica dos gramados da Liga Suburbana e os colocou para defender clubes nas

⁹ *Gazeta de Notícias*, 28/03/1907, p.4.

competições realizadas pela Liga Metropolitana de Sports Athleticos (antes conhecida por Liga Metropolitana de Desportos Terrestres).

Tal qual na graduação, não centramos nosso olhar em apenas um aspecto do nosso objeto, isto é, se para o trabalho de conclusão de curso na UFRRJ nós debruçamos o nosso olhar a respeito do cenário esportivo que antecedeu a chegada do futebol no Rio de Janeiro, para esta dissertação também buscamos olhar para as maneiras que o futebol praticado nos subúrbios se desenvolveu. Ora este trajeto ignorou em alguns momentos o que acontecia em outras regiões, mas também houve situações em que eventuais diferenças tornaram-se semelhanças. Um ponto que nos chamou a atenção foi justamente a quebra da ideia de haver uma diferenciação entre “elite” x “camadas pobres” pura e simplesmente pelo distanciamento geográfico entre o Centro/Botafogo/Laranjeiras e as regiões suburbanas. A complexidade do futebol praticados nessas regiões nos permite vislumbrar relações sociais mais densas entre os sujeitos que residem nestas regiões, tanto que há a existência nos subúrbios de elementos economicamente semelhantes àqueles que viviam na área que ficaria conhecida por Zona Sul do Rio de Janeiro.

Para realizar este trabalho, utilizamos as contraposições das maneiras pelas quais o futebol foi absorvido por diferentes grupos sociais. Se a partir de 1906 os clubes do Centro/Botafogo/Laranjeiras lideraram a fundação a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, como um dos símbolos que representavam a inserção do esporte na região, em 1907 ocorreu a fundação da Liga Suburbana de Futebol, contado apenas com a participação de clubes dos subúrbios cariocas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizadas obras de diversos pesquisadores sobre o tema, como o livro **Footballmania – uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 – 1938)**,¹⁰ escrito por Leonardo Pereira. Nesta obra, considerada referência sobre o futebol no Rio de Janeiro, o autor demonstra o processo que levou a construção do esporte como um símbolo da identidade nacional, discorrendo sobre os primórdios de sua introdução na Capital Federal, os discursos e sentidos adotados por seus agentes, como, por exemplo, a questão do amadorismo x profissionalismo, bem como os resultados desse embate. Contudo, o que mais nos atraiu no trabalho de Leonardo Pereira para a presente pesquisa foi a maneira como ele

¹⁰ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

apresenta o futebol não sendo um objeto exclusivo das elites, por meio da fundação de clubes de fábricas e nas regiões suburbanas.

O livro de Thomas Mazzoni, **História do futebol brasileiro**,¹¹ que almejou mostrar uma história geral do esporte-rei no Brasil e com essa proposta abrangente a obra se tornou uma referência no assunto, também nos ajudou na construção de nosso arcabouço intelectual para o presente trabalho. A obra de Thomas Mazzoni apresenta recortes abrangentes temporal e espacialmente e deixam oportunidades para novos estudos que vêm sendo aproveitadas por pesquisas recentes.

Neste sentido, há uma grande contribuição de trabalhos acadêmicos recentes, como a **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**, de João Manuel Malaia Casquinha dos Santos, cuja tese de doutorado foi defendida em 2010, na Universidade de São Paulo, e de Nei Jorge Santos Júnior, com **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)**,¹² dissertação de mestrado concluída em 2012, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Santos, por exemplo, nos mostra a importância econômica que as camadas populares tiveram para o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro. Em sua tese, ele aborda os aspectos raciais que foram trabalhados por Mário Filho, mas sem a influência da democracia étnica que influenciou este autor nas décadas de 1930 e 1940. Em a **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**, dá-se destaque ao processo econômico e social que ocorreu ao redor do futebol no Rio de Janeiro na primeira quarta parte do século XX, salientando o caráter ativo que o poder econômico das camadas populares exercia neste esporte. Esta abordagem, aliás, vai ao encontro dos novos trabalhos historiográficos que adotam essa linha de pensamento.

Em **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)**, Santos Júnior, demonstra com propriedade as ambivalências em torno do futebol no início do século XX. Especificamente, essa dissertação mostra como esse esporte é importante também para reforçar a existência de um sentimento suburbano, por assim dizer, se contrapondo ao processo que ocorria na elite. Por meio

¹¹ MAZZONI, Thomas. *História do futebol brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

¹² SANTOS JUNIOR, N. J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

de jornais e outras fontes, o pesquisador mostra parte dessa construção em dois bairros específicos, mas cujos desdobramentos nos ajudam a perceber os múltiplos caminhos que a prática esportiva tomou em sua formação.

Além de referências teóricas sobre a história do futebol, fizemos pesquisas em fontes primárias, das quais os jornais da época são de grande valor, haja vista o crescimento da imprensa carioca no início do século passado, dando continuidade a um processo já perceptível nos anos 1800. Assim, periódicos de grande circulação como *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã* e *O Paiz* são fontes de informação essencial para estabelecer neste trabalho o contexto geral do Rio de Janeiro, não só para aspectos que dizem respeito ao esporte, mas também para aqueles que pouco têm relação com essa atividade lúdica. Não obstante, uma vez que este trabalho busca lidar justamente com o futebol fora do que denominamos clubes de elite do Rio de Janeiro, lidaremos com o desenvolvimento desse esporte nos subúrbios cariocas e, por isso, é necessário também nos debruçarmos sobre o que era dito na imprensa local. Assim, jornais como *O Subúrbio* e *Gazeta Suburbana* tornam-se importantes fontes para nossa análise. O êxito no acesso a este tipo de material deve-se a excelente trabalho de preservação feito pela Fundação Biblioteca Nacional.

A dificuldade de acesso aos registros escritos dos diversos clubes que nos apareciam foi uma adversidade que teve de ser frequentemente superada em nosso trabalho. O futebol, apesar de toda a presença em nosso cotidiano, não recebe a devida atenção de preservação da memória por maior parte dos clubes que estão espalhados pelo Rio de Janeiro. Sem a atuação de instituições especializadas no cuidado da história, como a Fundação Biblioteca Nacional, estas páginas não existiriam.

Essa pesquisa, por sua vez, não pode ser feita sem levar em consideração o registro dos literatos acerca do período e do objeto estudados. Em livros ou nos periódicos diários, é comum encontrar as impressões de escritores acerca do período vivido e que ajudam o historiador a remontar o ambiente pesquisado, sendo, por isso, as reflexões destes sujeitos acrescentadas ao nosso trabalho. Mario Lago Filho, autor de *O Negro no futebol brasileiro*, publicado pela primeira vez em 1947, mas que ganhou dois novos capítulos em 1964, é um exemplo disso e se constituiu em uma leitura essencial para o estudo do futebol, uma vez que, tratando da inserção do negro no futebol brasileiro, o autor também toca em temas sensíveis sobre o desenvolvimento desse esporte fora dos ciclos elitistas. A ideia de democracia racial, por exemplo, exposta no livro de Mário Filho, hoje é encarada como algo mitológico por estudos mais

contemporâneos, como o de Ricardo Pinto dos Santos,¹³ haja vista as tensões existentes em torno da inserção do negro no futebol brasileiro nunca terem cessado, nem mesmo nos momentos de euforia pela conquista de títulos nacionais, como apresenta Leonardo Pereira (2000). Ademais, cartas escritas e publicadas por periódicos também foram utilizadas para identificar as vozes de alguns sujeitos no recorte analisado.

Além deles, Atas do Clube de Regatas Vasco da Gama nos ajudaram a identificar episódios que a análise no material da imprensa de época não seria suficiente. Tomando como exemplo a relação de Nelson da Conceição, goleiro que foi três vezes campeão da Liga Suburbana de Futebol defendendo o Engenho de Dentro, com o clube de origem portuguesa, isso pode ser visto mais claramente no decorrer do texto. Os estatutos e regulamento de competições e clubes também foram, parcial ou integralmente, objetos de grande contribuição para a nossa pesquisa ao fornecer informações que somaram e muito para a reflexão do desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro. O trabalho feito no Centro de Memória do Vasco da Gama é de valor inestimável e serve de exemplo para qualquer instituição esportiva.

Para tanto, dividimos o presente trabalho nos seguintes capítulos: Capítulo I – Uma região com futebol: Os Subúrbios de que falamos; Capítulo II - Como a bola rolou: O futebol carioca no início do século XX; Capítulo III – Como o futebol se desenvolveu: Clubes e Ligas no Rio de Janeiro; e Considerações Finais.

No primeiro capítulo apresentamos as definições acerca do que consideramos subúrbio para a nossa pesquisa, bem como explicitamos a história da região que nos debruçaremos com mais atenção: o Engenho de Dentro. Tal abordagem é interessante para termos um quadro mais abrangente sobre o cenário em que o futebol se desenvolve. Ao falarmos nesta parte sobre Liga Suburbana de Futebol, é interessante contar um pouco da história do espaço geográfico em que esta competição é criada.

Já no segundo, optamos por destacar as diversas origens para o futebol no Rio de Janeiro e também os variados caminhos que tomou o seu desenvolvimento. Sendo assim, na nossa concepção, falar em futebol carioca no início do século XX está longe de ser contar a história de um clube ou mesmo de uma única competição, mas sim contextualizar esses fatores dentro de uma conjuntura maior, na qual, bem como ocorre com as diversidades apresentadas em relação à origem do esporte bretão no Brasil, também acontece com o seu desenvolvimento. Por isso, apresentamos as formas que

¹³ SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Futebol fora do Eixo – Uma história comparada entre o futebol de Salvador e Porto Alegre**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

este esporte se desenvolveu majoritariamente entre os clubes do Centro/Laranjeiras/Botafogo e nas regiões suburbanas, bem como a visão de literatos e estudiosos da época sobre o esporte.

O capítulo três trata das formas que as variadas camadas sociais cariocas utilizaram para a organização do futebol no Rio de Janeiro. De maneira detalhada, analisamos o caso do Engenho de Dentro A.C. a partir da década de 1910, bem como sua relação conflituosa com o Vasco da Gama em relação ao profissionalismo marrom relatada no jornal Gazeta Suburbana. O olhar deste período em torno deste processo, aliás, é de grande relevância para nos permitir vislumbrar a reação de parte dos subúrbios para a transferência de seus jogadores para times da Liga Metropolitana de Sports Athleticos. Como forma de identificar isso no cotidiano, analisamos o caso Nelson da Conceição com um maior grau de detalhamento.

Por fim, as Considerações Finais são a maneira de apresentarmos algumas conclusões sobre o presente trabalho. Longe de serem definitivas, elas apresentam uma síntese a respeito da maneira como encaramos nosso objeto de pesquisa neste momento, questões que podem ser trabalhadas a partir do que analisamos e de que maneira esperamos contribuir para o estudo do futebol no Rio de Janeiro.

Acreditamos que a história não é apenas uma ciência que se debruça sobre o passado a fim de trazer elementos aleatórios para saciar a curiosidade do presente, mas sim um instrumento que, por meio dos fatos pretéritos, ajuda a elucidar o momento atual. Neste sentido, pensar na cultura brasileira é, inegavelmente, pensar em uma de suas principais manifestações: o futebol. Contudo, para entender a primazia desse esporte nos dias de hoje, faz-se necessário olhar seus antecedentes, como propõe o presente trabalho em relação ao Rio de Janeiro.

Escolher o elemento de uma determinada sociedade para fazer uma análise não é uma tarefa fácil, tão pouco se dá sem uma justificativa. A escolha do futebol como a janela pela qual será possível compreender melhor o modo de vida das diversas camadas sociais do Rio de Janeiro no início do século XX se deu em razão de tal hábito ser, há décadas, um fator cultural preponderante. As mudanças socioeconômicas ocorridas nos últimos anos na sociedade brasileira tornaram ainda mais evidente a necessidade de aprofundar temas que dão destaque às camadas outrora esquecidas pelos historiadores. Homens e mulheres *comuns* deixaram de ser vistos como seres passivos em sua própria história e passaram a ser percebidos em sua plenitude, o que exige da

historiografia que se debruce sobre temas em que tal visão esteja mais bem exemplificada.

O futebol, enquanto esporte que se desenvolveu no Rio de Janeiro no início do século XX, foi aquele que melhor se adequou às possibilidades e desejos das camadas menos abastadas, ainda que os segmentos elitistas buscassem monopolizá-lo em torno de si. Por essa razão, esse jogo também possibilitou a muitos de seus praticantes superar algumas barreiras que lhes eram impostas em outros ramos da vida cotidiana. Assim, é de grande importância que a história volte seu olhar para esse momento, no intuito de entender alguns elementos que expliquem a sua popularização e também quais os impactos disso no dia a dia desses indivíduos. Tendo este conhecimento, iniciamos o presente trabalho conceituando os subúrbios cariocas.

Capítulo I – Uma região com futebol: Os Subúrbios de que falamos

O futebol é o nosso principal objeto de análise no presente trabalho, todavia, ele não é o único, haja vista a relação que estabelecia com diversos elementos do Rio de Janeiro no início do século XX. Como um dos nossos olhares se debruça a respeito do seu desenvolvimento nos subúrbios cariocas, optamos por trazer no primeiro capítulo a definição do que conceituamos como subúrbio e de que maneira este esporte se desenvolveu na região.

Para tanto, faremos uso da interdisciplinaridade ao longo desta reflexão sobre a definição de que subúrbios estamos falando. Por meio da leitura de trabalhos na área de geografia, apresentamos definições variadas sobre as transformações deste espaço geográfico nos séculos XIX e XX. Tal procedimento se mostra de extrema importância para entendermos o cenário em que o futebol é recebido pelos suburbanos.

Neste sentido, também aproveitamos o espaço para apresentar a região do Engenho de Dentro, a qual trabalharemos com mais intensidade em outros capítulos ao falarmos do Engenho de Dentro A.C., clube esportivo fundado na localidade e que conquistou o tricampeonato da Liga Suburbana nos anos de 1916, 1917 e 1918. Região que serviu de moradia para muitos trabalhadores devido a instalação da oficina da Estrada de Ferro Dom Pedro II/Central do Brazil, é nesta localidade que são fundados os Fantasmas Azuis e, sem os quais, o presente trabalho não poderia ser realizado.¹⁴

Ao escolhermos analisar este processo nos deparamos com um cenário interessante pelo qual o esporte se desenvolveu na região a tal ponto que permitiu o estabelecimento de contatos com outros grupos inicialmente fora deste círculo. Assim, é importante reforçarmos a ideia de que a Liga Suburbana de Futebol foi uma das várias formas de competição que surgiram na então Capital Federal no início do Século XX. Não obstante, ao fazer uso do termo *suburbano*, seus praticantes trazem para si uma noção de identidade que começava a ganhar forma. Paralelamente, a concepção do que seriam os subúrbios encontrava-se em franca construção inserida em uma gama de complexidade e diversidade que esperamos explorar nas linhas que se seguem abaixo. Ainda que hoje em dia haja um senso comum sobre o perfil dos moradores dos subúrbios cariocas, esta unicidade de concepção não se fazia presente no início do século passado, sobretudo quando nos deparamos com os mais variados sujeitos e

¹⁴ <http://edac-futsal.webnode.com/sobre-o-clubes/do-inicio-aos-dias-atuais/> Acessado em 28/12/2017, às 11h33min.

veículos que falavam sobre os subúrbios do Rio de Janeiro. Estes, por sua vez, são objetos de grande complexidade e que exigem um olhar atento para que se possa dar conta disso.

1.1.O conceito de Subúrbios

O conceito do que vem a ser subúrbios é importante para nos ajudar a delimitar a área em que estamos trabalhando. Segundo Giancarlo Livman Fabretti (2013), o subúrbio pode ser definido como “a área do entorno metropolitano no qual a classe trabalhadora proletarizada foi se estabelecer”.¹⁵

Esta definição vem ao encontro do que também analisa Maurício de Almeida Abreu (2010), para quem as regiões suburbanas foram ocupadas pelas camadas pobres da população carioca.¹⁶ Segundo ele, tal movimento se deu em virtude das Reformas de Pereira Passos, as quais direcionaram um grande contingente da população carioca para os subúrbios.

Para a geógrafa Elizabeth Dezouart Cardoso, subúrbio pode ser definido como a área na cidade do Rio de Janeiro situada “em torno dos caminhos das estradas de ferro, englobando dezenas de bairros onde se localizavam moradias da maior parte as camadas de baixa renda”.¹⁷ Originalmente, o termo referia-se a área distante do centro e com pouca densidade populacional, como reforça a autora, mas no caso do Rio de Janeiro a força deste termo é tamanha que provocou este deslocamento.

Leonardo Soares dos Santos destaque que ainda na década de 1890 o subúrbio “era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários”,¹⁸ pois esses indivíduos podiam arcar com as despesas de traslado para o Centro da cidade. Não obstante, principalmente após as Reformas de Pereira Passos (1902-1906), essas regiões receberam um afluente de gente pobre que modificou o significado de seu termo. Segundo ele, a modernização da Capital foi um fator que corroborou para esta mudança, já que a urbanização, o saneamento e o alargamento das

¹⁵ FABRETTI, Giancarlo Livman. *A metropolização vista do subúrbio: Metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2013, p.9.

¹⁶ ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2010.

¹⁷ CARDOSO, Elizabeth Dezouart. *Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX – Os Subúrbios Cariocas*. URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP, p. 238.

¹⁸ SANTOS, Leonardo Soares dos. *De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas*. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 20, n.2, 2015, p.64.

principais vias do Centro da cidade e da Zona Sul davam às demais regiões suburbanas um aspecto rural, devido também a grande presença de fazendas, sítios e outros espaços agrícolas. Contudo, essas paisagens também sofreram modificações neste processo.

A valorização imobiliária ocorrida na área central do Distrito Federal não deixaria incólumes suas áreas adjacentes, isto é, à medida que o preço do terreno foi aumentando e o número de cortiços diminuindo, muitos moradores não tiveram como se manter nessa região. Alguns ocuparam os morros, mas outros não tiveram escolha a não ser buscar em localidades alternativas moradias mais condizentes ao seu poder aquisitivo. Assim, as áreas rurais da Zona Norte e da Baixada Fluminense se tornaram um grande polo de atração para essas pessoas, tendo em vista que para os donos desses terrenos também se tornara mais rentável dividi-lo em lotes a serem vendidos ou alugados.

Desta forma, podemos perceber que no período que antecedeu a reforma urbana de Pereira Passos, os subúrbios eram vistos como regiões em que “espessas mattas de arvores gigantescas desenrolam-se às nossas vistas e suas garimpas parecem querer tocar no firmamento”.¹⁹ Posteriormente, estas belíssimas matas assim descritas deram lugar à alcunha de “Mato Grosso”²⁰ ou “Sertão”.²¹

No Rio de Janeiro, o termo subúrbio traz mais do que uma simples localização geográfica. Ele o é, por um lado, a caracterização de uma região que apresentava elementos pejorativos, quando em comparação à região central. Fernandes, por exemplo, estuda suas semelhanças com os sertões.

As características objetivas que podem aproximar os subúrbios dos sertões estão associadas à escassez dos aparatos urbanos e recursos técnicos disponíveis naquele momento, a exemplo da falta de calçamento e iluminação pública, da precariedade em relação aos transportes, da ausência de saneamento básico, entre outros quesitos, que a partir do início do século XX ficaram restritos às áreas centrais do Rio de Janeiro, já prontamente modernizadas e civilizadas pela reforma de Pereira Passos.²²

A caracterização destes espaços foi fruto de um processo de criação de identidade por parte dos sujeitos que os habitavam e também por aqueles que dos

¹⁹ *Progresso Suburbano*, em 16/04/1902, p.5.

²⁰ *O Suburbio*, em 07/09/1907, p.1.

²¹ FERNANDES, Felipe Moura. *Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral*. Tese (Doutorado). São Paulo, USP, 2017.

²² FERNANDES, 2017, P.164.

subúrbios estavam distantes. Em ambos os casos, é preciso ressaltar que, como aponta Kathryn Woodward, a identidade é relacional²³ e que, para tanto, depende de algo fora dela para existir.

No caso suburbano, por exemplo, a construção de sua identidade se dá, entre outros, por meio de símbolos que reforçam a sua percepção. Em 31 de julho de 1918, a revista *Tico –Tico* trouxe em suas páginas elogios a um determinado instrumento comum no futebol: “As bolas Victoria produzem o mesmo efeito que as estrangeiras. A Liga Suburbana adopta-as e com grande resultado”.²⁴ A mensagem nos apresenta dois pontos importantes para refletir sobre a noção de pertencimento manifestada em torno daquele objeto. Em primeiro lugar, vemos que a comparação de sua qualidade a de um artefato estrangeiro se dá em um cenário de final da Primeira Grande Guerra (1914 – 1918). O Brasil, ao longo deste período, teve dificuldades para importar produtos, sendo esta uma das razões para ter havido um estímulo à indústria nacional. Neste contexto, a qualidade das bolas Victoria é comparada as das que chegavam do Velho Mundo. Em segundo lugar, a referência à Liga Suburbana não só é clara, como também chama a atenção por indicar a pujança daquela competição e a identificação que era possível se fazer a partir dela.

A revista *Tico-Tico*, como explicado no site da Biblioteca Nacional,²⁵ fora fundada em 1905, pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Voltada para o público infanto-juvenil, ela não poderia deixar de falar dos esportes, que cresciam e ganhavam cada vez mais adeptos em sua faixa etária de atuação. Assim, a nota falando das bolas Victoria reforça sua qualidade pela utilização na Liga Suburbana e aponta a identificação de parte de seus leitores com a prática esportiva do esporte bretão nos subúrbios.

A construção do conceito de *subúrbios* foi objeto de disputa na Capital Federal. Elizabeth Dezouart Cardoso apresenta este embate em seu trabalho **Representações e Identidade na Cidade na Primeira Metade do Século XX – Os Subúrbios Cariocas**. Segundo ela, a maior parte das noções pejorativas envolvendo estas regiões vinha da imprensa de grande circulação no Rio de Janeiro. Não obstante, “as publicações do

²³ WOODWARD, Kathryn. “*Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 8.

²⁴ *Tico-Tico*, em 31/07/1918, p.18.

²⁵ <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-tico-tico/>. Acessado em 21/12/2017, às 16h09min.

Subúrbio criaram e veicularam representações tanto positivas quanto negativas sobre a área em foco, cada uma anulando a outra”.²⁶

Segundo Cardoso, a imprensa foi determinante para a atribuição de características pejorativas para as regiões suburbanas em um período que, curiosamente, bairros como Copacabana, Leblon e Ipanema, que também poderiam ser considerados subúrbios, receberam outras descrições. Definir estas regiões como Zona Sul, para Cardoso, ainda é uma atitude prematura na segunda década do século XX, não obstante, os lados norte e oeste da Capital Federal já podem ser vistos como típicos de regiões suburbanas.

Essas representações sobre o Subúrbio vieram inclusive a, além de ajudar a cimentar a valorização da Zona Sul e o processo de auto-segregação das camadas de renda superiores aí, criar um enorme preconceito relativamente ao Subúrbio, seus moradores e quase tudo de que lá viesse.²⁷

Na imprensa suburbana, por sua vez, a região era retratada de formas variadas. Quando se fazia a necessidade de requerer algum melhoramento por parte dos agentes públicos, termos pejorativos eram destacados. Em edição de 27 de julho de 1907, o jornal *O Suburbio*, no intuito de reforçar um dos objetivos de suas publicações que era o de proporcionar aos seus leitores “e ao publico em geral todo o conforto, todo bem estar”²⁸ tece algumas considerações sobre um logradouro do bairro Riachuelo.

A rua dr. Dino Teixeira, a principal do lugar, está deploravelmente conservada. Cheia de buracos e sem calçamento, metamorphoseada n’um lençol de lama e pra maior divertimento dos transeuntes, uma malta de cães bravios preambulam por ahi atacando e perseguindo os transeuntes.

É percorrida em toda a extensão por uma linha de bonds que só aparecem de 30 em 30 minutos, cujos animaes, devido ao seu estado de fraqueza, mal podem transportar os passageiros que chegam atrasados aos seus destinos. (...) Notamos que a hygiene desconhece a existência deste lugar, distante 20 minutos da Estação, porque é considerável o numero de pântanos e charcos, cujas estagnadas contribuem para a insalubridade.²⁹

²⁶ **CARDOSO**, 2014, p. 237.

²⁷ **CARDOSO**, 2014, p. 245.

²⁸ *O Suburbio*, 27/07/1907, p.1.

²⁹ Idem à nota 28.

A publicação destaca a ausência da presença do poder público, o qual, por meio das autoridades locais, deveria dar mais atenção à região. Apresentando-se como portavoz das populações suburbanas, este periódico “independente, noticioso, literário e consagrado aos interesses locais”³⁰ solicita “urgentes providencias, chamamos a atenção das autoridades locais”. Neste caso, as características negativas da região são destacadas como reforço para que o pedido seja aceito, como ocorrera em outras situações.

A própria imprensa local descrevia a região desta maneira. Em *O Suburbio*, de 7 de setembro de 1907, o contraste com o centro da cidade do Rio de Janeiro é exibido com mais contundência.

O centro da cidade já está civilizado. Pelo menos não é o botocudo que era há meia dúzia de anos apenas. É tempo de cuidar também dos pobres subúrbios, se não apodreceram já roídos pela gafeira, nos braços deprimentes do abandono, em que têm vegetado até agora.³¹

Por outro lado, a fim de dar destaque a bairros da região ou atividades lá praticadas, fazia-se uso de adjetivos positivos. O *Progresso Suburbano*, órgão noticioso, recreativo e literário, que fora criado para “pugnar pelos interesses da população dos subúrbios”,³² nos fornece um exemplo disso. Sem deixar de lado a função de dar “o grito de alarma todas as vezes que for necessário para despertar as nossas autoridades e pô-las alerta”,³³ ele fazia uso de outros mecanismos para falar sobre os subúrbios cariocas.

Procuraremos por meio de publicações, tornar bem conhecido o nosso commercio suburbano, afim de lhe dar maior impulso e desenvolvimento para que possa nivelar-se ao do centro comercial. Não trataremos de política; procuraremos deleitar nossos leitores com boas poesias, contos amenos, sciencias, litteratura e diversões.³⁴

Em sua primeira edição, isso já pode ser percebido. São frequentes e comuns as notas nas oito páginas da publicação tocando em pontos específicos sobre os subúrbios. Além de anúncios comerciais, há informações sobre eventos sociais, poesias e notícias de associações. No espaço intitulado *A vida nos subúrbios*, por sua vez, o *Progresso*

³⁰ *O Suburbio*, 27/07/1907, p.1.

³¹ *O Suburbio*, em 07/09/1907.

³² *Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p.1.

³³ Idem à nota 32.

³⁴ *Progresso Suburbano*, 02/03/1902, p.1.

Suburbano apresenta a maneira com enxerga a situação da região e de que maneira pretende abordá-la.

Rápido e bem rápido tem sido há anos para cá o desenvolvimento dos subúrbios. A população da zona suburbana tem crescido de uma maneira extraordinária; o comércio tem-se espalhado e desenvolvido consideravelmente levando a vida e a animação em todo local onde tem penetrado.

Vê-se por toda a parte, como que a vida querendo surgir forte e vigorosa; mas, ao mesmo tempo, vê-se tolhida por grandes impecilhos, verdadeiras barreiras invencíveis que não a deixam prosseguir, tudo isto devido à falta de melhoramentos locais.³⁵

Podemos perceber o reconhecimento do periódico de que a região suburbana necessita de melhoramentos por parte do Poder Público, tal qual também apontava *O Subúrbio*, não obstante, o jornal opta por utilizar também termos positivos para falar da região.

Em outra edição, do dia 7 de setembro de 1902, o *Progresso Suburbano* enaltecia a tranquilidade encontrada para se viver nestas localidades, ao contrário do que se via no centro.

Quão diferente é a vida nos subúrbios! Longe do ruído ensurdecedor que endoucece, gozando de um silêncio que deleita, sente-se na alma um prazer infinito. Sob a abóbada cerúla de um céu sempre sereno gozando a brisa suave, que, mansamente, vemos e apreciamos as verdadeiras maravilhas da natureza.³⁶

Longe de ser a região “os malfeitores de toda casta que neste último tempo tem infestado”,³⁷ como certa feita fora afirmado no jornal *Gazeta de Notícias*, os subúrbios cariocas são uma região extremamente complexa e sobre qual se debruçaram alguns dos principais literatos do Brasil. Lima Barreto, por exemplo, já fizera uso de adjetivos elogiosos para falar sobre o bairro do Méier. “É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos”³⁸ afirmara o cronista em *A estação*, pouco depois de destacar os inúmeros estabelecimentos comerciais existentes na região (confeitarias, padarias, botecos, cinemas, casas de jogo patenteada).

³⁵ Idem à nota 34.

³⁶ *Progresso Suburbano*, em 16/04/1902, p. 3.

³⁷ *Gazeta de Notícias*, em 14/12/1905, p. 4.

³⁸ *Gazeta de Notícias*, em 06/10/1921, p. 3.

As regiões suburbanas se desenvolveram, em boa medida, no entorno das estações de trem que eram criadas com o desenvolvimento do transporte sobre trilhos. Andaraí, Piedade, Cascadura, Madureira, Riachuelo, Inhaúma, o próprio Méier e o Engenho de Dentro, este último nosso objeto de análise principal, são alguns dos bairros que assim já eram considerados suburbanos no início do século XX. Ainda que neste período a sua caracterização estivesse sendo moldada, é de grande importância nos debruçarmos sobre tal processo.

1.2.O Engenho de Dentro: o centro populoso

A Lei Orgânica do Distrito Federal de 1892 transformou as paróquias e freguesias nas quais se dividia a Capital Federal em Distritos Municipais, mas não necessariamente todos eram urbanos.³⁹ Dos 21 distritos criados, 8 eram considerados rurais: Ilha de Paquetá, Ilha do Governador, Santa Cruz, Campo Grande, Irajá, Guaratiba, Jacarepaguá e Inhaúma, este último de nosso interesse maior.

“A freguesia rural de São Thiago de Inhaúma, pertencente ao Rio de Janeiro, foi criada em 1743, a partir de desdobramentos da freguesia de Irajá”,⁴⁰ mas somente por volta da década de 1870 passou a ter uma ocupação que pode ser considerada urbana.⁴¹ Assim como em outras regiões contempladas a partir da segunda metade do século XIX com a instalação de trilhos, esta região passou a receber, desde então, um afluxo maior de pessoas ao ponto de iniciar os anos 1900 com aproximadamente 70 mil residentes.⁴²

Desta forma, segundo Santos (1996), ainda no século XIX a região de Inhaúma constituía-se por sete “centros populosos”: Cascadura, Cupetino, Piedade, Encantado, Pilares, Praia Pequena e Engenho de Dentro, ocupados antes da Reforma de Pereira Passos.⁴³

Em 1856, no registro de terras, a região do Engenho de Dentro, em quase totalidade do que hoje corresponde ao bairro, aparecia como

³⁹ Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil (1920)*. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1923.

⁴⁰ MIYASAKA, Cristina Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011, p. 15.

⁴¹ SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, USP, 1996, p. 17-18.

⁴² Diretoria Geral de Polícia Administrativa, Arquivo e Estatística. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal): Realizado em 20 de setembro de 1906*. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1907.

⁴³ SANTOS, 1996, p. 17-18.

pertencente aos médicos Francisco Correa Leal e Francisco Fernandes que eram tutores proprietários das terras, por conta do casamento. [...] A propriedade possuía uma sede, uma estrebaria, engenhos de café e de fazer farinha, além de dois fornos, para fabricação de carvão em furna e outro para queimar louça. No século XVIII, as fazendas dessa região eram voltadas para a produção de açúcar e aguardente para exportação, para o abastecimento do mercado interno como cultivo da agricultura e venda de produtos produzidos em olarias e caieiras. Essa função exportadora é reduzida no século XIX e grande parte desses latifúndios passam a ser arrendados por pequenos lavradores, demonstrando que, muitos dos proprietários, não utilizavam mais de toda extensão de suas terras.

Em 1868, os proprietários da fazenda Padilha venderam um lote a Estrada de Ferro D. Pedro II e, em 1869 o diretor da companhia autoriza a construção de novas oficinas da Estrada nesse terreno no Engenho de Dentro, que foram inauguradas em 1871.⁴⁴

Com a instalação das oficinas, foi criado um polo atrativo para a ocupação daquele espaço em imóveis com perfil diferente das grandes fazendas e chácaras até então: cada vez mais casas e pequenos quartos faziam-se presentes nas ruas que nasciam no Engenho de Dentro. Eram pessoas que iriam trabalhar nas oficinas, mas também havia sujeitos que não exerciam profissões ligadas ao novo empreendimento e que faziam da região seu local de moradia.⁴⁵

Além disso, como bem destaca Santos (1996), o Código de Posturas Municipais de 1890 proibiu o funcionamento de alguns estabelecimentos fabris na região central. Com isso, as áreas suburbanas passaram a receber a instalação de empreendimentos que, não só atraíram mais pessoas para as localidades, como também viabilizava o atendimento de necessidades básicas.

No Engenho de Dentro, além das oficinas da Estrada, que empregava centenas de operários em seu complexo, havia também a fábrica de Companhia de Curtumes São Lázaro que iniciou suas atividades no Engenho de Dentro em 1899. Em 1890, os moradores do Engenho de Dentro se queixavam da fumaceira que invadia suas casas, vindas das chaminés das inúmeras fábricas de fumo instaladas na localidade, indicando também a presença de tais fábricas. Além dessas, encontramos anúncios de uma Olaria de Tijolos e telha, de propriedade de José Domingues, em 1891 e que funcionava há uma década na localidade. Domingos José Ferreira, tinha uma Fábrica de café moído, na rua Engenho de Dentro, segundo lista de fábricas do Almanak Laemmert. Além de anúncios em 1890, procurando “moços”

⁴⁴ SERFATY, Elaina Reiola Cirilo. Pelo trem dos subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906). Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2017, p.48-49.

⁴⁵ SERFATY, 2017, p. 57.

e “operárias do sexo feminino” e torneios para trabalharem na Fábrica de Fósforos Brasileiros.⁴⁶

Tais empreendimentos tornaram-se viáveis após a instalação do transporte ferroviário ligando o Engenho de Dentro ao Centro do Rio de Janeiro. Com isso, não só as mercadorias poderiam ser deslocadas de um espaço para outro, como também pessoas podiam fazer este trajeto, devido ao preço acessível dos bilhetes.

Em 11 de maio de 1871, foi inaugurada a Estação de Trem de Engenho de Dentro, em torno da qual, segundo Lima Barreto, em sua crônica *A Estação*:

se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda.⁴⁷

No século XX, a demanda em torno dos trens era diversa, de tal forma que a cobrança sobre seus serviços também se dava de maneira diferenciada. Em 1906, nos “trens dos subúrbios”, o bilhete de 1ª classe custava \$300 e o de 2ª, \$200; nos trens do Ramal de Santa Cruz pagava-se \$700 na 1ª classe e \$400, na 2ª; por fim, nos trens das demais linhas os valores eram de 1\$200 para a 1ª classe e \$700, para a 2ª”.⁴⁸

Já no ano seguinte:

Em 1907, de acordo com informações encontradas no livro *Memória Histórica da Estrada de Ferro Central do Brasil*, a passagem de ida e volta, na 2ª classe de “trens do subúrbio”, era de \$300. Desse modo, o valor mensal gasto com transporte caía para 7\$800. Segundo dados da estatística industrial, desse mesmo ano, o salário mínimo diário de homens e mulheres que trabalhavam em fábricas de tecido de algodão, era de 3\$400 e 2\$500, respectivamente. Isso significa que a despesa com transporte correspondia a 8,8% e 12% de seus rendimentos diários.⁴⁹

Assim, podemos ver que os valores cobrados para utilizar os transportes ferroviários não eram, em um primeiro momento, fatores de repulsão aos grupos proletários, os quais, aliás, engrossaram o perfil sócio econômico das regiões suburbanas. Miyasaka (2011), por exemplo, nos apresenta que em 1906 (no final da

⁴⁶ SERFATY, 2017, p. 61-62.

⁴⁷ Lima Barreto. “A estação”. Beatriz Resende (org.). *Lima Barreto. Coleção Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2005, p. 21.

⁴⁸ MIYASAKA, 2011, p. 40.

⁴⁹ Idem à nota 48.

gestão de Pereira Passos à frente da prefeitura do Rio de Janeiro) a região de Inhaúma (dentro da qual estava o Engenho de Dentro) tem um total de 81% de sua população economicamente ativa. São aproximadamente 30 mil trabalhadores existentes naquela localidade.⁵⁰

Entendemos, portanto, que a urbanização dos subúrbios, importante ressaltar, começa no século XIX. A chegada das estradas de ferro àquelas regiões transforma a sua paisagem com a construção de um grande número de casas e do crescimento do comércio. Não obstante, foi com as reformas capitaneadas pelo prefeito Pereira Passos que tal processo se deu de forma mais intensa e transformadora. O impacto disso vai muito além do crescimento populacional verificado.

Com o estabelecimento de novos grupos nos subúrbios, foram criados novos tipos de relações de sociabilidades de acordo com as possibilidades da região. Aos trabalhadores de baixa renda, por exemplo, Serfaty (2017) destaca que sofreram a mesma exclusão do Centro da Cidade no que se refere à dificuldade de se associar a clubes. Dentro desse cenário, valeram-se de iniciativas privadas (ou longe do olhar público) para se divertir.⁵¹

Tal construção nos permite visualizar a região suburbana em toda a sua heterogeneidade, o que nem sempre é possível quando lhe é incidida um olhar mais superficial. Naquelas localidades, eventualmente tratadas como refúgio dos infelizes ou reduto dos malfeitores de toda casta, também havia indivíduos “ligados ao alto escalão de corporações militares, um funcionário dos Correios”.⁵² Temos, diante deste prisma, a existência de uma aristocracia suburbana, fazendo uso do que Eric Hobsbawm definira como aristocracia operária ao estudar a história da classe proletária inglesa.⁵³

Assim, os subúrbios passaram ser mais efetivamente ocupados por pessoas que traziam consigo hábitos e costumes que seriam executados na região. Em meio à febre esportiva que incidia sobre a Capital Federal, não foi de surpreender que tais elementos também fossem identificados por ali. Temos nos subúrbios cariocas uma sociedade complexa e diversificada. Não muito diferente da que se via em outras regiões. Tomando como exemplo o futebol, nosso objeto neste trabalho, é possível analisar isso

⁵⁰ MIYASAKA, 2011, p. 55.

⁵¹ MIYASAKA, 2011, p. 93-94

⁵² MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011, p. 54.

⁵³ HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do trabalho*. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Berdan. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

mais de perto. Se, por um lado, nas regiões de Botafogo e Laranjeiras alguns dos clubes mais desenvolvidos por ali já participavam de competições organizadas contra outras instituições congêneres, o mesmo pode ser dito em relação a times suburbanos que, em 1907, criaram a Liga Suburbana.

1.3. A bola nos subúrbios

Nos subúrbios os matchs de domingo. Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra cousa. Domingo ultimo foram disputados vários matchs.⁵⁴

O futebol não ficou restrito a um grupo específico no Rio de Janeiro. Nos subúrbios, região chamada de “refúgios dos infelizes”, como dizia Lima Barreto em sua obra intitulada *Clara dos Anjos*,⁵⁵ também havia o desenvolvimento do esporte bretão. Aliás, foi de um clube fundado naquela região a iniciativa para a fundação da Liga Metropolitana, logo, não seria de estranhar que ali também ocorresse a fundação de uma liga própria.

O Football & Athletic Club foi fundado em 1903⁵⁶ por moradores do Andaraí e foi um dos incentivadores da criação da Liga Metropolitana de Futebol. Mudando de nome para Associação Athletica Internacional, ele não era o único clube esportivo da região. Fundado em 09 de novembro 1909 com o nome de Andarahy Athletico Club, esta instituição tinha como objetivo “promover e facilitar o desenvolvimento physico de seus associados por meio dos sports atléticos em geral, e em particular, pela prática do futebol”.⁵⁷ Ligado a Fábrica Cruzeiro, este clube possuía uma relação com os administradores da empresa muito próxima, tanto que a construção do seu campo deveu e muito a iniciativa destes gestores.

Não obstante, a relação do Andarahy com a Fábrica Cruzeiro não era a mesma que outros clubes ligados a indústria possuíam, como acontecia com o Bangu Athletic Club. “Embora seu quadro de sócios fosse formado pelo administrador e pelos dirigentes da Fábrica, seus estatutos não expressavam formalmente qualquer ação em

⁵⁴ Gazeta de Notícias, em 28/03/1907, p. 4.

⁵⁵ **BARRETO**, Lima. *Clara dos Anjos*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro, p. 12.

⁵⁶ **ASSAF**, Roberto e **MARTINS**, Clovis. História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010, p. 19.

⁵⁷ **SANTOS JUNIOR**, N. J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, p.53.

que a empresa fizesse valer, dentro do grêmio, seus próprios interesses”.⁵⁸ Isso, no entanto, não significava um distanciamento do clube da empresa. Mantinha-se um elo que, por exemplo, facilitava o alcance de recursos financeiros, quando necessários, o que permitiu a Santos Junior considerá-lo um clube da fábrica.

A construção do campo do Andarahy foi um bom exemplo disso. Os custos não poderiam ser financiados somente pelo clube e contou com aportes da empresa. Uma vez erguido, esta estrutura passou por reformas, mas já na década de 1920 o seu aluguel era considerado uma importante fonte de renda para o clube suburbano. Em 1922, o Andarahy Athletic Club fazia questão de cobrar pela utilização do espaço.

Illmo. Sr. Presidente do America Fabril Foot-ball Club.

Presente,

Em resposta ao officio de V.S. Cumpre-me informar que a Directoria deste Club resolveu cobrar a importância de Rs. 50\$000 (cinquenta mil réis) por cada jogo no presente campeonato desse grêmio.

Aproveito a oportunidade para fazer sentir a V.S., que por motivos financeiros, exclusivamente, foram a razão que determinamos a Directoria a estipular a taxa supra.

Sem mais, sou com estima e subida consideração.

(Ass.) Mario C. Bacellar

1º Secretario.⁵⁹

A celeuma se dá pela mudança de postura do Andarahy em relação à cessão de seu campo a associação dos operários da Companhia America Fabril. Segundo Mário Filho (2003), a cobrança da taxa surpreende a associação, pois, anteriormente, tal processo ocorria de forma gratuita.⁶⁰ Sendo o America Fabril composto por associados do Andarahy, tal cobrança, na visão do periódico *O Exemplo*, cuja finalidade era tratar exclusivamente dos assuntos da associação dos operários da Companhia America Fabril, é injusta.⁶¹ Não obstante, àquela altura as relações entre instituições esportivas alcançavam outro nível, diferente do que se observava no período de criação da Liga Suburbana.

Chamada de Liga Suburbana de Futebol, a competição foi uma consequência do desenvolvimento do jogo nos subúrbios, região em franca transformação no início do século XX que também passava pelos efeitos das Reformas de Pereira Passos, a qual é

⁵⁸ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. *Um “clube da fábrica” e um “clube de fábrica”: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910)*. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – v.12, n.2, 2013, p.113.

⁵⁹ *O Exemplo: Órgão da Associação dos Operadores da America Fabril*, 17 de junho de 1922, p. 05.

⁶⁰ FILHO, 2003, p. 91.

⁶¹ SANTOS JUNIOR, 2012, p. 57.

discutida pela imprensa em meio aos debates sobre a crise habitacional que assolava a Capital Federal. Não obstante, havia outros elementos agravando ainda mais a situação:

Para agravar a situação havia ainda o grande número de epidemias que tornavam problemática a vida no centro da cidade. E dado o alto custo dos terrenos dos arrabaldes mais próximos como Glória, Catete e Tijuca e mesmo São Cristovão, bairros como Gamboa e Saúde surgiam como a opção de moradia mais viável. Porém, como o tempo mostrou, eram insuficientes para prover tamanha demanda. Surgiam então a opção dos morros localizados no centro mesmo da cidade como Providência, Santo Antônio, São Bento, Conceição e Castelo. Mas tais opções padeciam dos mesmos problemas dos daqueles dois últimos bairros.⁶²

Neste cenário, os subúrbios surgem como opção viável devido, em grande parte, à acessibilidade maior dos preços dos terrenos e à existência de linhas de trem, os quais funcionavam como polo atrativo para moradia de trabalhadores. Nos subúrbios também era possível assistir às partidas de futebol como a que ocorreu em 14 de novembro de 1905, entre o Club Athletico do Meyer e o Joung's Football Club, a qual, segundo o *Gazeta de Notícias*, “correu animada, mostrando ambos os competidores o perfeito conhecimento do jogo”.⁶³ Assim como no Centro da Capital Federal, nos seus arredores também havia gente praticando o futebol e fundando clubes para isso.

A criação de clubes voltados para a prática futebolística é um bom indicador da difusão desse esporte, os quais, quando tendo seu nascimento destacados pela imprensa, recebiam também elogios aos fundadores. A fundação do Athletic Manguera Club, por exemplo, trazia a sua composição sendo feita “por grande número de rapazes fortes e conhecedores deste salutar sport”.⁶⁴ Não era incomum a divulgação em jornais da época sobre a fundação de clubes esportivos. Neste fato divulgado pelo jornal *Gazeta de Notícias*, por exemplo, podemos ver uma dessas situações. Este periódico foi um dos principais do Rio de Janeiro, e chegou às ruas cariocas ainda durante o período imperial, em 2 de agosto de 1875, trazendo aos seus leitores notícias sobre artes, modas, literaturas, teatro e acontecimentos notáveis.⁶⁵ Vendido a quarenta réis, como afirma Nelson Sodré, ele provocou uma verdadeira revolução por ser um periódico popular e

⁶² SANTOS, Leonardo Soares dos. *Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista de Humanidades nº 12 (30), 2011, p. 260-261.

⁶³ *Gazeta de Notícias*, em 15/11/1905, p. 3.

⁶⁴ *Gazeta de Notícias*, em 13/04/1907, p. 3.

⁶⁵ *Gazeta de Notícias*, em 02/08/1875, p. 1.

barato.⁶⁶ Além disso, expandiu seu raio de atuação com o passar do tempo. No início do século XX, os folhetins deram lugar às reportagens, os artigos políticos, às entrevistas, e começou a ganhar espaço temas até então considerados secundários, como o esporte⁶⁷ – com destaque especial ao futebol.

Já o surgimento do Athletic Mangueira Club deve-se ao grande número de adeptos do esporte bretão na região, os quais, caracterizados como detentores do saber deste jogo, se juntam para fundar uma agremiação que permite o exercício dessa prática. Além disso, a nota em si nos permite perceber que era comum a criação de um clube de futebol.⁶⁸ Importante destacar que na região da Mangueira, o Athletic não era a única associação do gênero, haja vista a existência na região do Sport Club Mangueira, que também dedicava às atividades esportivas, dentre as quais se encaixa o futebol. Este, por sua vez, também incentivava a prática do críquete entre seus sócios com a expectativa, na visão do *Gazeta de Notícias*, de gerar o interesse cada vez maior de outros adeptos.⁶⁹

O primeiro campeão da segunda divisão da Liga Metropolitana também era um dos incentivadores do futebol suburbano, sendo, inclusive, apontado como um dos iniciadores da Liga Suburbana. Buscando interagir com equipes de diversas regiões, o Riachuelo figurava como um dos principais desenvolvedores da prática e costumava fazer partidas amistosas contra times como o Botafogo, por exemplo:

Bateram-se em forte peleja os primeiros teams do Riachuelo e Botafogo. Ambos valentes, um é o vencedor do premio Gazeta de Notícias e outro o detentor da Caxambu Coup. Graças ao entrainment e a fortaleza que existem actualmente no primeiro team do Riachuelo, o Botafogo perdeu por cinco goals. Ninguém esperava semelhante resultado. Ao começar o jogo, no lado do Riachuelo notava-se grande receio e algum acanhamento. Conhecedores, no entanto, como são do campo, levaram grande vantagem sobre o adversário.⁷⁰

O rendimento apresentado dentro de campo pelo time do Riachuelo é elogiado pelo *Gazeta de Notícias*, o que nos permite identificar no time suburbano um domínio das técnicas futebolísticas incompatível com a visão de que este esporte estivesse restrito às camadas elitistas, como aponta Pereira (2000). A sua maneira, podemos

⁶⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro*. Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 257.

⁶⁷ <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias>. Acessado em 24/01/2018, às 11h43min.

⁶⁸ *Gazeta de Notícias*, em 22/05/1907, p.4

⁶⁹ *Gazeta de Notícias*, em 22/05/1907, p.4.

⁷⁰ *Gazeta de Notícias*, em 21/04/1907, p.3.

identificar o futebol em grupos sociais variados e, em alguns casos, em grau de desenvolvimento maior do que entre jovens bem abastados, como os que integravam o Botafogo, os quais, segundo a nota, “principalmente os bachs, estiveram peados”⁷¹ durante a partida em que foram derrotados.

Participante da Liga Metropolitana na 1ª divisão, o Botafogo não era um adversário comumente enfrentado pelo Riachuelo, razão pela qual o duelo foi cercado de expectativas, até porque, àquela altura, as duas equipes vinham de uma conquista.⁷² Contudo, apesar de as pretensões do Riachuelo envolverem fazer parte do círculo de equipes que disputavam a primeira divisão da Liga Metropolitana de futebol, isso não era possível no ano de 1907, tanto que o clube não só era apontado como um dos incentivadores de uma competição própria nos subúrbios, como também fazia dos *matches* envolvendo equipes da região uma possibilidade para isso.

A Liga Suburbana se apresentava no ano de 1907 com mais um indicativo do desenvolvimento do futebol nas regiões suburbanas de Engenho de Dentro, Riachuelo, Mangueira, Méier, Andaraí, Riachuelo e Sampaio. Mais do que uma competição elaborada apenas para dar vasão as equipes que, tal qual o Riachuelo, ficara de fora do eixo principal da Liga Metropolitana, essa competição era uma das muitas que foram criadas na Capital Federal naquele mesmo ano. Importante destacar esse ponto, pois, em 1907, outras competições separadas da Liga Metropolitana chamaram atenção da imprensa no Rio de Janeiro, afinal de contas havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra”.⁷³

Esse foi o caso de dois clubes que saíram da agora chamada Liga Metropolitana de Sports Atléticos (LMSA) e buscaram liderar a formação de novos campeonatos: o Bangu e o Rio Crícket. O Bangu⁷⁴ fundou o que ficou conhecido como Taça Bangu, da qual se sagrou campeão, enquanto que o Rio Cricket,⁷⁵ de Niterói, deu início a União Sportiva Fluminense.

Em 21 de março de 1907, o jornal *O Paiz* trouxe a seguinte notícia: “A digna directoria do Mangueira F. B. vai officiar às sociedades congêneres, não filiadas á Liga dos Sports Athleticos, convidando-os para uma reunião em que se tratará da fundação

⁷¹ *Gazeta de Notícias*, em 21/04/1907, p.3.

⁷² *Gazeta de Notícias*, em 27/04/1907, p.4.

⁷³ *O Paiz*, em 15/03/1907, p. 4.

⁷⁴ *Jornal do Brasil*, em 18/08/1907, p.5.

⁷⁵ *Idem* à nota 74.

da Liga Suburbana de Football”.⁷⁶ Em meio ao desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro, alguns clubes suburbanos conseguiram se organizar para realizar uma competição na Capital Federal. Com isso, podemos observar um grau de penetração elevado deste esporte em regiões além do Centro, das Laranjeiras e de Botafogo. Com a realização de uma competição, não se tem apenas clubes envolvidos, mas as consequentes regiões em que estavam inseridos. A competição de futebol nos subúrbios, com estatutos e condições próprios, foi criada em razão do desenvolvimento desse esporte na região e também para dar vazão aos diversos times que não tinham condições de disputar o torneio da Liga Metropolitana de Futebol.

Couberam a quatro clubes comandar a iniciativa para a organização da competição, processo semelhante ao que verificamos nas demais Ligas, em que a sua criação parte de um ou mais clubes interessados no desenvolvimento do futebol: o Riachuelo F.C., o Nacional F.C., o Sampaio F.C. e o Mangueira F.C.

O Campeonato, que oferecia prêmios para os 1º e 2º times, estava previsto para começar em 05 de maio de 1907 e, sob a presidência do sr. Augusto José Teixeira, foi criada uma comissão para a elaboração da lei orgânica da confederação das sociedades suburbanas nos mesmos moldes do que ocorria com a LMSA.⁷⁷ A atitude dessa comissão, que contava como vice-presidente da Liga, Arnaldo Joppert, e como tesoureiro Luiz Maia, “causou bela impressão nos subúrbios, porque o football so terá a lucrar com a ideia em boa hora lembrada e posta em prática pelas ditas sociedades”.⁷⁸

Neste sentido, o *Jornal do Brasil*⁷⁹ divulgou que participaram da 1ª edição do torneio, além do Riachuelo, que seria o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Sport Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois retirou-se por falta de jogadores.⁸⁰

⁷⁶ *O Paiz*, em 21/03/1907, p. 4.

⁷⁷ *Idem* à nota 76.

⁷⁸ *Gazeta de Notícias*, em 30/09/1907, p.4.

⁷⁹ Periódico fundado em 9 de abril de 1891 com uma abordagem em defesa dos interesses monarquistas, mas que mudou seu foco após a morte de Dom Pedro II e se tornou um dos principais veículos de notícias do Brasil. Ao passar a abordar temas do cotidiano, o JB tornou-se um órgão de imprensa mais popular e local, dando também vozes às reivindicações das classes desfavorecidas. Com o sucesso, o *Jornal do Brasil* iniciou o século XX adotando uma feição mais informativa do que opinativa, dentro do qual se insere as notícias sobre os esportes no Rio de Janeiro e, conseqüentemente, o futebol. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>. Acessado em 24/01/2018 às 14h03min

⁸⁰ *Jornal do Brasil*, em 17/06/1907, p.4.

O caso do Sampaio não deve ser pensado apenas do ponto de vista quantitativo, já que àquela altura no Rio de Janeiro seria possível encontrar homens em número suficiente para a montagem de um time de futebol nos subúrbios. É preciso pensá-lo, portanto, sob o prisma da qualidade técnica destes jogadores.

A localidade em que ficava situado o Sampaio, como podemos perceber na imagem I (Caderno de imagens anexo, página 100), era próxima de outras em que o futebol se desenvolvia na região suburbana. Desta forma, no que se refere a limitações geográficas, a falta de jogadores deste clube poderia ser suprida por elementos de outras regiões como forma de evitar a sua saída da competição. No entanto, não foi isso que aconteceu. Aliás, a própria Liga Suburbana conviveu em seu primeiro ano com outros problemas para a sua realização. Houve dificuldade também para sacramentar os participantes de seu torneio inaugural. Além dos clubes já citados, outras equipes suburbanas também tiveram o desejo de aderir a Liga.⁸¹ O Athletic Mangueira Club, por exemplo, foi fundado em 1907 e se acreditava fielmente que seria um dos participantes da Liga Suburbana,⁸² mas não a disputou.

Outro clube apontado como um possível participante da competição, o Esperança Athletic Club, que inclusive chegou a realizar jogos entre seus associados para decidir o time que disputaria a Liga Suburbana, também ficou de fora. Segundo o *Gazeta de Notícias*, o Sr. Augusto Teixeira, presidente da Liga, facilitaria esta possibilidade, mas, quando o torneio começou, também esteve ausente.⁸³

Neste cenário também pode ser incluído o caso do Oriental Athletic Club - depois chamado de Centro Sportivo do Engenho Velho – que, apesar de ter trazido para seu plantel “os bons elementos de dous club de foot-ball que inexperadamente se haviam extinguido: do antigo Latino Americano que jogou na Segunda Divisão da Liga Metropolitana e do valoroso team do Collegio Paula Freitas”,⁸⁴ não agraciou a Liga Suburbana com a sua presença.

Ainda nesta “Liga Alternativa”, a participação de todos os clubes suburbanos não estava garantida. Esperava-se o cumprimento de alguns requisitos mínimos para tanto, bem como também ocorria na Liga Metropolitana de Sports Atléticos. Se nesta competição existiam barreiras práticas como o desprestígio atribuído a 2ª divisão, que sequer proporcionava um troféu ao seu vencedor, a exigência de aluguéis de campos

⁸¹ *Gazeta de Notícias*, em 13/04/1907, p.4.

⁸² Idem à nota 81.

⁸³ *Gazeta de Notícias*, em 21/04/1907, p. 3.

⁸⁴ *Jornal do Brasil*, em 23/07/1907, p. 5.

com o mínimo de condições para um bom jogo, bem como o deslocamento aos estádios dos adversários, eram obstáculos semelhantes que podiam ser encontrados na Liga Suburbana.

A própria procura para assistir aos jogos do Fluminense, como mostrado nas imagens II e III (Caderno de imagens anexo, páginas 101 e 102) da Revista *O Malho*, de 28 de outubro de 1905, indica um desejo de buscar também *matches* com grande qualidade: o Fluminense, principal e melhor time de futebol do Rio de Janeiro, atraía para suas exibições indivíduos que iam além do público elitista que tradicionalmente ocupavam os lugares nas arquibancadas de seu *ground*. Para apreciar um jogo de boa qualidade técnica, os homens e as crianças mostrados na foto, “não querendo ou não podendo marchar com a arame [dinheiro] da entrada, para assistir ao jogo de foot-ball no ground da rua Guanabara”,⁸⁵ se utilizam de diversos métodos para “aprecia todas as peripecias desse jogo que vai se tornando tão popular”.⁸⁶ Afinal, há menos de 3 anos do dia em que foi tirada a foto, havia jogos do mesmo Fluminense gratuitos.

Dentre algumas das vedações impostas pela Liga Suburbana aos seus participantes estava o fato de que um atleta que disputasse outro torneio não poderia estar inscrito naquela competição.⁸⁷ Não obstante, mesmo ciente disso, o Sport Club Mangueira tentou valer-se de jogadores a época integrados ao Bangu Athletic Club (que a época jogava a Taça Bangu, por haver rompido com a LMSA em 1907) para reforçar seus excrete, o que, quando denunciado à Liga, foi vetado, mas lhe traria complicações no final da Liga Suburbana, como mostraremos mais à frente. Apesar desses e de outros contratemplos, a Liga Suburbana foi realizada, o Riachuelo se impôs perante os adversários e, com apenas uma derrota em todo o torneio, foi o vencedor da competição, em relação ao 1º time.

No duelo entre Pedregulho F.C. x Riachuelo F.C, às 16h do dia 26 de maio de 1907, foi dado pelo Riachuelo o kik-off da partida disputada no campo do Athletic Mangueira. O Riachuelo teve uma boa atuação, mas foi derrotado por 3 a 2, graças ao erro do *referee* Soares Pinto [do S.C. Mangueira], que assinalou *off-side* em dois gols marcados pelo Riachuelo. “Aproveitamos a ocasião para chamar a atenção da digníssima directoria da Liga, sobre a escolha dos referees (...) Tivemos também a

⁸⁵ <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905> Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

⁸⁶ Idem à nota 85.

⁸⁷ *Jornal do Brasil*, em 18/08/1907, p. 5.

ocasião de notar as más condições do campo, como a falta de cumprimento de uma resolução última da Liga”.⁸⁸

A Liga Suburbana chegou a montar uma comissão específica para avaliar o estado de alguns campos onde eram disputados os jogos do seu torneio, como também acontecia na LMSA:

O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda a cidade de diversas ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia assim alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade.⁸⁹

O êxito do Riachuelo, por sua vez, não se deu sem uma dose de polêmica, haja vista não só o desenvolvimento do futebol na região – corroborado tanto pelos clubes criados para a prática, como também pela grande assistência aos jogos, como afirma Pereira (2000) – como também a rivalidade entre as equipes representadas na gana pela conquista da competição. Um exemplo aconteceu entre o Riachuelo e o Mangueira na competição que envolvia seus segundos times, já que em relação aos primeiros não houve dúvidas da conquista do clube dos irmãos Joppert (como também era chamado o Riachuelo). A disputa entre os 2º times de Riachuelo e Mangueira envolveu fatores extracampo que apontam para um processo semelhante de desenvolvimento do futebol identificado entre os chamados grandes clubes: em meio a febre esportiva, há a inserção do futebol como um hábito social. A partir do momento que tal prática se torna mais conhecida, ocorre a sua inclusão como atividade em clubes e também a criação de associações destinadas para a sua prática. Posteriormente, a vitória nos *matches* passou a ter uma representação material concomitante ao crescimento da necessidade de organizar uma competição, agora já desejada não só como sinal de desenvolvimento do esporte bretão, mas também como possibilidade de o grau de competitividade entre as equipes ser manifestado. Isso aconteceu nos subúrbios, como podemos analisar até aqui, inclusive no que se refere à gana pela vitória.⁹⁰

Com o *match* entre os segundos times de Riachuelo e Mangueira terminou o campeonato suburbano da presente estação, sendo vencedores, portanto, na 1ª divisão o

⁸⁸ *O Paiz*, em 30/05/1907, p. 7.

⁸⁹ PEREIRA, 2000, p.70.

⁹⁰ *Correio da Manhã*, em 03/10/1907, p.5.

Riachuelo F.C., e na 2ª divisão o Sport Club Mangureira.⁹¹ O duelo decisivo entre as duas equipes terminou com a vitória do Mangureira e, conseqüentemente, com a conquista do título. Contudo, a escalação de um jogador irregular por parte da equipe vencedora acabou dando a vitória ao Riachuelo, que, apesar de ter uma previsão no regulamento que lhe garantiria ser campeão sem entrar em campo, não a aceitou, dado os efeitos positivos – inclusive financeiramente – que a marcação de uma nova decisão poderia gerar: “Em vista disso, o presidente designou o dia 6 do corrente para ser disputado o desempate, tomando parte no time do Mangureira somente jogadores desde club que não tenham jogado em outros clubs de campeonatos”.⁹²

Em carta enviada⁹³ ao Jornal *Correio da Manhã*, a diretoria da Liga Suburbana explicara a sua decisão de punir o Mangureira e dava como motivo principal para isso a previsão no regulamento de sua competição. Contudo, o Riachuelo não aceitava tal decisão e, para pôr fim a tal polêmica, propunha-se a disputar uma nova partida, para a qual o presidente da Liga Suburbana deixou claro estar o Mangureira obrigado a escalar somente jogadores que não tenham disputado outra competição, como era vetada pelo Estatuto.

O Sport Club Mangureira, por sua vez, não só se recusou a disputar nova partida, uma vez que garantia não ter cometido a infração que lhe é imputada, como também em sinal de descontentamento, ameaçou deixar a Liga. Em carta⁹⁴ (leia na íntegra o documento no Anexo V - Caderno de imagens anexo, página 104) também enviada ao *Correio da Manhã*, o clube deixou evidente a sua posição e requereu a saída da Liga Suburbana. Segundo o documento, o clube não aceitava se submeter a “preponderâncias arbitrárias”⁹⁵ e a “injustiça clamorosa que lhe é feita, e muito menos a imposição de um desempate, pois é impossível haver desempate, onde não há empate”.⁹⁶ Vendo-se, pela análise da fonte, que na visão do S.C. Mangureira havia um claro favorecimento da Liga Suburbana ao Riachuelo, a saída da competição era a alternativa mais efetiva para ter a confirmação de sua conquista.

A tática adotada pelo clube deu certo, pois o resultado da celeuma chegou ao fim com o título sendo imputado ao Mangureira, mas mesmo assim o clube não se filiou à Liga Suburbana em 1908. Analisando isoladamente este episódio, pareceu-nos difícil de

⁹¹ *A Notícia*, em 02/10/1907, p. 3.

⁹² *Correio da Manhã*, em 03/10/1907, p.5.

⁹³ *Idem* à nota 92.

⁹⁴ *Correio da Manhã*, em 06/10/1907, p.8.

⁹⁵ *Idem* à nota 94.

⁹⁶ *Correio da Manhã*, em 06/10/1907, p.8.

entender os motivos para a sua saída mesmo após ter reconhecido o título. Não obstante, o Mangueira não foi o único clube a desligar-se da Liga Suburbana em 1908. O Riachuelo, vencedor em 1907, também a deixou no ano seguinte ao da conquista. Os motivos para tal decisão, por sua vez, estavam longe de ser ligados a uma possível redução de sua atividade no mundo futebolístico:

Vão muito adiantados os trabalhos da construção do ground de deste club.

O campo, que fica esplendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Magalhães Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento. [...]

Agora mesmo, no intuito de treinar os associados, visto como desligou-se da Liga Suburbana, este club acaba de instituir o Campeonato Jupyra que será disputado annualmente somente pelos teams compostos de seus associados.

Bravos ao Riachuelo!⁹⁷

A saída da Liga Suburbana, portanto, encontra substituição com a instituição de uma competição de futebol entre os seus próprios associados, ao mesmo passo que o clube iniciara a construção de um espaço destinado não só a prática do esporte bretão, como também a diversas outras atividades esportivas. Desta forma, não só a pujança do futebol nos Subúrbios é notável, como também de outras práticas esportiva. Ainda que a Liga Suburbana não tenha conseguido se tornar uma competição ativa em todos os anos seguintes ao de sua criação (1907), o futebol esteve presente na região se tornando cada vez mais parte dos hábitos de seus moradores.

Os clubes que estavam fora da Liga Suburbana, por exemplo, não ficaram parados. Os subúrbios do Rio de Janeiro não tinham suas atividades esportivas limitadas ao futebol. Embora bastante disseminado na região, ele se desenvolvera em torno do crescimento dos esportes em geral, os quais se faziam presentes em suas mais diversas modalidades. De tal forma, novos espaços eram criados para tal finalidade:

Dia a dia mais se desenvolve no espírito da mocidade o gosto pelos sports que tanto têm concorrido para a resistência physica e admirável robustez intellectual dos inglezes e americanos do norte.(...)

No ex-Oriental Athletic Club e hoje Centro Sportivo do Engenho Velho, encontrarão as famílias do bairro Engenho Velho um centro de diversão e de desenvolvimento physico perfeito e completo para as crianças, rapazes e senhoritas desde que sejam estabelecidos todos os jogos ao ar livre de que cogitam os estatutos hontem aprovados.⁹⁸

⁹⁷ *O Paiz*, em 24/05/1908, p. 8.

⁹⁸ *Jornal do Brasil*, em 28/07/1907, p. 10.

Concomitantemente, o futebol também se mantinha presente no cotidiano das regiões suburbanas. Mais do que atividades ocasionais, os eventos esportivos faziam parte das relações de sociabilidade das localidades em que aconteciam. Como nos permite inferir por meio da leitura do *Jornal do Brasil*, as pessoas que participavam deste tipo de atividade eram diversas e não se limitavam ao universo masculino. Ao destacar a presença de senhoritas, o *Jornal do Brasil* indica a participação feminina nesta febre esportiva que incidia sobre o Capital Federal no que se refere às atividades suburbanas, ainda que limitadas pelas condições sociais da época em relação ao papel da mulher.

A disputa de partidas amistosas pelo Rio de Janeiro foi uma boa ferramenta da qual alguns clubes fizeram uso neste processo. O Mangueira, por exemplo, foi um dos que mais se valeram deste artifício para se manter ativo e conseguir filiar-se à Liga Metropolitana de Sports Atléticos, como aconteceu no terceiro ano de sua existência.⁹⁹ A existência de *matches* amistosos era uma representação de como o futebol se mantinha ativo na região entre aqueles que não faziam parte das competições esportivas, as quais, também é importante destacar, eram muitas, haja vista até mesmo buscar haver uma integração entre elas por meio de partidas específicas:

Liga Suburbana de Foot-Ball. Esta Liga cogita em convidar a União Sportiva Fluminense para um match que se deverá realizar em meados de setembro próximo. Para este fim a directoria reuniu-se segunda-feira passada e formou o scratch que deverá representar a Liga.¹⁰⁰

Ainda que não exclusiva, a Liga Suburbana acabara se mostrando um símbolo de representatividade local no futebol. Mais do que apenas uma competição entre times de uma região, ela era também um importante polo de identidade em torno de um hábito e, principalmente, de uma maneira de praticar algo, como podemos perceber a partir da década de 1910. Neste período, o futebol suburbano se vê diante do processo que ficou conhecido por *Profissionalismo Marrom*,¹⁰¹ tendo, neste cenário, dificuldades para se manter como fora concebido até então.

⁹⁹ *A Imprensa*, 30/06/1909, p.5.

¹⁰⁰ *O Subúrbio*, em 24/08/1907, p.3.

¹⁰¹ Profissionalismo Marrom pode ser entendido como uma prática de remunerar jogadores pelo seu bom desempenho em uma partida de futebol durante um período em que essa prática era proibida.

Fruto de um processo de consolidação que precisou de anos para alcançar a sua maturação e, principalmente, estava atrelado ao crescimento esportivo que acontecia na Capital Federal, o futebol nos subúrbios Cariocas teve um desenvolvimento próprio que traz aproximações e distanciamentos com o que ocorreu em diversas outras regiões do Rio de Janeiro.

O mapa da imagem VI (Caderno de imagens anexo, página 105) referente ao espaço geográfico do Rio de Janeiro no início do século XX é elucidativo neste sentido. As regiões centrais e suburbanas são próximas e, com base em estudos que tivemos contato ao longo da pesquisa, pudemos perceber como a transação de sujeitos por estas áreas mostrou-se importante para ambas as localidades. No caso suburbano, por exemplo, em que a entendemos como uma área próxima ao Centro da Cidade, esse trânsito de pessoas foi importante para o desenvolvimento das práticas esportivas. O contato com esses hábitos em regiões como a Botafogo, por exemplo, não impedia a sua disseminação com novos significados no Riachuelo. Ainda que distantes geograficamente, havia possibilidades de tais deslocamentos serem realizados dentro do Rio de Janeiro, como indicam os amistosos disputados entre equipes destes bairros, o que inviabiliza a ideia de enxergar o desenvolvimento do futebol de forma não integrada, ainda que diferenciada.

O desenvolvimento da prática futebolística levou à criação da Liga Metropolitana de Futebol e da Liga Suburbana de Futebol. Esta competição, que teve como primeiro vencedor o time do Riachuelo, não só foi criada para dar vazão às equipes impossibilitadas de participar da Metropolitana, como também representou uma forma de manifestar a pujança do esporte na localidade.

O futebol adquiria, assim, diversos significados a depender do grupo que o praticava. No entanto, isso não significa que estamos falando de uma dualidade entre o futebol jogado no Centro, em Laranjeiras ou em Botafogo e aquele jogado nas regiões suburbanas. Se não podemos identificar elementos das camadas baixas em ambos, haja vista as barreiras impostas pela Liga Metropolitana a participação de alguns perfis, o mesmo não pode ser dito sobre os sujeitos detentores de poder econômico e status social. Estes estão presentes em clubes como Fluminense e Botafogo, assim como também são vistos no Riachuelo. Conseqüentemente, o estudo sobre o futebol nas regiões suburbanas ganha uma carga elevadíssima de complexidade ante a agentes tão heterogêneos e que fogem da visão simplista que esta análise poderia ter se feita de maneira superficial. A ideia dicotômica de um futebol praticado pela elite totalmente

diferenciado do que era jogado nos subúrbios carioca não se sustenta. Havia diferenças, porém também existiam muitas semelhanças que nos ajudam a construir a presente concepção.

Capítulo II - Como a bola rolou: O futebol carioca no início do século XX

Tal história do futebol, muitas vezes contada e que fez de personagens históricos como Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro – todos com suas origens europeias e embebidos das boas normas britânicas -, os heróis fundadores do futebol brasileiro, deve, contudo, ser mediada com outras narrativas. Talvez menos glamorosas, e menos aristocráticas, outras narrativas sobre as origens do futebol no Brasil apontam para a diversidade das “origens” do esporte no país.¹⁰²

A história do futebol no Rio de Janeiro não começa, portanto, de maneira una, isto é, a origem deste esporte sendo trazido a então Capital Federal por um mito fundador não só é apenas uma das muitas formas de sua inserção na região, como objeto de apropriação por um grupo e ressignificação para outros. “Na vida humana há sempre o elemento da imprevisibilidade e da surpresa, que torna difícil, senão impossível, afirmar que tal evento determinou outro acontecimento”,¹⁰³ razão pela qual também optamos por partir nossa perspectiva de uma origem múltipla e diversificada para a chegada do futebol no Rio de Janeiro. Sendo assim, na nossa concepção, falar em futebol carioca no início do século XX está longe de ser contar a história de um clube ou mesmo de uma única competição, mas sim contextualizar esses fatores dentro de uma conjuntura maior, na qual, bem como ocorre com as diversidades apresentadas em relação à origem do futebol no Brasil, também acontece com o seu desenvolvimento.

Assim, ao pensarmos no futebol carioca no início do século XX, estamos pensando em uma prática que se desenvolve em ambientes diversos e, conseqüentemente, entre agentes múltiplos, que vão desde os que podem ser definidos como elite (como conceituamos na introdução deste trabalho) àqueles associados às camadas menos favorecidas. Por isso, neste capítulo, buscamos dar espaço às diversas formas dessa prática esportiva. A partir do que apontou Leonardo Pereira (2000), longe de ser monopólio dos grupos mais abastados, o futebol, já em seu início, apresenta características que o permitem ser praticado por aqueles que não dispunham nem mesmo de recursos para adquirir seus instrumentos,¹⁰⁴ sendo este um dos fatores para a sua disseminação

2.1.O futebol entre os mais abastados: um símbolo de distinção

¹⁰² SILVA, 2006, p. 27.

¹⁰³ NETO, 2008, p. 224.

¹⁰⁴ PEREIRA, 2000, p. 39.

O futebol, entre aqueles que podemos definir como elite no Rio de Janeiro, começa a se desenvolver no século XX como uma das muitas práticas esportivas existentes na cidade. Longe de ser a partir dele que o esporte se tornou uma febre na Capital Federal, foi justamente dentro de um contexto em que tal hábito já se encontrava inserido no cotidiano dos jovens *sportsmen* que o futebol ganhou terreno.

Afinal de contas:

(...) nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, polo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis, automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade [do Rio de Janeiro] e o país, o futebol.¹⁰⁵

Foi nesse contexto que Oscar Cox¹⁰⁶ retornou ao Brasil com instrumentos que permitiam a prática do futebol, mas que não eram requisitos sem os quais se poderia jogá-lo. Importante destacar que um dos motivos que permitiram a disseminação deste esporte na Capital Federal, dentre outros, foi justamente a possibilidade de ser praticado sem a necessidade de ter todos os instrumentos, os quais, por sua vez, poderiam ser improvisados. Contudo, ele não é o único que almejava fazer deste jogo com bola um lazer esportivo na Cidade.

“Teve começo no domingo último (05/05/1901) no jardim da Praça da República, a temporada deste ano dos jogos gymnasticos dirigidos pelo professor Arthur Higgin”.¹⁰⁷ Segundo o periódico, por aproximadamente duas horas e meia, 19 moços se divertiram em três partidas de *hockey* e uma de *football* em uma região a céu aberto do Rio de Janeiro. Longe de ser um ato isolado, os jogos do professor Arthur Higgin foram tentativas de introduzir o futebol na Capital Federal, tanto que por mais de uma vez, ainda no ano de 1901, ele buscou desenvolver isso entre jovens da elite carioca, tendo, em algumas oportunidades, a participação de Victor Etchegaray, um dos

¹⁰⁵ MELO, Victor Andrade de. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX In: MARZANO, Andrea e MELO, Victor Andrade de (orgs). *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p.72.

¹⁰⁶ Oscar Cox foi um dos pioneiros a praticar o futebol no Rio de Janeiro. Nascido no século XIX, ele estudou durante cinco anos na Suíça, onde teve contato com o esporte. No início do século XX, viajou a Londres e trouxe na volta instrumentos que permitiram a prática do futebol. Em 1902, participou da fundação do Fluminense Football Club.

¹⁰⁷ *Gazeta de Notícias*, em 12/05/1901, p. 2.

maiores incentivadores do futebol na cidade e um dos fundadores do Fluminense Football Club. Segundo o pesquisador João Santos (2010), “a iniciativa do professor Higgins mostra como a cidade estava ligada ao desenvolvimento da prática esportiva, apesar de muitas vezes a sua iniciativa ser frustrada”.¹⁰⁸

A frustração a qual o autor destaca se refere ao não acontecimento das atividades esportivas. Os motivos para isso são variados e não iremos discuti-los nesta instância. Contudo, quando se olha a disseminação do futebol entre os membros da elite, percebemos que a frustração eventual estava longe de significar o não desenvolvimento do futebol entre aquele grupo social, haja vista que no ano seguinte às ações do professor Arthur Higgin, começaram a ser fundados os primeiros clubes especificamente voltados para o futebol: o Rio Football Club e o Fluminense Football Club. Se por um lado nem sempre os jogos do professor Higgin em 1901 contavam com grande número de adeptos, por outro isto estava longe de significar a não difusão do futebol na região. A fundação de clubes é um indício disso.

Concomitantemente, outros clubes esportivos aumentaram a frequência com que o futebol foi praticado entre os seus sócios e também contra equipes de outras agremiações. Este “salutar Sport, que também entre nos tem tomado bastante incremento”,¹⁰⁹ ganhou espaço entre os jovens esportistas, como nos indicam as muitas partidas amistosas que ocorreriam espalhadas pela cidade do Rio de Janeiro nos finais de semana.

O Rio Football Club, por exemplo, realizou um *match* no campo do Payssandu Cricket-Club, em Botafogo, contra o Nictheroy (Rio Cricket), em 1903.¹¹⁰ Entretanto, em 1902, o futebol já dava mostras de crescimento entre parte da elite carioca quando o “Sport Club Internacional de S. Paulo veio a esta capital fazer algumas partidas de *football* com o Sport-Rio e com o Sport Fluminense”.¹¹¹

Contudo, a apropriação que a elite carioca fez deste esporte, isto é, o modo de fazer uso de tal prática, acontecia cercado de ritos que lhe dava características próprias e diferenciadas de outros sujeitos. Era preciso fazê-lo respeitando alguns códigos compatíveis com a sua posição dentro da hierarquia social da época. No exemplo do Internacional contra o Rio Foot-Ball e o Fluminense, isso fica claro com o convite feito

¹⁰⁸ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010, p. 15.

¹⁰⁹ *Jornal do Brasil*, em 19/04/1903, p. 4.

¹¹⁰ *Gazeta de Notícias*, em 12/05/1901, p. 2.

¹¹¹ *Jornal do Brasil*, em 03/10/1902, p. 3.

pelos times carioca “aos seus colegas para um banquete que effectuou-se no Hotel dos Estrangeiros”.¹¹²

Além disso, o conhecimento das regras do jogo era essencial entre os *sportsmen*, bem como a utilização de instrumentos típicos deste esporte que não era acessível a todos, dada à necessidade de possuir condições financeiras para tanto. Assim, entre estes, a aquisição de “artigos ingleses, calçados, bolas, caneleiras, bombas”¹¹³ e de um livro contendo as regras do futebol, como os que eram comercializados pela Casa Clark, se tornou um fator de diferenciação:

A técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas.¹¹⁴

A vinculação de produtos como condição necessária para participar de uma atividade esportiva também pode ser vista como uma característica socialmente excludente. A representação dos *sportsmen* bem trajados com indumentárias específicas para os esportes estava presente na infância e acontecia desde a tenra idade. Como indicado na imagem IV (Caderno de imagens anexo, página 103), a revista *A Estação*, em 1900, descrevia como um jovem deveria se vestir para o momento de se exercitar.

Costume para Sport (calção, camisa de sport, jaqueta aberta) para meninos de 13 a 15 annos – Calção de cazemira azul ou branca, jaqueta de flanela lawn tênis lisrada azul e branco como forro de extrafort, adiante, fazendo dupla forrada de entretela sobre 13 cent. Collarinho recortado. Algibeiras pospontadas. Camiza de flanela branca com collarinho deitado e gravata marujo azul; cinto de sport axul; gorro de jockey de duas cores, meias azues e sapatos brancos.¹¹⁵

Ainda assim, se para o grupo com capacidade financeira de adquirir estes instrumentos a sua utilização fazia parte de um ritual social, no qual se diferenciavam dos que não podiam, os excluídos, por sua vez, davam um novo significado a isso por meio de sua postura e conduta em eventos esportivos. Não necessariamente, valeram-se

¹¹² Idem à nota 111.

¹¹³ *Correio da Manhã*, em 20/03/1903, p. 1.

¹¹⁴ PEREIRA, 2000, p.39.

¹¹⁵ *A Estação*, em 15/06/1900, p. 8.

do oposto que era visto em grupos mais endinheirados, porém, criaram alternativas para reproduzirem também a prática esportiva.

O prestígio das autoridades públicas aos jogos de futebol era um importante elemento para a valorização daquela atividade enquanto evento social. Estas eram práticas cujas origens advêm da época Imperial, também passa a fazer parte da realidade futebolística no início do século XX. D. Pedro II, no gozo das suas prerrogativas de Chefe de Estado, era visto no século XIX assistindo às corridas de turfe ao lado de sua família. Na República, os primeiros presidentes do Brasil também procuram reproduzir tal prática e eram vistos assistindo às corridas de regatas na enseada de Botafogo. Este esporte recebeu um importante apoio estatal para o seu crescimento.¹¹⁶

O futebol também teve seus momentos de receber nas arquibancadas dos *matches* a ilustre presença de presidentes e prefeitos. O *Jornal do Brasil*, em 13 de julho de 1905, conta-nos que “o Sr. David M. Neill foi hontem [12/07/1905] convidar o sr. presidente da República [Francisco de Paula Rodrigues Alves] para assistir à partida entre Fluminense Foot-ball Club e Club Athletico Paulistano”.¹¹⁷ O convite, ao que parece, foi aceito pelo presidente que, segundo o próprio *Jornal do Brasil*, em 17 de julho de 1905, esteve presente juntamente com seu chefe de casa militar Sousa Aguiar e os secretários Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho e Cesário Pereira. A partida, vencida pelo Paulista no por 3 a 2, contou com grande atuação por parte do excrete carioca diante do time de Charles Miller e teve um público estimado em torno de 2.500 pessoas, das quais se destacam as mulheres e os homens de outras sociedades cariocas (América, Bangu e Botafogo, por exemplo), como pode notar o repórter do jornal pelas fitas presas aos chapéus desses homens.¹¹⁸

Os confrontos entre cariocas e paulistas não eram motivos para poucas celebrações naquele período. A rivalidade entre os dois estados pela hegemonia no Brasil era latente e também se refletia no futebol. Contudo, o esporte não era um ramo em que as discussões eram benquistas, valendo mais o êxito de um lado sobre o outro. A maneira nobre de jogar futebol prevalecia sobre qualquer sentimento animalesco, haja vista as grandes festas que ocorriam no período desses jogos. Sendo assim, a presença de um Presidente da República ao *match* era quase que uma obrigação para esse político, como já ocorria na realização das regatas.

¹¹⁶ MELO, 2006, p.10.

¹¹⁷ *Jornal do Brasil*, em 13/07/1905, p. 2.

¹¹⁸ Idem à nota 117.

Assim, percebemos que no remo, aliás, era comum a realização de regatas beneficentes. Estas eram oportunidades para a alta sociedade demonstrar sua preocupação com os menos afortunados e participar de mais um evento social. Como muitos desses homens praticantes do remo costumavam participar de outros esportes e ser sócios de várias entidades, era inevitável que suas práticas não fossem transportadas para o futebol, como o foi a de realizar jogos beneficentes.

Por iniciativa do Fluminense¹¹⁹ foi realizada uma partida em benefício do Dispensário São Vicente de Paulo no dia 30 de julho de 1905 entre o Tricolor Carioca – que a época jogava de branco – e o Rio Cricket, cujo produto da partida foi oferecido a instituição que auxilia os pobres e necessitados. No referido *match* disputado no ground do Fluminense, o time da casa empatou com o Nichteroy por 3 a 3, mas o destaque do evento fica por conta do grande número de assistentes que foram ao local: o Jornal do Brasil chamou a atenção para a presença feminina para prestigiar os foot-ballers e, bem como *sportsmen* das sociedades que jogavam e de outras que davam seu apoio ao esporte, além, é claro, da digníssima presença do “sr. prefeito municipal [Francisco Pereira Passos], acompanhado de sua exma. família”¹²⁰ que, assim como fazia dando apoio ao remo, mostrava também simpatia pelo futebol. Não demoraria muito para outras instituições demonstrarem seu apreço a este esporte que crescia a olhos vivos e ajudar na realização do Campeonato de Football do Rio de Janeiro.

Os mesmos clubes em data posterior também se enfrentaram em outro jogo beneficente. Desta vez, as instituições agraciadas com o produto da festa foram a “Instituição de Socorros e Náufragos de Lisboa e a Associação Protectora dos Homens do Mar, desta capital”.¹²¹ Como esta festa ocorreu em homenagem a canhoeira lusitana Patria, que se encontrava por motivos de viagem ao exterior atracada ao porto do Rio de Janeiro, o ilustre sr. Presidente da República também agraciou ao *match* com sua presença.

Nos moldes das festas de caridade promovidas pela alta sociedade, esses jogos, atraindo ao estádio um “público fino e elegante”, composto de “moças formosas e coquetes, senhoras graves e sérias, rapazes de sociedade, leves e risonhos, trajando esmeradamente”, atestavam o sucesso da operação que transformara um jogo

¹¹⁹ *Correio da Manhã*, em 27/07/1905, p.4.

¹²⁰ *Jornal do Brasil*, em 01/08/1905, p.3.

¹²¹ Idem à nota 120.

aparentemente brutal e sem sentido, praticado por operários ingleses, em um fino e delicado evento social.¹²²

Apesar do crescimento visível do futebol entre a elite carioca, ainda havia espaço para expansão deste esporte no Rio de Janeiro. O jogo que ganhava significado de evento social, carecia, naquele momento, de uma competição oficial que simbolizasse isto, tal qual acontecia na capital paulista desde 1904, por exemplo. A responsabilidade pela falta de uma competição semelhante no Rio de Janeiro é dos “próprios foot-ballers, que tem deixado seu bello sport dormir na impopularidade”,¹²³ segundo o jornal *Correio da Manhã*, que também exorta os clubes a formarem uma união, tal qual ocorrera no remo e se notava em São Paulo, de modo que “o football fluminense ia collocar-se ao lado do paulista”.¹²⁴

Não demorou muito para que essa necessidade começasse a ser superada e surgisse um campeonato no Rio de Janeiro por iniciativa de um clube do Andaraí:

A iniciativa foi do Football & Athletic Club, criado por moradores do Andaraí e redondezas. O clube, por intermédio de seu presidente, o primeiro-tenente Santiago Rivaldo, e de seu vice, José da Rocha Gomes, convocou assembleia para 21 de maio de 1905, na sede do Clube de Natação e Regatas, na qual apresentou o projeto da entidade pioneira.¹²⁵

A região do Andaraí, segundo Nei Jorge dos Santos Júnior (2013), era um espaço dualista, com um centro e uma periferia.¹²⁶ A configuração de alguns clubes de futebol também nos permite pensar assim, pois, se de um lado havia o Football & Athletic Club ligado a equipes que viriam a configurar a divisão de elite da Liga Metropolitana, por outro existia o Andaray Athletic Club, ligado à Fábrica Cruzeiro. Apesar de a iniciativa ter partido de um clube que estava localizado na região suburbana, a equipe costumava praticar o esporte bretão com entidades que não necessariamente estariam ligados ao futebol praticado nos subúrbios. Este exemplo nos ajuda a quebrar quaisquer ideias a respeito de dicotomia entre elite e camadas

¹²² **Pereira**, 2000, p.41.

¹²³ *Correio da Manhã*, em 29/03/1905, p. 4.

¹²⁴ Idem à nota 123.

¹²⁵ **NAPOLEÃO**, Antonio Carlos. **História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)** in **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira da, **SANTOS**, Ricardo Pinto dos (org). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p.82

¹²⁶ **SANTOS JUNIOR**, 2013, p.103.

suburbanas que pudessem ser aplicadas a todas as situações, principalmente no futebol, em que as barreiras sociais – e geográfica - nem sempre foram bem delimitadas.

No entanto, embora o pontapé inicial para a organização da fundação de uma Liga no Rio de Janeiro tenha saído de um clube do Andaraí, a fundação da mesma ocorreu em outro encontro na sede do Fluminense, a época já o time de futebol mais identificado com a elite carioca. Foi lá, inclusive, que o projeto elaborado por Oscar Cox, Antonio Pinto e Arnaldo Cerqueira foi aprovado estabelecendo os artigos que guiaram a Liga Metropolitana de Foot-Ball do Rio de Janeiro. Para tanto, compareceram os seguintes clubes:

América Foot-Ball Club (Romeu Maina e O. Mohrsted); Bangu Athletic Club (John Stark e José Villas Boas); Botafogo (Joaquim Antonio de Souza Ribeiro e Antonio Pinto); Fluminense (Oscar Alfredo Cox e Victor François Etchegaray) e Foot-ball and Athletic Club (José da Rocha Gomes e Álvaro Cerqueira).

[...]Após lido e discutido artigo por artigo, o projeto é aprovado por todos e, em consequência, a primeira diretoria: presidente José Villas Boas; vice-presidente, Victor François Etchegaray; secretário, José da Rocha Gomes; e tesoureiro, Antonio Pinto.¹²⁷

Dessa forma, “com a criação da Liga e consequentemente confederação das sociedades, será então, pela primeira vez, disputado entre nós o Campeonato do Rio de Janeiro para conquista de uma rica e artística taça que será adquirida para esse fim”.¹²⁸

Assim, o Campeonato de Football do Rio de Janeiro, com 270 jogadores inscritos – “o que excedeu a expectativa de muitos”¹²⁹ - teve início às 15h30min do dia 03 de maio de 1906, quando o Fluminense venceu o Paysandu por 7 a 1.¹³⁰ A supremacia do tricolor carioca (que a época já usava o uniforme nas cores encarnado, verde e branca, aprovada em Assembleia do dia 15 de julho de 1905, por proposta de Oscar Cox e Mário Rocha ante a dificuldade de encontrar uniformes nas cores branca e cinzenta, conforme se pensou originalmente) sobre os demais adversários, demonstrada já na rodada inaugural, foi confirmada ao término do campeonato quando, aquele que viria a ser conhecido como o clube das Laranjeiras, sagrou-se campeão. Dessa forma, o futebol começou a se consolidar entre os membros da elite carioca.

¹²⁷ **NAPOLEÃO**, 2006, p.83.

¹²⁸ *Jornal do Brasil*, em 10/07/1905, p. 3.

¹²⁹ *Jornal do Brasil*, em 15/04/1906, p. 7.

¹³⁰ *Jornal do Brasil*, em 04/05/1906. p. 3.

2.2.O futebol entre os suburbanos: uma possibilidade para o cotidiano

O futebol crescia a olhos vistos no Rio de Janeiro no início do século XX, haja vista a forte inserção que este esporte teve em regiões nem sempre tão bem consideradas, afinal de contas, para alguns, como o Jornal *Gazeta de Notícias*, eram nos subúrbios que “os malfeitores de toda casta que neste último tempo tem infestado”.¹³¹ Por ter características diversas de outros esportes da época, como o remo e o turfe, o futebol se inseriu mais facilmente nos hábitos das camadas médias e pobres, parcela considerável na composição socioeconômica da população que ocupava os subúrbios cariocas, como indicaram Abreu (2010) e Fabretti (2013) ao estudarem o processo de ocupação dessas regiões. Comparando o futebol com outras modalidades esportivas é possível perceber que “sua principal diferencial era a possibilidade cotidiana de sua prática. O futebol proporcionava ao torcedor a reprodução do jogo em qualquer espaço e momento”.¹³²

Assim, não surpreende o futebol ter crescido também fora dos círculos elitistas, como destaca Frederico Oliveira Coelho (2006) em **Futebol e Produção Cultural no Brasil: A Construção de um Espaço Popular:**

Torcer ou executar o esporte eram práticas iguais, ao contrário das corridas de cavalo ou do remo, esporte com os quais o espectador vibrava, mas não encontrava meios de praticá-los no dia-a-dia. Tanto os populares que passam a praticar o esporte em campos improvisados pela cidade, à revelia do monopólio exercido pelos filhos de famílias abastadas, quanto os operários brasileiros que reproduziam em suas comunidades o esporte jogado com os padrões ingleses nos campos das fábricas eram os novos responsáveis pela rápida difusão do esporte entre a população.

Quebrado o “cerco do bom gosto” ao redor do futebol, seus sentidos passam a multiplicar-se no interior da sociedade. Sua história passa a assumir outros pontos de partida, visto que não é somente a partir da perspectiva dos ingleses, dos clubes da elite ou dos grandes intelectuais que ela se desenvolve.¹³³

Sendo assim, ao buscarmos entender os motivos que permitiram ao futebol se diferenciar aos olhos das camadas menos abastadas e praticá-lo em seu cotidiano, é

¹³¹ *Gazeta de Notícias*, em 14/12/1905, p. 4.

¹³² COELHO, Frederico Oliveira. **Futebol e Produção Cultural no Brasil: A Construção de um Espaço Popular** in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos (org). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p.239

¹³³ COELHO, 2006, p.239-240.

importante não descartar o fator econômico. Um estafeta ou um empregado do Jardim Botânico tinha condição de adquirir uma bola de futebol, já que se estima que este instrumento estivesse custando em torno de “cinco, seis mil réis cada uma”.¹³⁴ E, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar “a tal porqueira com tudo quanto apanham que é redondo”,¹³⁵ inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em praticar o esporte inglês – o que reforça o caráter substituível dos instrumentos necessários para jogar futebol.

Enquanto o salário de um estafeta ou de um empregado do Jardim Botânico estava na casa dos 60 e 75 mil réis, respectivamente, a aquisição de uma bola, utensílio de média ou longa duração de uso, ocupava uma única vez entre 6% a 8% do orçamento desses trabalhadores.¹³⁶ Aliás, faz-se mister destacar que a remuneração da maior parte dos trabalhadores era baixa, principalmente se comparado com a variação do custo de vida no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX:¹³⁷

Em 1900 uma lavadeira recebia por volta de mil-réis diários e os subalternos da Diretoria Geral de Saúde Pública, aproximadamente 75 mil-réis mensais (Silva, 1988, p. 132-3)[...]Por outro lado, tomando-se, para o custo de determinados gêneros alimentícios, o ano de 1889 como índice 100, verifica-se que em 1912 o preço do arroz nacional era 200, do importado 400, do bacalhau 200, do feijão nacional 163, do importado 161, da carne-seca 300, do açúcar 200, da banha importada 200 e da farinha de trigo 170 (apud Luz, 1961, p. 137), ou seja, pode-se supor que no período houve uma elevação média de 221% de aumento no custo de vida, isto sem contar, por exemplo, que nas maiores cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, a crise habitacional era crônica e os aluguéis exorbitantes.¹³⁸

Não obstante, a questão financeira não foi a única que permitiu ao futebol se inserir mais fácil fora do grupo dos mais abastados. Na febre esportiva que incidia sobre a capital federal no início do século XX, não faltaram opções do gênero para quem estivesse disposto a praticá-las.

O futebol, por sua vez, não exigia um local específico para ser jogado, ao contrário do remo, que precisava inegavelmente de espaços aquáticos. Dessa forma, não foram poucos os jogos que ocorreram nas ruas ou em terrenos baldios, como relatou Synesio Passos ao *Gil Blas* sobre uma das impressões do seu cotidiano: “Em frente a

¹³⁴ *Jornal do Brasil*, em 09/08/1905, p.2.

¹³⁵ *Idem* à nota 134.

¹³⁶ SOUZA, 2015, p.54.

¹³⁷ NETO, 2008, p. 215.

¹³⁸ *Idem* à nota 137.

minha casa há um pequeno espaço de terreno sem construção e mais ou menos plano, ao qual creanças deram o destino que tem hoje, nos perímetros urbanos, qualquer terreno assim baldio – é campo de foot-ball”.¹³⁹

Na conjuntura do início do século XX, o futebol se apresentava como uma solução de lazer viável aos homens com menor poder aquisitivo em razão de suas características, no entanto, é importante deixarmos claro que as regiões suburbanas não foram ocupadas apenas por indivíduos de baixo poder aquisitivo. A composição socioeconômica dos moradores dos subúrbios era variada e havia elementos de alto poder financeiro. Os irmãos Gustavo, Carlos e Armando Joppert, por exemplo, que fundaram o Riachuelo F.C. não se assemelhavam a um estafeta ou *chauffeur*. Interessados no desenvolvimento esportivo, eles usavam suas relações sociais para aproximar seu clube de equipes com o Botafogo. Porém, inseridos nos subúrbios, não perderam a chance de praticar o futebol na região.

Sem que isso lhe garantisse, de imediato, uma adesão unânime em torno da sua prática. Aliás, a prática esportiva, em si, como novidade que crescera desde o século XIX, ainda chegou aos anos 1900 suscetível a ter defensores e apoiadores entre o pensamento de cientistas e da imprensa da época.

2.3 Os críticos do futebol

Ainda no final do século XIX, quando o futebol já se fazia presente na imprensa carioca por meio de notícias e folhetins estrangeiros, é possível notar uma aversão a sua prática. Em edições do *Jornal Gazeta de Notícias* nos anos de 1898 e 1899, por exemplo, o futebol é usado como pano de fundo em romances, como os assinados por Pierre Salles em textos que trazem considerações não muito positivas sobre o esporte *bretão*. Em um deles, chamado *Milagre de Amor*,¹⁴⁰ o futebol é apresentado como um esporte que exige para sua prática algumas peripécias. Em *A caça as mulheres*,¹⁴¹ o mesmo é retratado como um jogo violento, razão pela qual Willy [personagem da estória], ao mostrar suas mãos feridas para o pai, ouve dele (Sr. Robertson) que os machucados foram provocados pelo jogo com a bola. Contudo, ao avançar do texto, a causa para as lesões também é atribuída ao excesso da ginástica praticada pelo bravo

¹³⁹ *Gil-Blas*, em 02/09/1920, p. 11.

¹⁴⁰ *Gazeta de Notícias*, em 22/06/1898, p.3.

¹⁴¹ *Gazeta de Notícias*, em 05/12/1899, p.3

herói. Não obstante, o mistério sobre as lesões de Willy é resolvido quando se revela que o garoto era amante de Lebienski, uma senhora casada, e se machucara ao fugir dos tiros disparados pelo seu marido que descobriu a traição.¹⁴²

Indubitavelmente, o que se havia ainda era certo receio quanto à utilidade de se dedicar às atividades físicas, embora fossem inevitáveis, haja vista o elevado número de clubes criados por ali de remo e que, pouco tempo depois, seriam superados pelos das associações que praticavam o futebol.

Dessa forma, não é de estranhar que houvesse quem no Brasil destacasse os aspectos negativos do futebol. Lima Barreto, escritor e jornalista carioca, foi um nome de relevância em relação ao futebol neste sentido. Nascido em 1881 e falecido em 1922, o autor de Policarpo Quaresma via no futebol um projeto eugênico da elite do Rio de Janeiro e o condenava sob essa perspectiva, uma vez que este grupo era incapaz de reconhecer as peculiaridades culturais de nosso povo.¹⁴³

Segundo a perspectiva de Ludmila Alves Pontes, “Barreto, ainda nos meados do século XX, já pressupunha a existência de duas cidades e relaciona tal fato ao processo de urbanização que o Rio de Janeiro passava”,¹⁴⁴ sendo, por isso, necessário incorporar o subúrbio, ao contrário do que acontecia. “O resto do Rio não existe, mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra. Não merece a mais simples mirada”,¹⁴⁵ foi uma das definições críticas dadas por Lima Barreto em suas crônicas, como fez nesta intitulada de *Botafogo e os pró-homens*, permitindo-nos também perceber que para este literato a cidade do Rio de Janeiro apresentava, em particular, dois tipos de identidades urbanas: “o carioca suburbano e o carioca que habitava Botafogo e adjacências”.¹⁴⁶ Tal concepção nos é útil para pensar o desenvolvimento esportivo na então Capital Federal adaptado a essas diferenciações.

Além disso, Barreto via no esporte bretão um catalizador da violência social, razão pela qual deveria ser combatido. Segundo ele, “o papel do futebol é causar dissensões no seio da vida nacional”,¹⁴⁷ razão pela qual o criticava ferozmente:

¹⁴² *Gazeta de Notícias*, em 07/12/1899, p.3.

¹⁴³ PONTES, Ludmila Alves. **A visão de um Brasil Urbano: O Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto**. Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

¹⁴⁴ PONTES, 2009, p.45.

¹⁴⁵ *Careta*, 06/08/1921, p.10.

¹⁴⁶ PONTES, 2009, p.7.

¹⁴⁷ BARRETO, Lima. **Toda crônica: Lima Barreto**. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p.433-434.

O que me moveu, a mim e ao falecido doutor Mário Valverde, a fundar a liga [Brasileira Contra o Futebol] foi o espetáculo de brutalidade, de absorção de todas atividades que o football vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade.

[...] Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento físico dos rapazes, porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivavam preconceitos de toda a sorte; foi então, que me insurigi.¹⁴⁸

Lima Barreto não era o único a tecer críticas ao futebol. Assim como ele, estava Carlos Sussekind de Mendonça (autor, em 1921, do livro *O Sport Está Deseducando a Mocidade Brasileira*). Este último, aliás, não era um crítico apenas do futebol em si, mas dos esportes em geral, como fica evidente em sua obra.

Defensor da prevalência do intelecto sobre o físico, Sussekind de Mendonça trazia em seu pensamento o cruzamento de duas tradições antiesportivas:

De um lado a tradição anarquista; de outro a tradição dos nacionalistas preocupados com a educação Carlos Sussekind de Mendonça expurgou da primeira o conteúdo de classe e agregou-lhe os tópicos elaborados por autores preocupados com os efeitos do esporte sobre a mocidade brasileira dando um forte cunho nacionalista às suas ideias.¹⁴⁹

Ainda que eventualmente seja possível encontrar no autor pontos de defesa à educação física, Carlos Sussekind de Mendonça não o faz direcionando ao esporte, o qual, inclusive, ele denegria destacando o pouco número de praticantes. Neste contexto, em que o esporte é apresentado como o responsável por fazer do Brasil uma nação fisicamente fraca, Sussekind de Mendonça aponta o futebol como o elemento mais nocivo dessa conjuntura. Considerando-o um jogo selvagem, brutal e sem razão, o autor desqualifica o esporte bretão sem, no entanto, rechaçar a sua prática na Inglaterra, a qual justifica do seguinte modo, citando o francês Phillipe Daryl:

Por outro lado, segundo o francês Phillipe Daryl, de quem cita longo trecho antifutebolístico extraído de *La Renaissance Physique*, o futebol “a que a besta anglo-saxônica se entregava com toda a violência de seu espírito animal” provavelmente evocava a resistência à invasão dinamarquesa, antes da invasão normanda, quando “a bola

¹⁴⁸ BARRETO, 2004, p.515-516.

¹⁴⁹ SANTOS, Jorge Artur dos. *Intelectuais Brasileiros e Esporte: Meio Século de disputas*. São Paulo: Clube dos Autores, 2010, p. 74-75.

se fazia do crânio do vencido”. [...] Carlos Sussekind de Mendonça conclui que para os ingleses o futebol não era um benefício físico, senão um dever moral, como um princípio tradicional [...]. Lá para os ingleses, diz ele, o futebol pode ter alguma utilidade. Para os brasileiros, além de não se constituir num esporte nacional, sua importação não era desejável, pois como dissera Daryl, “onde está a razão de ir procurar num jogo de selvagens, incorreto e brutal, pouco científico e provavelmente mais prejudicial que útil para o ir ensinar aos nossos filhos?”¹⁵⁰

Para Mendonça, segundo Santos (2010), o futebol era inadequado por razões histórica e nacionais, e, ante as dificuldades funcionais, torva-se inadequado no que se refere à prática. Segundo ele, Mendonça acreditava que, em primeiro lugar, o clima quente do Brasil tornava o esporte, de maneira geral, inadequado, haja vista ser praticado para locais em que houvesse inverno. Em segundo lugar, havia um esforço excessivo na prática do futebol que inviabilizava o desenvolvimento de outras faculdades, principalmente nas crianças. Por fim, mesmo aqueles que efetivamente praticassem o esporte bretão eram, na visão de Sussekind de Mendonça, poucos, já que a maioria apontada como suposta beneficiária dos exercícios futebolísticos, estava limitada à torcida nas arquibancadas. Em síntese, a partir do trabalho de Santos, podemos concluir que o que esse autor aponta é que, com o futebol, o Brasil estaria à beira do abismo, razão pela qual ele deveria ser combatido e, por isso, ingressou na Liga Brasileira contra o Foot-Ball criada por Lima Barreto.

Não obstante aos inúmeros argumentos que surgiram com o aparecimento do futebol em larga escala no Rio de Janeiro, também foram grandes as justificativas defendendo a sua prática. Até mesmo Lima Barreto, que nunca se simpatizara com o esporte, não pode deixar de reconhecer sua inserção na sociedade a partir de 1907, ao considerar o futebol “um espetáculo de maior delicadeza em que a alta e a baixa sociedade cariocas revelam a sua cultura e educação”.¹⁵¹

2.4 Os defensores do futebol

Um dos mais famosos literatos dessa perspectiva no início do século XX foi Henrique Maximiliano Coelho Neto, nascido na cidade de Caxias, no Maranhão, em 21 de fevereiro de 1864.¹⁵² Segundo Leonardo Pereira, em **Footballmania**,¹⁵³ ele se

¹⁵⁰ SANTOS, 2010, p. 77.

¹⁵¹ Careta, em 04/10/1919, p. 17.

¹⁵² PEREIRA, 2000, p.206.

formou em Direito, tornou-se um dos principais escritores do Brasil neste período, tendo como marca de sua obra a utilização de uma linguagem rebuscada e cheia de efeitos. Desde a década de 1880, Coelho Neto já morava no Rio de Janeiro, de onde se afastou por um tempo para residir em Campinas, em razão da aprovação no concurso de um ginásio local. Não obstante, em 1904 ele já estava de volta para ocupar uma casa na rua do Roso nº 79, ao lado da rua Guanabara, logradouro em que também ficava a sede do Fluminense Foot-ball Club.¹⁵⁴

Para Leonardo Pereira (2000), ainda que nem sempre possamos dizer que Coelho Neto foi um ferrenho defensor do esporte bretão, esse escritor destacou-se por exaltar as características positivas do esporte que definiu como o preferido dos brasileiros. Ele próprio foi uma figura presente aos jogos de seu time do coração, o Fluminense:

Elegantemente trajado com terno branco, bengala e chapéu de palha, Coelho Neto assistia pessoalmente ao rápido desenvolvimento do jogo. (...) Com um entusiasmo que o levaria inclusive a patrocinar a primeira das invasões de campo no campeonato carioca, o literato marcava o fascínio que ia exercendo sobre ele e o ainda novo esporte.¹⁵⁵

Assim, segundo Pereira (2000), Coelho Neto reconhecia no esporte bretão um caminho para o surgimento de uma nova raça, viril e que alcançaria a glória de maneira pessoal pela luta. Ao escrever o primeiro Hino do Fluminense, ele deixa essas ideias evidentes:

Ninguém do clube se pertence;
A glória aqui é pessoal:
Quem vence em campo é o Fluminense
Que é, como a Pátria, um ser ideal.
Assim nas lutas se congraça
Em torno de um ideal viril
A gente moça, a nova raça Do nosso Brasil
(...) Adestra a força e doma o impulso,
Triunfa, mas sem alardo,
O herói é bravo, mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso.
A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade.
A força é a expressão viva da virtude

¹⁵³ Idem à nota 152.

¹⁵⁴ PEREIRA, 2000, p.207.

¹⁵⁵ Idem à nota 154.

Além de Coelho Neto, outros nomes se destacaram na defesa do futebol, como o do médico e escritor Afrânio Peixoto, para quem o esporte bretão também poderia melhorar a raça brasileira, como ressalta Santos (2010). Para Peixoto, na visão de Santos, ao contrário do que pensava Carlos Sussekind de Mendonça, os brasileiros poderiam e muito aprender com este jogo, como fizeram os ingleses. Se para Sussekind de Mendonça o futebol teria utilidade aos britânicos como tradição história e dentro dos limites da Inglaterra, para Peixoto, por meio do futebol, seria possível dar noção de disciplina e cooperação aos homens do Brasil, como apontou Santos (2010). A divisão de funções exemplificadas no futebol de acordo com a sua ocupação do campo era um reflexo importante de como, atuando em conjunto, os brasileiros apreenderiam a alcançar um objetivo comum.

Segundo Santos (2010), portanto, que assim como em Coelho Neto, em Peixoto, também é possível identificar o futebol como uma possibilidade de melhorar o povo brasileiro, razão pela qual deveria ser incentivado, mas não necessariamente para todos. O caráter excludente é um ponto em comum nos textos destes dois escritores.

Não obstante, a apropriação da população suburbana desse ideal civilizador do futebol foi longe de ser a negação de sua prática ou mesmo a concordância de apresentar uma passividade diante do novo. Decididos a praticar o futebol para além da região Central/Laranjeiras/Botafogo, esses indivíduos deram um novo significado ao que Coelho Neto escrevia. “Ao contrário do que pensava Lima Barreto, muitos suburbanos viam nos inventivos de Coelho Neto ao futebol como esteio cívico da população, uma fonte de reverência e respeito”.¹⁵⁷ Um grande exemplo disso é a homenagem que este escritor recebeu de um clube formado por operários da Gávea, em 1919: o Clube Carioca.¹⁵⁸

É possível refletir também acerca da existência de formas variadas para a prática do futebol. Consequentemente, estamos diante não de apenas um futebol, mas sim vários tipos que eram praticados no Rio de Janeiro. Essa diversidade permitiu a este esporte se enraizar no dia a dia carioca, uma vez que os diversos grupos que compunham a então Capital Federal podiam praticá-lo em seu cotidiano. A fundação de

¹⁵⁶ Paulo Coelho Netto, “O Fluminense pitoresco e dramática”. Rio de Janeiro: Minerva, 1969 apud **PEREIRA**, 2000, p.208.

¹⁵⁷ **COELHO**, 2006, p.238.

¹⁵⁸ **PEREIRA**, 2000, p.234.

clubes, como o Clube Carioca, por exemplo, apresentado acima era precedida pela difusão deste esporte naqueles operários que nos ajudam a vislumbrar um pouco mais deste desenvolvimento variado em torno do mesmo esporte. Não surpreende os vários significados que este processo é capaz de apresentar a depender do grupo que estivermos analisando.

Capítulo III – Como o futebol se desenvolveu: Clubes e Ligas no Rio de Janeiro

A consecução desta política sobre a área comercial teve como reflexo mais imediato a desertificação do centro da cidade após o horário de funcionamento dos locais de trabalho. [...] O tempo que passou a ser gasto dentro de trens e bondes interditou a boêmia após o dia de trabalho ou, pelo menos, deslocou-a do centro comercial para os bairros, que se transformaram no novo espaço de confraternização a cada término de jornada, facilitando o estabelecimento da disciplina no espaço central.¹⁵⁹

A política urbanística desenvolvida no Rio de Janeiro pelo prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906) teve reflexos importantes em diversos segmentos da Capital Federal. No âmbito esportivo, sua gestão empreendeu ações que incentivaram o remo e o futebol, esportes que valorizaram o homem como agente ativo das práticas esportivas. Do ponto de vista espacial, provocou um deslocamento considerável na população da Capital Federal e uma segregação geográfica que também se refletiria nas práticas esportivas.

Enquanto a população proletária seguiu rumo aos “subúrbios que se desenvolviam ao longo das linhas férreas, nas regiões da baixada”,¹⁶⁰ a elite se consolidou em torno dos palacetes que “multiplicaram-se pela vertente sul, ocupando Botafogo, Flamengo e Catete, avançando em direção ao oceano à medida que a técnica possibilitou a superação dos obstáculos oferecidos pelos morros e pelas áreas alagadas”.¹⁶¹

As medidas tomadas ao longo da gestão de Pereira Passos, apontadas como um marco do processo de transformação da cidade do Rio de Janeiro, modificaram não só o caráter estético da Capital Federal, como também transformaram e deslocaram inúmeros hábitos cotidianos. Com o alvorecer do século XX, o *Gazeta de Notícias* enaltece a efervescência esportiva que acometia o Rio de Janeiro. Segundo este periódico, o domingo carioca é:

um dia sportivo em que tudo muda, o aspecto das ruas, o aspecto dos transeuntes (...) Desde manhã as classes laboriosas em descanso. O descanso é passear, de fato novo, de manhã até a noite. Havia corridas

¹⁵⁹ MENEZES, Lená Medeiros de. **Os Indesejáveis: Desclassificados da Modernidade. Protesto, Crime e Expulsão na Capital Federal (1890-1930)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, p.38.

¹⁶⁰ MENEZES, 1996, p.40.

¹⁶¹ Idem à nota 160.

de cavallos, pelota basca, bicyclismo, football, exposição de pássaros, matines theatraes, o diabo.¹⁶²

Tais condutas, longe de esquecidas ou eliminadas, migraram junto com seus agentes para as novas localidades. Os subúrbios, assim, receberam os hábitos esportivos que incidiam sobre o Rio de Janeiro, mas, não custa lembrar, respeitando as suas particularidades e, principalmente, possibilidades.

3.1. Os clubes na Elite

O esporte, enquanto atividade social, fez com que os membros da elite se organizassem em torno de clubes e associações, tal qual já acontecia para outros empreendimentos de interesse comum desde o século XIX, como arte, ações beneficentes e de cobertura social.

Clubes de regatas, *lawn* tênis e críquete emergiram ainda no final século XIX e serviram de base para introdução do futebol no início dos anos 1900, até que entidades especificamente voltadas para o futebol aparecessem, como podemos depreender pelas informações de periódicos como o *Gazeta de Notícias*¹⁶³ e o *Jornal do Brasil*.¹⁶⁴ O Fluminense Foot Ball Club e o The Foot-Ball Club são exemplos de clubes fundados em 1902. A partida que “realisa-se domingo, 19 do corrente, às 4 horas da tarde, no campo da rua Paysandu um importante match de football entre o Fluminense F.C. e o Rio F.C”,¹⁶⁵ por exemplo, mostra-se como um duelo simbólico para marcar a inserção do futebol entre os membros da elite, já que se tratava de um encontro amistoso entre duas associações criadas com a finalidade específica da prática desse esporte.

No Rio Cricket and Athletic Assotiation, por exemplo, uma festa foi organizada pela colônia britânica do Rio de Janeiro para a comemoração da coroação do Rei Eduardo VII.¹⁶⁶ O evento ocorreu nos terrenos da associação, em Icaraí (Niterói), e dentre as muitas atividades previstas estava a realização de uma partida de futebol em que o time dos brasileiros teve como capitão Oscar Cox e o dos ingleses, A. R. L. Wright.¹⁶⁷ Uma boa representação de que os eventos sociais da elite estrangeira também

¹⁶² *Gazeta de Notícias*, em 24/07/1905, p. 1.

¹⁶³ Idem à nota 162.

¹⁶⁴ *Jornal do Brasil*, em 22/06/1902, p. 8.

¹⁶⁵ *Correio da Manhã*, em 18/10/1902, p. 3.

¹⁶⁶ *Jornal do Brasil*, em 22/06/1902, p. 8.

¹⁶⁷ Idem à nota 166.

contavam com a participação de nacionais do mesmo grupo social e incentivavam a prática conjunta dos esportes, dentre os quais o futebol. Àqueles que não se enquadravam nesta escala de status social, por sua vez, encontraram outros mecanismos de acordo com as suas possibilidades.

Assim, era evidente que este “salutar Sport, que também entre nos tem tomado bastante incremento”,¹⁶⁸ tornava-se parte da cultura esportiva dos grupos diversificados economicamente e, conseqüentemente, não demoraria muito para que o caráter amistoso e pouco competitivo de suas disputas tomasse o mesmo caminho que outras atividades. A organização de competições gerou debates importante a respeito de que maneiras as premiações aconteceriam entre grupos tão diversos.

Em texto enviado por Roldana, pseudônimo desconhecido utilizado para assinar o artigo no jornal *Gazeta de Notícias*, por exemplo, a Liga Metropolitana, em sua edição inaugural, é acusada de desenvolver o futebol de forma desigual, isto é, segundo o autor, a competição era estruturada sob uma disparidade incompatível com a prática que esperava do futebol. Para Roldana, no futebol deveria ser incentivada a equidade, mas “para isso ella [Liga Metropolitana] conseguir, torna-se necessária a justiça”.¹⁶⁹

A indignação do autor se deve a maneira como as taças destinadas ao torneio estavam sendo distribuídas. No caso em si, a Liga Metropolitana fora ofertada com duas taças: Taça Colombo e Taça Caxambu e seus organizadores almejavam destiná-las aos vencedores dos 1º e 2º times da 1ª divisão. Roldana, por sua vez, argumenta que as duas taças deveriam ser distribuídas entre as duas divisões existentes, isto é, entre as 1ª e 2ª divisões, mas a decisão da Liga em utilizá-las para premiar os 1º e 2º times da 1ª divisão é vista por como uma prova da desigualdade atribuída para as disputas, o que não colabora para a exaltação desse importante esporte.

O *Gazeta de Notícias* já indicava neste momento a atenção especial que dava ao futebol. Passando pela fase em que se consolidou como um periódico popular, o jornal abre espaço para a manifestação de interessados na forma de organização da Liga Metropolitana. Com isso, podemos vislumbrar na sua atitude uma busca para manter e atrair o público interessado nos acontecimentos do âmbito esportivo.

No domingo seguinte a essa publicação, um artigo de autoria de Americano, outro pseudônimo desconhecido utilizado para assinar o texto no *Gazeta de Notícias*, questiona as ideias de Roldana. Segundo ele:

¹⁶⁸ *Correio da Manhã*, em 19/04/1903, p. 6.

¹⁶⁹ *Gazeta de Notícias*, em 22/04/1906, p. 7.

Pela leitura dos Estatutos da Liga vê-se que todos os club a ella filiados, quer da 1ª, quer da 2ª divisão, estão em igualdade de condições e gosando dos mesmos direitos, sendo que o desmembramento do campeonato em duas divisões importa exclusivamente a conveniência do jogo, sem outro fim perceptível.¹⁷⁰

Não obstante, é possível identificar outros fins nesta segmentação. Por ser apropriado por parte da elite carioca como um símbolo de distinção, o futebol ganhava o significado de ser mais um símbolo de diferenciação social, logo, como tal, deveria ser mantido entre os sujeitos distintos. Assim sendo, segundo o articulista, a existência de uma 2ª divisão torna-se necessária para absorver os clubes que não sendo considerados dignos de atuar na divisão principal, poderiam fazer-se presentes na competição em outro plano.

Processo semelhante também se verifica com a existência dos 2º e 3º times de futebol de um mesmo clube. Como inserido na cultura esportiva do Rio de Janeiro, o futebol ganha adeptos em algumas associações em números superiores aos que podem fazer parte de um time. Dessa forma, a saída encontrada é criar mais equipes para inseri-los.

Contudo, entre os participantes da 1ª divisão, ainda que dos segundos times, e os da 2ª divisão há uma diferença considerável, como é percebido na visão de Americano, para quem “os 2º divisionários muito devem louvar a Deus (não de galinhas) por não ser uma taça esse prêmio, porque se fora haveriam talvez 3º *teams* da 1ª divisão para conquistá-la”.¹⁷¹ O vencedor da 2ª divisão é agraciado com a glória de ascender à divisão principal, como mostra o relato, já que até mesmo a ocorrência dessa fase da competição encontrava-se incerta àquele momento.

Os motivos que explicam essas diferenciações em torno das competições não podem ser pensados apenas no campo esportivo. Inserido em uma sociedade com grande grau de diferenciação entre os seus membros, os esportes foram espaços que em tais concepções se reproduziram. No caso da Liga Metropolitana, isto aparece em alguns de seus estatutos. Em 1907, por exemplo, ela “resolveu por unanimidade de votos que não sejam registrados como amador nesta liga as pessoas de cor”.¹⁷² A informação extraída do jornal *Gazeta de Notícias* foi extraída por meio de um ofício

¹⁷⁰ *Gazeta de Notícias*, em 29/04/1906, p.7.

¹⁷¹ *Idem* à nota 170.

¹⁷² *Gazeta de Notícias*, em 18/05/1907, p.5.

encaminhado pelo secretário da entidade, sr. J. da Rocha Gomes, como resposta à decisão do Bangu de abandonar a competição. Mais do que isso, a medida demonstra um grau de exclusão muito elevado em torno desta competição, uma forma de manter afastados os elementos considerados indesejados para disputar partidas de futebol com os jovens bem abastados que compunham clubes como Fluminense e Botafogo.

A temporada de 1906, entretanto, não foi o único ano em que propostas visando a restringir o acesso à Liga Metropolitana ou mesmo situações explicitamente segregacionistas entre os clubes aconteceu. Em 1915, Alberto Silvaes, presidente do Vila Izabel F.C., propõe mudanças no regulamento da competição a fim de diferenciar os clubes participantes em divisões com base nas suas condições sócio econômicas e estruturais.¹⁷³

A competição, segundo ele, deveria ser separada em 3 divisões: a Série A deveria ser composta por sete clubes com jogadores que não exercessem profissões restritas aos participantes da Série B. Além disso, os clubes deveriam pagar uma joia (espécie de taca de adesão) de 500\$000, ter sede própria, campo com especificações e renda superior a 300\$000. Ou seja, por questões socioeconômicas e estruturais, a 1ª divisão estaria restrita a algumas poucas instituições capazes de preencher estes requisitos.¹⁷⁴

A Série B, como Silvaes chamava, seria composta por até dez clubes e seus jogadores precisavam cumprir alguns requisitos inegociáveis. Conhecedores das técnicas de leitura e escrita, eles deveriam ter um comportamento irrepreensível, além de possuir meios próprios de subsistência como: operários de fábrica ou oficinas (particulares ou pública), empregados de chapa da Light, estafetas dos Telégrafos e Correios, serventes, condutores e *chauffers*; caixeiros de botequim ou profissionais de atividades semelhantes que recebam gorjetas, ilustrados, pedreiros, sapateiros, tipógrafos, carpinteiros ou profissionais de atividades semelhantes e guarda civil.¹⁷⁵

Na Série C estriam as equipes formadas pelos praças e inferiores de qualquer corporação, desde que saibam ler e escrever e que sejam de comportamento reconhecidamente exemplar.¹⁷⁶ Até nesta divisão, pensava Silvaes, era necessário adotar alguns padrões de comportamento e conduta capazes de, em sua visão, não deixar o futebol cair em condição inferior. Tal concepção estivera presente ao longo das

¹⁷³ *Sports*, em 14/08/1915, p.36.

¹⁷⁴ *Idem* à nota 173.

¹⁷⁵ *Sports*, em 14/08/1915, p.36.

¹⁷⁶ *Idem* à nota 175.

disputas da Liga Metropolitana e já podia ser notada em 1906. Uma das consequências para este ano foi o reduzido número de clubes participantes que colocavam em risco a própria competição.

As incertezas em torno da formação da 2ª divisão se deviam às dúvidas sobre os clubes que fariam parte desse torneio, segundo o *Gazeta de Notícias*.¹⁷⁷ A composição da 2ª divisão, em si, não parecia ser um empecilho ao início do torneio de futebol, já que a maior parte dos clubes conseguiria pagar 50\$000 anuais para se filiarem a Liga.¹⁷⁸ Todavia, não havia garantia de que eles tivessem condições de arcar com as despesas correntes para permanecer no Campeonato, já que, além da anuidade destacada, havia multas, como, por exemplo, pela ausência do árbitro indicado pelo clube, despesas com deslocamentos (transporte) e aluguel dos campos de jogos, sem, contudo, haver nos clubes compostos por indivíduos de menor poder aquisitivo a garantia de casa cheia e arrecadação com ingressos que sustentassem esses investimentos.

Estas são algumas das adversidades impostas aos clubes de futebol no Rio de Janeiro. A própria adoção dos termos em inglês por parte da Liga Metropolitana pode ser vista nesta perspectiva. Ao estabelecer textualmente em seu regulamento que as determinações do “foot-ball Association da Inglaterra serão as únicas adotadas pela Liga – Os termos ingleses (off-side, foul, goal, penalty, etc.) serão mantidos”,¹⁷⁹ segundo Ricardo Pinto dos Santos (2006), estava-se desprezando as especificidades do cenário brasileiro, principalmente quando se referiam a negros e pobres, os quais estavam basicamente os excluídos pelas elites naquele momento.¹⁸⁰

Como já foi destacado, o Rio de Janeiro vivia uma verdadeira febre esportiva no início do século XX e, neste contexto, existiam vários esportes em voga naquele período. Por isso, a própria montagem do calendário do “Campeonato Carioca” precisou respeitar à prática de outros hábitos. O Rio Cricket e o Payssandu, clubes da colônia inglesa, tidos como nomes certos na disputa do título da 1ª divisão em 1906, sabiam que não poderiam jogar “em certos dias, visto ter que disputar o campeonato de cricket [e] em dois dias de agosto jogará lawn tennis”,¹⁸¹ respectivamente.

¹⁷⁷ *Gazeta de Notícias*, em 29/04/1906, p.7.

¹⁷⁸ *Idem* à nota 177.

¹⁷⁹ Estatuto da Liga Metropolitana de Sports Athlticos. Rio de Janiero, 1907, p.13.

¹⁸⁰ **SANTOS**, Ricardo Pinto dos. *Uma breve história social do esporte no Rio de Janeiro* in **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira da. e **SANTOS**, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p.42.

¹⁸¹ *Jornal do Brasil*, em 24/01/1906, p.5.

Mesmo assim, a Liga Metropolitana aconteceu no ano de 1906. A 1ª divisão contou com a participação de 6 clubes: Bangu Athletic Club, Botafogo Football e Regatas, Fluminense Football Club, Football and Athletic Club, Payssandu Cricket Club e The Rio Cricket and Athletic Association. Já na 2ª divisão, porém, as coisas não foram tão simples.¹⁸²

Se em 1905 acreditava-se que a 2ª divisão “compor-se-a do America, do Internacional e de mais outros quatro clubs”,¹⁸³ já no ano seguinte o América era o único clube confirmado no torneio. Diante desse impasse, que se persistisse obrigaria o América a ficar a temporada em descanso enfrentando apenas ao seu final o pior time da 1ª divisão para que, assim, se fosse vencedor, pudesse alçar à elite, o clube solicitou a Liga sua inclusão na 1ª divisão, que, conseqüentemente, seria disputada por 7 times. Por 8 votos contra 4, contudo, a tentativa foi rechaçada, mas poderia ser acatada se até a data limite não houvesse associação de nenhuma outra instituição.¹⁸⁴

O Estatuto que dava fundamento legal ao primeiro campeonato de futebol do Rio de Janeiro estipulava que a inclusão de um novo clube à Liga estava sujeita a proposta de dois clubes membros, da aceitação pelas assembleias dos clubes e da diretoria da Liga.¹⁸⁵ Neste sentido, o Riachuelo Foot-ball Club, por proposta do América e do Bangu e a Associação Athletica Collegio Latino Americano foram os clubes aprovados pela Liga para, juntamente com o América, disputarem a 2ª divisão do Carioca.¹⁸⁶

A 1ª divisão, como também já apontamos no capítulo anterior, foi vencida pelo Fluminense.¹⁸⁷ A 2ª divisão, por sua vez, foi conquistada pelo Riachuelo, mas esse feito, por si só, não lhe garantia “a glória de ascender à divisão principal”,¹⁸⁸ como afirmara Americano. Era preciso, antes disso vencer, o último colocado da divisão de cima.¹⁸⁹

Enfrentando o Football and Athletic Club, o Riachuelo foi derrotado por 5 a 2 e ficou de fora da 1ª divisão do ano seguinte. Sem espaços na divisão principal da Liga, o clube dos irmãos Joppert, como também era conhecido, optou por filiar-se a outra liga que tomaria forma no ano seguinte: a Liga Suburbana.

¹⁸² *Jornal do Brasil*, em 18/03/1906, p.5.

¹⁸³ *Jornal do Brasil*, em 30/10/1905, p.7.

¹⁸⁴ *Jornal do Brasil*, em 18/03/1906, p.5.

¹⁸⁵ Idem à nota 184.

¹⁸⁶ *Jornal do Brasil*, em 18/03/1906, p.5.

¹⁸⁷ *Jornal do Brasil*, em 04/05/1906, p. 3.

¹⁸⁸ *Gazeta de Notícias*, em 29/04/1906, p.7.

¹⁸⁹ Idem à nota 188.

3.2. - O Engenho de Dentro A.C. e a Liga Suburbana na imprensa local

O Engenho de Dentro Athletic Club foi fundado em 3 de novembro de 1912 com o nome de Engenho de Dentro Football Club por Antônio Serrano Paes Filho.¹⁹⁰ Originalmente, seu campo situava-se na rua de mesmo nome entre os números 151 e 155 (atualmente este endereço é Rua Adolfo Bergamini e onde era sua sede fica a Escola Municipal Rio Grande do Sul).¹⁹¹ Somente em 23 de janeiro de 1916 mudou seu nome para Engenho de Dentro Athletic Club, denominação que ficou gravada nas conquistas da Liga Suburbana já naquele ano.

No ano de fundação do time do Engenho de Dentro, a Liga Suburbana, segundo a *Revista da Semana*, teve como campeão o Brasil Athletico.¹⁹² Não encontramos outros registros sobre esta competição antes de 1912, com exceção dos anos 1907, 1908 e 1909, sendo que nestes dois últimos apuramos tão somente indícios de sua realização sem, sequer, identificarmos o campeão.

Somente em 1916 esta competição volta a acontecer contando, inclusive, com o apoio de um importante periódico suburbano: a *Gazeta Suburbana*.

Amanhã, ao meio-dia, redacção da *Gazeta Suburbana*, no Engenho Novo, effectua-se mais uma reunião dos foot-ballers suburbanos. Nesta reunião ficarão estabelecidas definitivamente as bases e as condições do torneio para a disputa da taça, instituída por aquele semanário. Serão, outrossim, discutidas as bases geraes para a fundação da “Liga Suburbana de Foot-Ball”, de accordo com os desejos manifestados em reuniões anteriores. Não tendo sido enviados convites especiaes, os promotoes deste movimento em prol do sport nos subúrbios, pedem o comparecimento das directorias que estiveram presentes na ultima reunião e das directorias dos demais clubs suburbanos de foot-ball.¹⁹³

O apoio da *Gazeta Suburbana* à Liga Suburbana não se dá apenas pela seção do espaço de sua redação para a realização de uma reunião a fim de organizar o torneio. Este periódico circulou de 1910 até pelo menos 1920 e se definia como um seminário critico, literário e dedicado aos interesses da zona suburbana. Instalado inicialmente no bairro de Todos os Santos (Rua José Bonifácio, 52), ele também se fez presente na Rua

¹⁹⁰ <http://edac-futsal.webnode.com/sobre-o-clube/do-inicio-aos-dias-atuais/> Acessado em 28/12/2017, às 11h33min.

¹⁹¹ Idem à nota 190.

¹⁹² *Revista da Semana*, em 1912, p. 28.

¹⁹³ *A Notícia*, em 30/04/1916, p.6

Dr. Bulhões, 11, no bairro do Engenho de Dentro, e nas edições de 1919, na rua Lia Barbosa, nº 13, no Méier. Ao estar sediado nos subúrbios, este jornal não só se mostra apenas atento ao que acontece nestas regiões, como pode ser considerado parte do seu cotidiano, tal qual a reunião para a (re)organização da Liga Suburbana nos indica.¹⁹⁴ Seus objetivos eram bem claros: “A Gazeta Suburbana surge hoje para trabalhar pelos subúrbios”,¹⁹⁵ o que, conseqüentemente, também acabou incluindo apoiar o desenvolvimento esportivo na região.

Nos esportes, notadamente no futebol, alguns desses periódicos enxergaram um importante objeto para a construção de elos de sociabilidade, além do atrativo de interesse do potencial público comprador. Por isso, com regularidade noticiavam os resultados dos jogos dos campeonatos e a programação dos clubes locais, principalmente daqueles que disputavam a Liga Suburbana.¹⁹⁶

Assim, o papel de agentes como a *Gazeta Suburbana* foi determinante para o crescimento do futebol na região. Seus cronistas, ao “exaltarem o desempenho e as conquistas dos clubes da região”,¹⁹⁷ como foi o caso do Engenho de Dentro A.C, impulsionavam as equipes e suas práticas. Bairro sede para as reuniões que trouxeram de volta a Liga Suburbana de Futebol, o Engenho de Dentro teve a equipe campeã daquele ano e também nas edições de 1917 e 1918. Tricampeão suburbano, o clube ganhou o apelido de Fantasmas Azuis, por conta das cores de seu uniforme (azul e branco) e dos resultados conquistados nos subúrbios.

Para o Engenho de Dentro, o seu sucesso dentro de campo provocaria embates que não seriam esquecidos ou ignorados pela imprensa local. A supremacia (ainda que temporária) da equipe das cores azul e branco fez com que alguns de seus jogadores chamassem a atenção de outros times existentes no Rio de Janeiro.

Na visão de parte dos sujeitos que participavam deste processo, a possibilidade de jogadores campeões suburbanos deixarem seus times e a própria competição para atuar em outras agremiações era preocupante. Havia nos subúrbios uma noção de pertencimento e um desejo de mostrar sua força que pode ser analisado durante a realização do 3º Campeonato Sul Americano de Seleções, no Rio de Janeiro.

¹⁹⁴ MENDONÇA, 2011, p. 103-104.

¹⁹⁵ *Gazeta Suburbana*, em 08/09/1910, p.1.

¹⁹⁶ SANTOS JUNIOR, Nei Jorge e MELO, Victor Andrade. *"Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos": posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920)*. Porto Alegre, v. 20, n. 01, jan/mar de 2014, p. 195.

¹⁹⁷ SANTOS JUNIOR e MELO, 2014, p. 198.

Antes de a competição ter início, a Liga Suburbana mostrava-se interessada em se fazer representar junto às delegações estrangeiras que desembarcavam na Praça Mauá.

A Directoria da futura e prospera Liga Suburbana de Football que se fará representar por um dos seus directores nos jogos e provas do campeonato Sul Americano, resolveu nomear uma comissão composta dos abnegados sportmen Guilherme Paraense, Garcez Palha, Marques Cardoso e Oscar Trindade para cumprimentarem as delegações do Chile, Uruguay e Argentina, que se acham entre nós afim de tomarem parte no campeonato Sul Americano de football, natação e water-polo.¹⁹⁸

A reflexão a que nos propomos aqui permite que enxergamos a prática do futebol suburbana integrada ao conjunto futebolístico do Rio de Janeiro. Havia diferenças entre a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e a Liga Suburbana de Futebol, não obstante, isso não impedia aproximações importante entre estes dois polos do futebol carioca. A maneira como o *Gazeta Suburbana*, trabalhou com a realização do 3º Campeonato Sul Americano de Seleções de Futebol é um dos olhares para analisar isso.

Este periódico deixa claro antes de a realização da competição que compartilhava da preocupação em relação à preparação da equipe que representaria o Brasil no torneio.¹⁹⁹ Mais do que isso, este veículo não esconde o seu posicionamento acerca da formação da equipe que se faz prejudicada devido à falta de patriotismo dos jogadores: “[...] tudo isto se manifesta devido unicamente á falta de noção de responsabilidade e patriotismo por parte dos nossos queridos players que tem feito triumphar a maior política de clubismo e barrismo!!!”.²⁰⁰ A preocupação do *Gazeta* é tamanha que não se importa em indicar a melhor formação para os quadros brasileiros: “Marcos; Pyndaro, Plamone ou Nery; Sergio, Amilcar e Galo; Menezes, Frienderench, Heitor, Haroldo e Arnaldo”.²⁰¹

O Campeonato Sul Americano é, pois, visto pelos dirigentes da Liga Suburbana, como uma forma de demonstrar a força de sua competição que naquele ano chegaria a quarta edição consecutiva. O grande jogador da equipe brasileira e destaque do futebol paulista Arthur Frienderreich estava no Rio de Janeiro e foi convidado para participar de

¹⁹⁸ *Gazeta Suburbana*, em 17/05/1919, p. 5.

¹⁹⁹ *Gazeta Suburbana*, em 26/04/1919, p. 3.

²⁰⁰ *Gazeta Suburbana*, em 10/05/1919, p. 4.

²⁰¹ Idem à nota 200.

uma sessão solene na sede da Liga Suburbana. A iniciativa, todavia, não foi imune das críticas do *Gazeta de Notícias* às condições da instalação e à conduta do jogador durante o evento.

CORTES E RECORTES SPORTIVOS.

Milton e Friedereich, na sessão solemne da Liga Suburbana, ficaram tão encantados com o lindo aspecto que apresentava a sede da entidade dos subúrbios, que solicitam permissão aos seus directores para realizar duas conferencias, que versarão: a primeira sob o thema: “A influencia do pó da Persia applicado nos...mosquitos...moscas... e mais anisectos que a habitam a pensão do stadium”. A primeira palestra teria como orador o grande tribuno Milton.

A segunda que versará sob o thema: “O foot-ball, as mulheres, os berquis e os bailes, é o gozo da vida”. Esta importante peça de valor intellectual terá como orador o consagrado, laureado, abnegado, formidável, estupendo, magnífico, sympathico, amável, gentil, attencioso e engraçadinho Frienderench.²⁰²

A Liga Suburbana não pararia por aí. Desejosa de ter sua participação marcada de alguma forma em uma competição internacional de futebol que acontecia no Rio de Janeiro, ela teria representantes durante as provas do Campeonato Sul Americano. Neste sentido, além de se fazer “representar por um dos seus directores nos jogos e provas do campeonato Sul Americano”,²⁰³ a entidade deixaria a cargo de uma comissão a responsabilidade por “cumprimentarem[sic] as delegações do Chile, Uruguay e Argentina, que se acham entre nós afim de tomarem parte no Campeonato Sul Americano de football, natação e water-polo”.²⁰⁴

Não surpreende que os jogos de sua competição fossem suspensos durante o torneio continental. Aliás, o futebol suburbano parou para acompanhar o Campeonato Sul Americano, já que a Associação Athleticana Suburbana também suspendeu suas partidas durante este período.²⁰⁵ Os clubes dos subúrbios também buscaram aproveitar se fazer presente neste período mesmo sem entrar em campo: suas instalações foram abertas a visitas de jogadores e autoridades estrangeiras, como aconteceu com o Bomsucesso Foot-ball Club, que recebeu a visita de “Saporiti, Varella e Medina, e os Srs. M. Caballero, representante do Nacional F. C., e Minelli, referee uruguayo”.²⁰⁶

²⁰² *Gazeta Suburbana*, em 10/05/1919, p. 5.

²⁰³ *Gazeta Suburbana*, em 17/05/1919, p. 5.

²⁰⁴ Idem à nota 203.

²⁰⁵ *Gazeta Suburbana*, em 17/05/1919, p. 5.

²⁰⁶ Idem à nota 205.

O 3º Campeonato Sul Americano de Futebol realizado no Rio de Janeiro em 1919 terminou com a conquista do título pela Seleção Brasileira. Liderados por Frienderich, a equipe vence a primeira competição para o Brasil. “O Brasil campeão de foot-ball na America do Sul. Os Brasileiros venceram aos Uruguayos por 1 x 0. O desempate do Campeonato Sul-Americano”,²⁰⁷ informara o periódico logo no início da nota que, curiosamente, não contou com grandes detalhes sobre o embate decisivo “por falta de espaço deixamos de fazer a descrição detalhada do jogo, que esteve sensacional”.²⁰⁸ Não obstante, ao longo da nota há uma explicação detalhada sobre o regulamento da competição que permitia ao time nacional terminar o torneio em primeiro lugar.

Terminada a competição, fazia-se necessário uma despedida à altura das delegações estrangeiras que se deslocaram para cá. Por isso:

A prospera e futuroso Liga Suburbana de Football, por intermédio de uma comissão composta dos srs. dr. Marques Cardoso membro honario Cezarino Cezar redactor sportivo da Gazeta Suburbana e Antonio Augusto de Almeida representante do Cascadura F.C. comprimntou na quarta-feira passada os delegados das embaixadas estrangeiras que acham-se hospedados no Nice Hotel.

A referida comissão que foi gentilmente recebida pelos distintos delegados do Chile, Uruguay e Argentina fez servir aos nossos illustres hospedes uma taça de champagne usando nesta ocasião da palavra em nome da entidade dos subúrbios o nosso companheiro Cezarino Cezar que apresentou aos corretos sportmen os votos de boas vindas felicitando-os pelo seu emérito valor. O nosso companheiro também fez entrada de um significativo officio da Liga e uma completa colleção da Gazeta Suburbana.

Entre os delegados estrangeiros e os commissionados da entidade suburbana foi entabolada uma animada palestra sportiva que durou duas horas, cercada das maiores manifestações de alegria entusiasmo.²⁰⁹

A postura destas entidades suburbanas de condutas respeitadas para com os visitantes estrangeiros mostra uma percepção de que a competição Sul Americana era, pois, algo de que deveriam tomar parte. Ainda que não houve jogadores de suas equipes defendendo o time brasileiro, o fato de haver uma representação do país era suficiente para que acontecessem manifestações de apoio. Tanto o *Gazeta Suburbana* quanto a atitude de representantes da Liga Suburbana e de alguns clubes nos permitem chegar a

²⁰⁷ *Gazeta Suburbana*, em 31/05/1919, p. 4.

²⁰⁸ *Idem* à nota 207.

²⁰⁹ *Gazeta Suburbana*, em 31/05/1919, p. 4.

essa conclusão. Longe de haver aí uma demonstração de um acesso democrático ao futebol, vemos que de acordo com as suas possibilidades os agentes suburbanos se fizeram presentes ao torneio que ocorreu de forma predominante no bairro das Laranjeiras.

O futebol suburbano se aproximou da década de 1920 recebendo olhares cada vez mais atentos daquelas equipes que disputavam a Liga Metropolitana. Como tricampeão suburbano, o Engenho de Dentro foi visto por um clube de origem portuguesa como aquele que poderia ajudá-lo a reforçar o seu plantel: o Clube de Regatas Vasco da Gama, que iniciara suas atividades no futebol em 1916.

3.3. O Profissionalismo Marrom nos subúrbios

A diretoria do Vasco da Gama, sob a presidência de Francisco Marques da Silva, resolveu mudar a lógica do futebol até aquele momento. Sem se importar com a cor ou a condição social dos jogadores do seu primeiro quadro, e nem com seus dotes comprovados em grandes jogos, o Vasco contratou, de uma vez, seis jogadores dos dois melhores times dos subúrbios cariocas. O clube buscou o que se chama no futebol de a “espinha dorsal” do tricampeão suburbano. Nelson, o Chauffer, foi para o gol vascaíno.²¹⁰

O sucesso do Engenho de Dentro despertara no clube português a possibilidade de, contando com alguns de seus elementos, obter retorno semelhante na Liga Metropolitana. Por isso, a ideia de “contratar” elementos dos Fantasmas Azuis.

Por parte da equipe e da imprensa suburbana, entretanto, esta medida não foi bem recebida. Novamente o *Gazeta Suburbana*, cujo objetivo principal era defender os interesses suburbanos, deu espaço em suas páginas para dar vozes àqueles que viam nesta medida algo prejudicial aos interesses locais.

Illmo. e Exmo. Sr. Redactor Sportivo da Gazeta Suburbana. Cordeas saudações. Dirijo-me a V. Ex., por ser o único homem capaz, neste momento, de enfrentar a situação, e, por ser o bem feito jornal que V. Ex. tão bem dirige, o único órgão suburbano que trata com carinho do sport no subúrbio. Quero-me referir ao Sr. Achilles Pederneiras, que, como toda gente sabe, está fazendo um papel indigno e ante sportivo. Esse Sr. Pederneiras, que jogou no Engenho de Dentro, e é actualmente Director sportivo do Vasco da Gama, não se envergonha de seduzir players desse club para o Vasco, promettendo naturalmente o que não tem competência para dar, e, embora tenha, não deixa por isso de ser evidente o seu papel. A Directoria do Engenho de Dentro

²¹⁰ SANTOS, 2010, p. 209.

precisa tomar providências seria nesse sentido, pois, qualquer dia, o nosso glorioso club ficará sem elementos, visto o Sr. Pederneiras carregar todos para o Vasco da Gama. Grato pela publicação desta, subscrevo-me, de V. Ex. Cdo e leitor, M. P. A.²¹¹

Ainda nas primeiras décadas do século passado era comum ver indivíduos pertencendo a mais de uma instituição. Não obstante, o leitor em si se choca com a ação de seduzir jogadores do Engenho de Dentro para acompanhá-lo na nova associação. Sua preocupação é que, com tal medida, a equipe suburbana possa vir a ficar sem seus elementos.

Faz-se necessário lembrar que o Vasco da Gama não foi o único clube a proceder desta maneira. No início de 1919, segundo *O Imparcial*, mais de 20 jogadores haviam deixado a Liga Suburbana:

A SUBURBANA É NO FUTURO CAMPEONATO O CELEIRO DA METROPOLITANA.

Para os sportmen que entendem que a entidade suburbana não preenche os fins progressivos do desenvolvimento sportivo da nossa terra, como de quando em vez se propala nas rodas desportivas, levamos ao conhecimento daquelles que de facto se interessam pelo progresso do football, o escandaloso caso de suborno, de vantajosas promessas de bons empregos, de gordas gorjetas que estão sendo postas em prática aos jogadores da Suburbana para se filiarem aos diversos clubes das três divisões da Metro.

Já sobe a número superior de 20 players que se transferiram com malas e bagagem para a entidade da Rua Buenos Aires. E depois digam que a Suburbana não é o celeiro da Metropolitana.²¹²

A ideia de que os subúrbios seriam um celeiro de craques para os clubes da Zona Sul e da região Central do Rio de Janeiro mostra-se ainda como um risco de se tornar realidade próximo à década de 1920. Os motivos que podem explicar essas mudanças são, segundo o pesquisador João Manuel Casquinha Malaia Santos, o surgimento de um novo fenômeno no futebol brasileiro com a formação de um mercado para a negociação de jogadores de futebol. “Aos jogadores desses clubes mais modestos eram oferecidos dinheiro e bons empregos para que mudassem de clube. Os mais ricos da cidade concediam, através do futebol, possibilidade de ascensão econômica e social aos melhores jogadores da cidade”.²¹³ Até a década de 1930, este tipo de prática era vedada.

²¹¹ *Gazeta Suburbana*, em 05/04/1919, p. 3.

²¹² *O Imparcial*, 22/03/1919, p.4.

²¹³ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção dos negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)*. Leituras de Economia Política, Campinas, (13): jan./jul. 2008, p. 148.

Predominava o que se chamava de amadorismo, pelo qual um jogador defendia um clube pela paixão ao esporte e à agremiação. Não obstante, na prática, o que se via estava longe de ser isso.

A transferência de Nelson da Conceição do Engenho de Dentro A.C. para o C.R. Vasco da Gama é um desses exemplos. Clube de origem portuguesa, o Vasco foi fundado em 21 de agosto de 1898 e se destinava, inicialmente, à prática do remo, mas que, por estar inserido na enorme colônia portuguesa presente no Rio de Janeiro (eram aproximadamente 172 mil portugueses de uma população total estimada em 1 milhão e 500 mil pessoas),²¹⁴ também se fez presente em outras modalidades esportivas. Com o crescimento do futebol, não demoraria muito para que ele entrasse na pauta do clube português. Em 1915, sob a presidência do comerciante português Raul Campos, foi criado o departamento de futebol do clube da Cruz de Malta.

Como aponta Walmer Peres Santana (2013),²¹⁵ pesquisador do Centro de Memória do Vasco da Gama, foi com a vinda de sócios-jogadores do Lusitânia (1913) que o clube português montou sua equipe de futebol, cuja primeira partida foi disputada em 1916 com uma goleada sofrida de 10 a 1 diante do Paladino F.C. Não obstante, a diretoria vascaína estava determinada a fazer daquele clube um dos melhores no meio futebolísticos do Rio de Janeiro, “por isso, desde o início, parece que o clube não fez muita questão de ter jogadores identificados com os *players* dos grandes clubes cariocas”.²¹⁶ João Santos (2010) nos apresenta, neste sentido, que os indivíduos escolhidos pelo clube português são sujeitos que praticavam o futebol nas regiões suburbanas:

[...] batalhão de excelentes jogadores nos subúrbios cariocas. Eram homens das camadas menos abastadas, trabalhadores flutuantes numa cidade marcada pelos baixos salários, pelo desemprego e pelo surgimento de inúmeras oportunidades de trabalho fora do mercado tradicional e formal da cidade.²¹⁷

Ingressando na Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), o Vasco iniciou na 3ª divisão e lá permaneceu até 1917, quando, como aponta Santana (2013), subiu de forma compulsório à 2ª Divisão a partir das reformas dos estatutos da

²¹⁴ Recenseamento do Brasil, de 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

²¹⁵ SANTANA, W. P. *As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)*. Memória (Bacharelado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p.33.

²¹⁶ Santos, 2010, p. 138.

²¹⁷ Idem à nota 216.

LMSA.²¹⁸ Contudo, foi a partir de 1919 que jogadores da Liga Suburbana passaram a atuar na Liga Metropolitana defendendo o Vasco da Gama. Para esta análise nos debruçaremos sobre um caso específico destas transferências: o goleiro Nelson da Conceição.

As informações sobre a origem de vida deste sujeito advêm, em sua maioria, de notas extraídas junto à imprensa da época. Sabe-se, por meio do que foi publicado no jornal *A Tribuna*, em 21 de agosto de 1923, que Nelson da Conceição nasceu no dia 12 de agosto de 1899, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro.²¹⁹ Filho de Carlota Laura da Conceição,²²⁰ ele se mudou para a Capital Federal, onde começou a disputar partidas oficiais de futebol com apenas 15 anos de idade.²²¹ Sua carreira começou em 1915 junto ao Paladino F.C., clube filiado à Liga Metropolitana de Sports Athleticos, mas já em 1916 ele estava defendendo o Engenho de Dentro Athletic Club. Tricampeão da Liga Suburbana atuando como goleiro da equipe que ficou conhecida por Fantasmas Azuis, Nelson chamou a atenção dos dirigentes do Vasco durante o processo de reformulação de seu departamento de futebol em 1919.

Neste período, os jogos de futebol já eram um grande sucesso de público nas arquibancadas e entre a população carioca. Tanto nos jogos da Liga Metropolitana, como nos da Suburbana, a assistência era numerosa para acompanhar as partidas, como indicamos nas páginas acima. Conseqüentemente, era importante para manter este interesse que os clubes tivessem a sua disposição os melhores elementos para a prática do jogo.

O Vasco, como uma maneira de atender a esse requisito, recorreu ao futebol suburbano. Assim, a configuração de seu time que seria campeão Carioca em 1923 fugia bastante do perfil que predominava naquela competição até então. A imagem do Anexo VII (Caderno de imagens anexo, página 106) nos mostra jogadores negros e brancos, oriundos de camadas sociais bem distantes da que pertenciam os *sportsmen* até então.

João Santos (2010) ressalta em sua pesquisa que o Vasco da Gama, clube que Nelson passou a defender após deixar o Engenho de Dentro, conseguia obter em algumas partidas do Campeonato Carioca de 1923 cerca de 20 contos de réis, já

²¹⁸ SANTANA, 2013, p.34.

²¹⁹ *A Tribuna*, em 21 de agosto de 1923, p. 4.

²²⁰ *O Imparcial*, em 22 de fevereiro de 1924, p. 3.

²²¹ SANTANA, 2013, p.13.

descontando as despesas com a realização da partida e com o pagamento de bichos.²²² Sem campo próprio, o clube alugava o estádio das Laranjeiras, do Fluminense, e pagava uma taxa de aluguel pela utilização. As vendas das bilheterias eram, portanto, parte importante da renda de um clube. Conseqüentemente, essa possibilidade gerava a necessidade de atrair jogadores de maior capacidade técnica.

Nos subúrbios, a realidade das equipes em relação à arrecadação dos jogos não era a mesma. Equipes da Liga Suburbana, por sua vez, tinham prejuízos em algumas partidas que os colocava em condição de inferioridade financeira para com outros times,²²³ principalmente aqueles que jogavam as divisões principais da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Um dos clubes que mais sofreram com isso foi o Engenho de Dentro A. C., que, como em relação ao caso de Nelson da Conceição, viu alguns de seus principais elementos se transferirem para times com maior poder aquisitivo, como era o Vasco da Gama.

A 23 de março de 1919, Nelson da Conceição fez sua estreia pelo time português ao participar do Torneio Initium (Início) da 2ª Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT).²²⁴ A competição fora realizada naquela data e na sede do Botafogo Football Club, em General Severiano, e teve como vencedor o Palmeiras Athletico Club, que comemorava o seu 8º aniversário.

O Vasco apresentava pela primeira vez o goleiro Nelson como defensor de seu gol. O goleiro permaneceu no Vasco e no Engenho de Dentro simultaneamente, ficando exclusivamente no primeiro apenas no segundo semestre, quando estreou numa partida contra o S.C. Rio de Janeiro pelo campeonato da segunda divisão.

Isto era possível, embora não “caísse bem”, porque o Vasco era membro da LMDT, enquanto o Engenho de Dentro da Liga Suburbana. Assim, a chamada Lei do Estágio, ou seja, a obrigatoriedade do jogador de ficar um ano sem atuar quando trocava de clube, com o objetivo de enfraquecer o interesse por troca de jogadores entre os clubes, não se aplicava.²²⁵

Há, neste sentido, a percepção de uma ação bem coordenada por parte de um clube que iniciava a mudanças das regras do jogo. O Vasco se fortaleceria atraindo para o seu elenco jogadores de outras equipes que, como indicam alguns dados extraídos do próprio clube de origem portuguesa, recebiam recursos financeiros como contrapartida

²²² SANTOS, 2010, p. 297-298.

²²³ *O Imparcial*, em 16/10/1920, p. 3.

²²⁴ SANTANA, 2013, p.29.

²²⁵ SANTANA, 2013, p.29-30.

pelo seu sucesso dentro do campo de futebol. Em Ata da 3ª Sessão da Diretoria do Vasco, do dia 1º de fevereiro de 1922, durante o mandato do presidente Antônio Almeida Pinto, o goleiro foi agraciado com o recebimento de gratificação de 35\$000.²²⁶ Como se não bastasse este não ser um caso isolado, em Ata da Diretoria do Vasco de 8 de março de 1922, “uma conta de tratamento médico e farmácia para o jogador Nelson de 132\$500”²²⁷ foi atribuída ao arqueiro. Novamente, em abril daquele ano o tratamento médico e farmácia é a justificativa apresentada para o pagamento de 100\$000 ao mesmo jogador.²²⁸

Para Mário Filho, tal prática recebia um único nome: o pagamento de bicho. “Por isso mesmo, além da casa, comida, roupa lavada e engomada, o português dava dinheiro aos jogadores de Morais e Silva. (...) Toma lá, ó Nelson da Conceição para que não engulas nenhum gol”.²²⁹ Com essa medida, as relações entre clubes e jogadores começavam a mudar drasticamente no futebol. Estabelecia-se, assim, um novo paradigma.

O jogador de futebol se convertia em um verdadeiro trabalhador urbano. Com a popularização dos esportes e, principalmente, com o fenômeno futebol, jogadores oriundos das camadas menos abastadas se mostravam bons jogadores em clubes menores e passavam a ser interesse das grandes empresas do futebol, aquelas agremiações com potencial para lotar estádios e ter rendimentos anuais na casa das centenas de milhares de contos de réis. Aliás, esse novo trabalhador encaixava-se bem no modelo de trabalhador das cidades no início do século XX.²³⁰

Para a *Gazeta Suburbana*, este tipo de relação ia totalmente de encontro com o que pregava o futebol até então. Em uma seção denominada *Pelo Sem Fio*, na qual conversas sobre determinado assunto eram simuladas (o que nos permite perceber parte do pensamento de certos grupos), o amadorismo é invocado como ferramenta da defesa dos interesses suburbanos.

Pelo sem fio...Informações de toda parte [...]
Profissionalismo só no Vasco, cá em casa é só por amor.

²²⁶ Ata da Diretoria do Vasco de 1º de fevereiro de 1922. Arquivo do Centro de Memória Club de Regatas Vasco da Gama.

²²⁷ Ata da Diretoria do Vasco de 8 de março de 1922. Arquivo do Centro de Memória Club de Regatas Vasco da Gama.

²²⁸ Ata da Diretoria do Vasco de 5 de abril de 1922. Arquivo do Centro de Memória Club de Regatas Vasco da Gama.

²²⁹ **FILHO**, 2003, p. 123.

²³⁰ **SANTOS**, 2010, p. 212.

Flavio.
Chauffer, Esquerdinha, Pederneiras e Quintanilha (Vasco) – 10:000\$ é dinheiro prá burro, se arranjares pra mim irei também.
Gonçalo.²³¹

O diálogo fictício se passa entre ex-jogadores do Engenho de Dentro e que estariam naquele momento defendendo o Vasco da Gama (Nelson Chauffer, Esquerdinha, Pederneiras e Quintanilha). Por parte de Flavio, que segue defendendo os Fantasmas Azuis, o que prevalecia seriam seus nobres sentimentos pela equipe suburbana. A ideia de fazer disso uma profissão lhe era imprópria.

O humor também foi outra ferramenta de que fez uso a *Gazeta Suburbana* para demonstrar a indignação contra o processo de mercantilização dos jogadores de futebol.

Soubemos, que, em certa rua da Estação Piedade, um jogador de um club da Liga Suburbana, foi calorosamente seduzido por demoiselle, para deixar o seu club e ir jogar pelo...(?!?) naturalmente pelo club de que essa moça em questão é torcedora fanática... Mas, apesar de todos e de todas as complicações que podem advir disto, sempre é melhor e mais correcto esse profissionalismo que o outro... o outro, o tal em que os cobres entram em scena...²³²

O apelo para o lado amador do esporte bretão foi um dos recursos que restavam para esses clubes que, já diante da comercialização do futebol, encontravam-se em posição de desvantagem. Com a entrada dos cobres (dinheiro) em cena, ficava difícil manter um jogador de qualidade jogando em troca apenas do prazer da vitória – ou, quando não, recebendo bem menos do que ganharia se defendesse outra equipe com maior poder aquisitivo.

A Liga Suburbana perdia força perante a Liga Metropolitana. Não obstante, ela buscou se fazer presente aos grandes eventos que aconteciam na Capital Federal. O ano de 1919 também marcou o último de sua edição. O enfraquecimento de sua principal equipe até então, somado à dificuldade de outros clubes se manterem, fez com que a sua despedida se desse com a conquista do título pelo Bonsucesso Football Club. Todavia, esta competição foi sendo esvaziada aos poucos ainda durante a sua realização com o não comparecimento de algumas equipes aos seus duelos.

Engenho de Dentro x Dramatico. Esta comissão é de parecer que seja marcado ao Engenho de Dentro, dois pontos dos primeiros teams

²³¹ *Gazeta Suburbana*, em 12/04/1919, p.4.

²³² *Gazeta Suburbana*, em 05/04/1919, p.4.

e dois pontos nos segundos, por não ter comparecido o primeiro team do Dramatico, estando o mesmo incurso nas penas do art. 30 do Codigo de Foot-Ball, 50\$000 de multa, por não ter offerecido a Liga, a ausência do seu primeiro team.²³³

A ausência de um time de futebol a uma partida recebe o nome de “WXO”. Foi justamente isso que aconteceu para com a equipe do Dramatico no duelo apresentado acima com o Engenho de Dentro. Não obstante, este episódio nos permite auferir uma queda no envolvimento das equipes suburbanas com uma de suas ligas. Não necessariamente, isto não pode significar uma queda na prática do futebol na região, mas tão somente novos reajustes na configuração das equipes e dos sujeitos que o praticam.

O Engenho de Dentro, no ano seguinte, estava longe de se mostrar tão forte quanto durante os anos em que foi campeão da Liga Suburbana. Nos subúrbios, ele já era um adversário passível de ser vencido devido ao dismantelamento de seu 1º time com a saída de alguns jogadores, mas ainda assim com prestígio para ser convidado a eventos festivos.

Fidalgos de Madureira, campeão da “Associação Athletica Suburbana”, derrota brilhantemente p tri-campeão Engenho de Dentro Athletico Club, pelo “score” de 3 a 2.

Transcorreu com o maior brilhantismo o festival dos Fidalgos de Madureira, realizado domingo ultimo; tendo uma animada assistência e não faltando o elemento feminino, representado por innumeradas senhoritas entusiasticas do sport bretão.²³⁴

O Vasco da Gama alcançou seus objetivos. “Pagando seus jogadores, transformando-os em atletas profissionais, rapidamente subiu da 2ª para a 1ª divisão da LMDT e, em 1923, ano de estreia do clube na divisão principal, foi campeão, rompendo com a hegemonia dos times mais ricos e brancos da capital”.²³⁵

Apenas em 1924 os Fantasmas Azuis voltaram a assombrar com a conquista da Série C do Torneio Início, mas já fazendo parte da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.

3.4. O futebol nos arrabaldes para além da Liga Suburbana

²³³ *Gazeta Suburbana*, em 12/07/1919, p. 4.

²³⁴ *Gazeta Suburbana*, em 13/03/1920, p. 4.

²³⁵ SANTOS, 2010, p. 151.

A Liga Suburbana de Futebol foi a competição dos subúrbios que mais chamou a atenção da imprensa carioca no início do século XX. Criada em 1907, ela representa a inserção do futebol nos arrabaldes da Capital Federal, mas estava longe de ser a única forma de manifestação deste esporte.

Os festivaes do próximo domingo
Nada menos de três festivaes realizam-se em clubs suburbanos.
A primeira, no ground do Flamengo, a festa do Esperança F.C.
A segunda, no ground da rua Ferreira de Almeida, é a festa do Sport Club Mackenzie:
A terceira finalmente é a festa do River F.C., no campo da rua José Ricardo, na Piedade.
Qualquer dellas está sendo organisada a capricho só sendo de esperar sucesso, sobre sucesso.²³⁶

A realização de eventos especiais durante a não realização da Liga Suburbana foi uma das formas que significou a presença do futebol na região. Eventos deste tipo, importante ressaltar, já aconteciam antes mesmo da criação da competição, no entanto, mantiveram-se presentes até mesmo após a institucionalização do torneio. Para equipes que não a disputavam, esta era a maneira de fazerem o esporte bretão atender aos anseios de seus associados.

A valorização dos resultados positivos auferidos dentro de campo durante a Liga Suburbana também foi um dos mecanismos utilizados neste momento. Em 1919, por exemplo, o tricampeonato conquistado pelo Engenho de Dentro foi celebrado em uma grande festividade que buscava mostrar a grandeza da competição e de seus participantes.

O grande brilhantismo que alcançou a sessão solemne realizada pela Liga Suburbana de Football, em sua sede social, na noite de sabbado passado, foi a demonstração parente e sincera do quanto a entidade máxima sportiva se interessa e cuida da vida progressiva do sport, nos subúrbios, levando a serio e com mais acendrado valor a útil causa, envidando, para esse fim, todos os seus esforços, para que nada falte, e, que todas as medidas imprescindíveis sejam rigorosamente applaudidas.

Mais tarde, quando na nossa grande capital o sport for uma pagina de admiração e conceito, de ensinamento para as futuras gerações, será entra reconhecido o importante trabalho que a Liga Suburbana emprestou ao seu progressivo desenvolvimento.

Tanto o salão de honra como as demais dependências da Liga Suburbana se achavam lindamente ornamentados e profusamente

²³⁶ *Gazeta Suburbana*, em 26/04/1919, p. 3.

iluminados, acolhendo sem seu seio avultado numero de Exmas. Famílias de todas as camadas sociaes, dando um aspecto encantador á imponente sessão que ia se realizar.²³⁷

A ocorrência de eventos deste tipo indica a valorização local da competição e, conseqüentemente, do esporte na região. O futebol suburbano não se mostrava mais como uma simples prática, ele ganhava significados que iam além do que acontecia no gramado e se propagava. As cerimônias como a apresentada acima podem ser entendidas como uma oportunidade de reconhecimento perante a comunidade do sucesso/hegemonia de um grupo. No caso, o tricampeonato conquistado pela equipe do Engenho de Dentro é o elemento em questão exaltado e que se materializava na medalha de ouro que lhe era oferecida – diferente do modelo de prata oferecido a outras equipes vencedoras daquele ano.

Ainda que os eventos sociais fossem importantes, um dos grandes diferenciais do futebol para com outros esportes era a sua prática constante e acessível aos indivíduos que desejassem dele participar. Nem todos os associados de um clube poderiam, por exemplo, atuar na Liga Suburbana. Nem mesmo todos os clubes que assim desejassem poderiam fazê-lo, como demonstramos anteriormente, no entanto, havia maneiras de este cenário ser contornado. Se os clubes encontravam em *matches* do final de semana uma forma de manter o futebol vivo em seus domínios, os associados tinham em torneios internos esta possibilidade haja vista sua finalidade ser “proporcionar aos sócios do club a pratica football, preparando novos jogadores dentre os que não conhecem o sport e mantendo em estado de aproveitamento os jogadores não incluídos nos quattros officiaes”.²³⁸ A participação nestes torneios internos era mais acessível do que em outras competições, pois em sua ocorrência anual era possível ser disputado por “tantos quadros quantos forem organizados com os sócios inscriptos”.²³⁹

Foi assim que o Palmeiras Athletic Club organizou a edição de seu torneio interno em 1919, criando, nesta ocasião, uma vedação a atletas que já disputassem competições maiores, como a Liga Suburbana. “Não poderão concorrer ao Torneio os jogadores effectivos dos 1º e 2º quadros officiaes, podendo, no entanto, fazel-o os do 3º e os reservas daquelles, a proporção máxima de 3 por 4”,²⁴⁰ estabelecia o artigo 7º de seu

²³⁷ *Gazeta Suburbana*, em 10/05/1919, p. 4.

²³⁸ *Gazeta Suburbana*, em 10/05/1919, p. 5.

²³⁹ *Idem* à nota 238.

²⁴⁰ *Gazeta Suburbana*, em 10/05/1919, p. 5.

regulamento que, no parágrafo único do mesmo artigo, vedava também “os sócios que estiverem disputando oficialmente por outros clubs da L.M.D.T.”²⁴¹ de disputarem a competição interna.

Alguns clubes que não participaram da Liga Suburbana passaram a integrar outras competições dos arrabaldes cariocas: a Associação Athleticana Suburbana. Este torneio, cuja sede era em Madureira, possuía bastante prestígio local e chegava ao ano de 1919 em sua quarta edição.²⁴² Neste ano a temporada esportiva teria início com 56 equipes e 1.192 jogadores referentes às Ligas Metropolitana, A.A. Suburbana e Liga Suburbana,²⁴³ mas ainda faltavam dados das Ligas Municipal, Carioca, Naval, A.B.D. A., Lagoa de Freitas e outras.²⁴⁴ Os primeiros duelos aconteceram apenas após o Campeonato Sul Americano.²⁴⁵

Os clubes suburbanos, nas décadas de 1910 e 1920, estavam espalhados por outras competições, além da Liga Suburbana. Havia a Aliança Esportiva Municipal, a Liga Sportiva de Futebol, a Associação de Sports Terrestres, a Liga Rodrigo de Freitas e a Associação Athleticana Suburbana. O número de clubes filiados a cada uma delas variava de 10 instituições a 20, como era o caso da A.A. Suburbana,²⁴⁶ mas há grande dificuldade em estabelecer o número exato dos participantes em razão de as licenças concedidas variarem anualmente.

“As duas principais ligas suburbanas da cidade, a Liga Suburbana e a Associação Athletica Suburbana, rivalizavam na formação da associação que congregasse os melhores clubes do subúrbio do Rio de Janeiro”,²⁴⁷ destacou Santos (2010). Neste processo, o acesso das equipes dos subúrbios às competições locais também estava condicionado ao atendimento de alguns requisitos. No caso da Liga Suburbana, para fazer parte do torneio em 1919, era necessário, dentre outras coisas, “ter uma sede social e um campo ou local apropriado à prática do desporto”²⁴⁸ e haver pago “a importância de 50\$000, valor da joia exigida”.²⁴⁹

As exigências, por um lado, se assemelham as barreiras criadas até mesmo pela Metropolitana e que dificultavam o acesso de equipes suburbanas. No entanto, elas não

²⁴¹ Idem à nota 240.

²⁴² *Gazeta Suburbana*, em 31/05/1919, p. 5.

²⁴³ *Gazeta Suburbana*, em 07/06/1919, p. 3.

²⁴⁴ Idem à nota 243.

²⁴⁵ *Gazeta Suburbana*, em 11/06/1919, p. 12.

²⁴⁶ Santos, 2010, p.102.

²⁴⁷ Santos, 2010, p.101.

²⁴⁸ *O Imparcial*, em 07/02/1919.

²⁴⁹ Idem à nota 248.

são idênticas. Na indicação sobre a necessidade de ter sede social e campo, os mesmos não precisam pertencer ao clube, podendo ser alugado. Na Metropolitana, havia a indicação de que os mesmos pertencessem ao patrimônio da instituição, o que, conseqüentemente, era um fator que dificultava o acesso de algumas agremiações.

O aluguel de campo era um fator de renda relevante também no futebol suburbano. Clubes em melhores condições estruturais cediam seus *grounds* para que outros pudessem mandar seus jogos. Em sua maioria, estes espaços estavam localizados próximos às estações de trem, seguindo o caminho da própria configuração geográfica destas regiões, como indicamos no capítulo I. O Engenho de Dentro Athletic Club tinha seu campo próximo à estação de Engenho de Dentro, assim como o Bom Sucesso Football Club, que também tinha seu campo perto da estação de trem de Bom Sucesso.²⁵⁰

²⁵⁰ SANTOS, 2010, p.103.

Considerações Finais

Ao nos debruçarmos sobre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro, oferecemos tão somente uma visão sobre este processo nas primeiras décadas do século XX. Esperamos ter conseguido apresentar este esporte sob um prisma não dicotômico no que tange a sua prática pelo conjunto das elites cariocas e dos sujeitos que ocupavam as regiões suburbanas.

Inicialmente, apresentamos nossas considerações sobre o processo de inserção do futebol no Rio de Janeiro. Monopólio de um único grupo social? Não, este esporte apresenta características que permitem sua difusão entre sujeitos além dos detentores do poder econômico que, na virada do século XIX para o XX, constituíam-se nos *sportsmen* que praticavam turfe e remo. No futebol, a possibilidade de jogá-lo era mais acessível e não se mantinha restrita aos espaços especificamente destinados para a sua prática.

Assim, percebemos que estávamos lidando com um esporte cuja ideia de origem única não se sustentava, conseqüentemente, o seu desenvolvimento também apresentou caminhos diversos. Clubes como Fluminense faziam das partidas de futebol grandes eventos sociais, oportunidades de confraternização social com sujeitos do seu *metiê*. Clubes suburbanos, como o Sport Club Mangueira, Riachuelo Football Club e o Engenho de Dentro Athletic Club também davam sentidos próprios aos seus jogos de futebol.

Com esta perspectiva, conseguimos não ficar limitados a eventuais discussões de que em uma região aconteceria tal prática que não estaria presente em outra. Além disso, pudemos identificar a complexidade em torno destes sujeitos e das relações que teciam, apresentando, a depender do grupo, concepções diferenciadas e que tinham significados diferentes. Tanto para o que definimos elites, como para que apresentamos como suburbano, o futebol era um objeto de apressamento e identificação, ainda que com significados ora diferentes e ora semelhantes.

Nosso trabalho, portanto, se debruçou sobre clubes que tinham em comum o fato de estarem situados na região suburbana, portanto, se fez necessário inicialmente definir de que subúrbios estamos falando. Geograficamente, esta região pode ser designada como a do entorno do Centro, mas apenas esta identificação cartográfica não foi suficiente. Por isso, nos debruçamos sobre a leitura de pesquisadores especializados neste tema para construirmos um conceito que nos atendesse. Subúrbios, nesta

conjuntura, podem ser definidos como a região que ladeia a região central do Rio de Janeiro e, no século XX, se caracterizou por ter sua ocupação sócio-espacial feita majoritariamente (mas não exclusivamente) por trabalhadores de baixa renda. É neste cenário que temos o desenvolvimento do futebol também por estes tipos de sujeitos, pois ali se faz presente uma aristocracia local que, em muitos casos, controla os clubes, como os irmãos Joppert em relação ao Riachuelo.

Dentro desta complexa região, escolhemos o bairro do Engenho de Dentro para analisar, em razão do clube homônimo que surgiu por ali e na década de 1910 conquistaria do tricampeonato da Liga Suburbana de Futebol. Ligado no século XIX ao distrito de Inhaúma, o Engenho de Dentro se configurava como uma área operária, sendo a instalação das oficinas da Estrada de Ferro Dom Pedro II (posteriormente chamada de Central do Brasil) um elemento marcante para a constituição do perfil sócio econômico daquela localidade.

Como tricampeão da Liga Suburbana de Futebol nos anos 1916, 1917 e 1918, os Engenho de Dentro Athletico Club despertou a atenção de equipes da Liga Metropolitana de Sports Athleticos. O Clube de Regatas Vasco da Gama foi um dos que mais fizeram uso de jogadores advindos dos subúrbios para engrossar suas fileiras. No entanto, tal medida gerou debates riquíssimos acerca dessas transferências que deixaram evidente a percepção que os suburbanos possuíam em torno do futebol, como pudemos identificar pela leitura de parte da imprensa local, através do jornal *Gazeta Suburbana*.

A partir disso, deixamos em aberto a possibilidade novas pesquisas buscarem responder questões que não o fizemos nestas linhas. Como se deu a constituição da equipe do Engenho de Dentro? Utilizamos trabalhos que apontava nesta direção em relação a montagem do Vasco da Gama,²⁵¹ mas ainda há lacunas que podem ser preenchidas por análises sobre a formação dos clubes suburbanos.

Se antes de a chegada das estradas de ferro as regiões suburbanas apresentavam um aspecto mais romântico, ligado à natureza e ao denso povoamento, posteriormente este cenário se transformou com a instalação de empreendimentos fabris e comerciais. Assim, cada vez mais casas e pequenos quartos foram erguidos no lugar das grandes fazendas e chácaras, tornando a região em centros populosos e concentrados em torno das estações de trem.

²⁵¹ Os trabalhos de João Santos (2010) e Walmer Santana (2013) são dois exemplos.

A imprensa da época acompanhou com afinco este processo e o relatou em suas páginas. Nós, entretanto, optamos por debater um pouco a maneira como a percepção de subúrbios era abordada pelas páginas impressas. Resumidamente, os jornais de grande circulação do Rio de Janeiro adotavam, na maioria dos casos, noções pejorativas para se referir aos subúrbios, enquanto na imprensa local esta abordagem apresentava formas variadas a depender do objetivo desejado. Quando se desejava requerer algum melhoramento dos agentes públicos, os termos pejorativos ganhavam vez, porém, quando o objetivo era destacar atividades do bairro ou a própria região, os adjetivos eram os recursos mais utilizados, como, por exemplo, para enaltecer a prática futebolística na região. Desta forma, abre-se novas oportunidades de análises a respeito dos resultados obtidos por essas abordagens dentro dos próprios subúrbios. Carente de ações do Estado em alguns momentos, de que maneiras o destaque dado à precariedade foi efetivo no atendimento das reivindicações? Tais questões não foram objeto de nossa análise no presente trabalho, mas podem ser analisados em outras oportunidades.

O entusiasmo e a animação dos praticantes do futebol eram frequentemente apresentados para indicar a difusão do futebol nos subúrbios. Concomitantemente, a criação de clubes também era enaltecida e apresentada como forma de indicar o progresso esportivo suburbano. De forma bastante elogiosa, as instituições fundadas eram descritas como participantes ativos do futebol carioca e responsáveis pelo seu desenvolvimento na região. Quais objetivos estariam por trás de tais medidas? Até o momento, identificamos nisto um mecanismo para buscar público aos jogos ao apresentá-los como espetáculos de alta qualidade, sem desconsiderar que equipes assim representadas conseguiam proporcionar estes cenários. Não obstante, tal relação pode ser melhor explorada com cada vez mais trabalhos voltados para os usos e sentidos atribuídos à imprensa suburbana. O fato de os subúrbios possuírem jornais e revistas específicos para as suas regiões indica a existência de um público consumidor destes materiais e também a existência da necessidade de manifestação de identidade local que era construída perante aqueles que compartilhavam ou não o mesmo espaço físico.

A Liga Suburbana de Futebol foi fundada em 1907, portanto, dentro deste contexto. O esporte bretão nas regiões dos subúrbios era prática frequente nos finais de semana em partidas envolvendo clubes da localidade, bem como também já integrava o cotidiano da região, como indicam as notícias publicadas em jornais. A construção de tal perspectiva ao longo desta dissertação, nos permite ampliá-la em trabalhos futuros. Em torno da ideia do profissionalismo marrom, por exemplo, é possível visualizar as

concepções diferenciadas de alguns grupos e, concomitante, o entendimento que determinados sujeitos tomam para si naquele contexto. Ao trocar o Engenho de Dentro pelo Vasco da Gama, Nelson da Conceição atendia aos anseios dos comerciantes portugueses que investiam no Clube da Cruz de Malta. Na visão de parte da imprensa suburbana e de pessoas ligadas à Liga Suburbana de Futebol, ele feria o *ethos* amador desta prática esportiva. Para si mesmo, por sua vez, os benefícios financeiros auferidos deste processo permitem uma melhora em sua qualidade de vida que não se prende a tais discursos. Ele não foi o único personagem a vivenciar este processo, sendo, pois, esta uma das muitas indagações que podem ser feitas a partir deste trabalho, tais como: quais outros sujeitos que trilharam este caminho? Que objetivos os fizeram participar deste processo? De que maneiras o profissionalismo marrom, tão combatido por parte da imprensa suburbana, impactou nas condições socioeconômicas de suas vidas?

Houve embates públicos no sentido de buscar a permanência de Nelson da Conceição e outros elementos em clube da Liga Suburbana de Futebol. Não obstante, o desfecho de tal confronto foi a incorporação de clubes suburbanos a competições que outrora nos os queriam. A sua inserção, todavia, aconteceu mediada pelas condições da época e não buscavam permitir um acesso igualitário ao campo esportivo. Quais foram as reações dos suburbanos diante disso? Que consequências este processo gerou para o futebol suburbanos? Estas são uma questões que podem ser respondidas em pesquisas futuras. Temos o entendimento isto não significou o encerramento das atividades futebolísticas nos subúrbios cariocas, embora em 1919 a Liga Suburbana de Futebol tenha registrado a sua última edição. Novos caminhos foram trilhados a partir daí.

O desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro consiste em um interessante objeto de estudo em razão dos diversos elementos que a ele se conectam. Para a elite, este esporte se apresentava com um dos muitos presentes na Capital Federal no início do século XX e que poderiam monopolizar a sua prática, determinando, inclusive, sob quais as circunstâncias os grupos menos abastados poderiam dele participar. Com o futebol, entretanto, isto não foi possível. Se nos anos 1900 os instrumentos esportivos podiam ser vistos como um fator de diferenciação entre grupos que jogavam o futebol, já na década 1910 este cenário começa a ganhar novos elementos e, nos anos 1920, havia diferentes possibilidades de acesso a bolas de futebol, por exemplo.

A revista *Careta*, em 6 de agosto de 1921, apresenta um anúncio da “Casa Sportman – Fábrica de artigos sportivos”,²⁵² em que as bolas de futebol podiam ser adquiridas por diversos preços, a depender da capacidade do seu consumidor. Se por um lado o destaque inicial foi para as “Bolas Sportic completas nº 5”,²⁵³ comercializadas a 30\$000, por outro lado, com apenas 10% deste valor, era possível adquirir as bolas “Pneumaticos nº 1”²⁵⁴ que eram vendidas a 3\$000. Diferente do que ocorria antes de 1910, a esta altura as camadas menos abastadas se constituem em um público considerável em torno do futebol e que têm suas necessidades saciadas por parte das casas de comércio de produtos esportivos.

A mudança de comportamento de algumas empresas também pode ser melhor analisada se tivermos como um dos postulados básicos o desenvolvimento diferenciado do futebol no Rio de Janeiro. De que maneira estes estabelecimentos estiveram presentes nas regiões suburbanas? E nas regiões mais isoladas do Rio de Janeiro, como atuaram?

A bola rolou no Rio de Janeiro de formas e com sentidos variados. Ainda que o jogo se si despertasse atenção, havia grupos que faziam deles verdadeiros eventos sociais. A reunião de grupos para a prática futebolística poderia se constituir como um ato de afirmação perante a sociedade da época, um momento de ver a sua importância destacada como, por exemplo, a divulgação em algum periódico, deste fato. Este processo, por sua vez, consiste em mais um elemento que nos permite ver este esporte para além da dicotomia entre elite e subúrbio.

As formas com que a imprensa carioca das primeiras décadas do século XX trabalhou este esporte mostra justamente semelhanças na maneira de certos grupos encará-los. Era frequente a exaltação de sportistas e clubes de Botafogo e Laranjeiras em torno de alguma prática esportiva. Nos subúrbios, também identificamos esta abordagem, sobretudo no que concerne o desenvolvimento do futebol na região. Não obstante, isto não significa que estes grupos tivessem a mesma concepção em torno deste esporte.

A criação da Liga Metropolitana, em 1906, foi um bom exemplo de que os grupos do Centro, Laranjeiras e Botafogo concebiam o futebol em seu âmbito, permitindo a entrada de agentes específicos, como, neste ano, foi o caso do Bangu. As

²⁵² *Careta*, em 06/08/1921, p.9.

²⁵³ *Idem* à nota 252.

²⁵⁴ *Careta*, em 06/08/1921, p.9.

regiões suburbanas, por sua vez, não apresentaram a prática futebolística totalmente dependente do que acontecia naqueles espaços. Com características próprias e de acordo com as limitações dos sujeitos, o esporte bretão apresentou um desenvolvimento autônomo e que nos ajuda a entender a sua difusão na Capital Federal da Primeira República.

A Metropolitana, portanto, estava longe de inviabilizar o jogar futebol em outras localidades cariocas, pois este esporte poderia ser reproduzido a qualquer momento e em circunstâncias de grande variação. Apesar disso, ele não era uma unanimidade entre os cariocas. Por isso, apresentamos pesquisadores e estudiosos que eram contrários e favoráveis à prática esportiva. Longe de unanimidade, o futebol e os esportes se configuravam como uma novidade para a sociedade carioca que discutia abertamente os benefícios e malefícios de sua prática.

Se, por um lado a visão dos literatos e cientistas é um tema que já apresenta pesquisas frequentes na historiografia do futebol, a percepção em torno do que pensavam as camadas que deixaram poucos registros escritos vem a ser um campo que ainda carece de mais exploração. As dificuldades para tanto estão, como em boa parte das pesquisas esportivas, na falta de fontes e, e alguns casos, até mesmo na dificuldade e acessar alguns conteúdos. Contudo, existem outras formas de construir este debate, como, por exemplo, os conflitos.

Sob a direcção do fiscal Herminio Silva é constituída nesta data uma turma de guardas civis para o serviço especial de repressão do denominado jogo de “football” na via publica. Aos rondantes, recommendo secundarem os esforços da referida turma, não tolerando a pratica deste jogo nos seus postos ou immediações, cabendo-lhes apprehender os petrechos do mesmo jogo e memettel-os á delegacia respectiva, bem assim os jogadores recalcitrantes. Pede-se ao publico colaborar, organizado em seu proveito, bastanto para isso communicar á Inspectoria da Guarda, pelo telephone Central 248, o logar onde os vadios exercitam o citado jogo, pertubando o socego das famílias, e o livre transito das ruas.²⁵⁵

A prática do futebol nas ruas do Rio de Janeiro ainda é um objeto aquém do no que se referem às pesquisas históricas, mas que vem crescendo bastante, como mostramos por meio de alguns trabalhos aqui citados. Na informação apresentada cima, extraída de um período, vem a discussão que é feita em torno da proibição de o futebol ser jogado nas ruas da Capital Federal. Próximo do século XX, permanecia por parte do

²⁵⁵ *Revista Contemporânea*, em 17/05/1919, p.16.

poder público o desejo de controlar algumas condutas dos cidadãos, como incidia sobre alguns jogos de azar. O futebol, por sua vez, não estava sujeito a isso, mas desde que praticado em espaços que não causassem desordem. Por meio desta informação, é possível pensar quem seriam os sujeitos visados pela polícia. Ainda que no primeiro momento estes indivíduos não mostrem a sua concepção e motivações para jogar bola nas vias públicas, os registros policiais podem nos apresentar isso. Assim, por meio da leitura dessas fontes, pode-se compreender melhor quem foram esses elementos e que discussões havia por trás destes embates.

Diante de tantas questões que necessitam de respostas, também temos o desejo de continuar a contribuir para esta empreitada. Almejamos seguir estudando a história do futebol no Rio de Janeiro, caso este trabalho de mestrado seja aprovado. Como projeto de doutorado a ser submetido a processo seletivo, estamos nos debruçando a respeito da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro. Buscaremos, se possível, somar à compreensão de como foi o período que antecedeu a regulamentação da profissão de jogador de futebol. Pretendemos iniciar o nosso recorte em 1924, quando tais discussões aconteciam abertamente na imprensa da época, e encerrar no ano de 1933, quando ser jogador de futebol tornou-se legalmente uma profissão. Cientes de que poderemos ter que lidar com sujeitos complexos ao longo deste processo, pretendemos buscar apresentar diversas concepções em torno desta etapa na história do futebol.

Algumas das questões que gostaremos de refletir são seguintes: Como foi o processo que antecedeu a profissionalização dos jogadores de futebol no Rio de Janeiro? Quais as visões e posições da aristocracia suburbana neste trajeto? De que forma as modificações nas condições socioeconômicas do Brasil nos anos 1920 e na transição para 1930 influenciaram este episódio?

Se um dos objetivos deste trabalho foi dar destaque ao futebol suburbano do Rio de Janeiro, já nos foi possível identificar que a transferência de jogadores foi um processo central nesta conjuntura. Lembrado pelo senso comum como celeiro de craques dos grandes clubes cariocas (América, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco), clubes dos subúrbios viram muitos de seus jogadores na década de 20 do século passado vestirem outra camisa. Tal realidade não nos permite identificar a utilização do futebol como elemento em comum pura e simplesmente para a aproximação entre agentes sociais, mas sim que tal etapa da história do futebol carioca acontecia permeado pelas diferenciações socioeconômicas e de status da época. Era preciso encontrar um meio para equilibrar isto e a profissionalização dos jogadores foi a saída encontrada.

Tratado como mão de obra dentro de clubes que passaram anos criando mecanismos para a inserção de certos elementos em seu meio, os jogadores considerados profissionais tinham a sua presença tolerada. Ela estava agora condicionada pelas legislações trabalhistas que ganhavam cada vez mais forças na década de 1920 e 1930. O futebol, como parte da sociedade em que estava inserido, não ficou imune e alheio a isso.

Entretanto, a construção desta concepção é o que nos interessa para o projeto de doutorado. De que maneiras os jogadores se portavam diante destas discussões? O amadorismo, conceito utilizado em larga escala para defender a permanência de jogadores cobiçados por outros clubes, torna-se letra morta diante da realidade imposta pelo profissionalismo marrom. Acreditamos que as discussões em torno disso se fazem mais intensas a partir de 1924 na imprensa carioca.

Na década de 1920, a sociedade brasileira viveu um período de grande efervescência e profundas transformações. Mergulhado em uma crise cujos sintomas se manifestaram nos mais variados planos, o país experimentou uma fase de transição cujas rupturas mais drásticas se concretizariam a partir do movimento de 1930.²⁵⁶

O período sobre o qual pretendemos continuar a contribuir com a história do futebol no Rio de Janeiro é a década de 1920, época em que a transição para um novo momento da história brasileira estava acontecendo. Do ponto de vista econômico, por exemplo, os agentes se tornavam mais complexos. Se de um lado houve momentos de alta da inflação e de crise fiscal, também existiram períodos em que empresas se expandiram e nos estabelecimentos comerciais surgiram. De que forma o futebol carioca se relacionou com este cenário? Sabendo que já existia uma indústria do entretenimento na então Capital Federal em torno das práticas esportivas, buscaremos, caso o projeto elaborado seja aprovado, dedicar parte de nossa pesquisa a estudar a relação entre economia e futebol.

Ao mesmo tempo, como as camadas sociais participaram deste processo em torno do futebol? Esta é uma questão relevante para refletirmos. Os setores urbanos se ampliaram com a expansão da classe média, a qual, em relação ao futebol, era parte dos

²⁵⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930 in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2008, p. 389;

agentes consumidores e praticantes deste esporte. De que maneiras este período de transição impactou nestes sujeitos no que se refere ao futebol? Esporte com grande apelo popular no sentido de atrair públicos para os estádios e de incentivar a compra de produtos, como ele foi impactado no Rio de Janeiro pelas mudanças econômicas?

A classe trabalhadora, que pouco debatemos no presente trabalho, terá um espaço maior no projeto de doutorado que estamos trabalhando. Pretendemos discutir suas aspirações e interesses em torno do futebol no Rio de Janeiro na década de 1920, pois a questão operária já se fazia presente nos debates políticos que marcavam as disputas eleitorais. Nilo Peçanha, candidato presidencial em 1922, advogava em defesa do proletariado, como forma de trazer para si o apoio destas camadas. “O mundo não pode ser mais o domínio egoístico dos ricos”,²⁵⁷ afirmava o político e, conseqüentemente, colocando os trabalhadores no polo dos menos abastados economicamente. Ante ao crescimento evidente do proletariado, almejamos discutir de que maneiras clubes e associações de trabalhadores enxergaram o futebol na transição do amadorismo para o profissionalismo.

O cenário político deste período também nos aponta para a “diversificação de interesses no interior das próprias elites econômicas”.²⁵⁸ Tal cisão acontecia pelas disputas em torno do controle político do país e devido ao ingresso de novos agentes desejosos por poder, mas a ruptura entre as elites econômicas também se faz presente no cenário futebolístico. O profissionalismo marrom contava com o interesse de grupos econômicos que, em torno de um clube esportivo, mostrava a sua força com os resultados positivos obtidos dentro de campo e também com a construção de estádios para dar vazão ao público cada vez maior que desejava acompanhar as partidas.

A regulamentação da profissão de jogador de futebol se dá em 1933, bem no início da Era Vargas, período que ficou marcado “pela aceleração no estabelecimento de uma política social que beneficiasse os trabalhadores sem prejudicar os austeros lucros da burguesia urbana”.²⁵⁹ Segundo Santos (2010), este fato atingia dois objetivos simultaneamente: para os jogadores, lhe dava garantias sobre seus direitos agora enquanto empregados, enquanto para os dirigentes, membros da burguesia urbana, possibilitava conviver com os jogadores em seus clubes como empregados e não como

²⁵⁷ PEÇANHA, Nilo. **Política, economia e finanças**. Campanha presidencial de 1921-1922. Arquivo do Museu da República, p.45.

²⁵⁸ FERREIRA e PINTO, 2008, p. 390.

²⁵⁹ SANTOS, 2010, p. 414.

sócios das instituições.²⁶⁰ Isto marcava claramente a maneira como estes agentes, ainda que dividindo o mesmo ambiente, o faziam de formas diferenciadas, pois assim como “as pessoas de origem muito mais humildes, muitas vezes negras e analfabetas, os jogadores passaram a não mais conviver nas dependências sociais de seus elegantes clubes”.²⁶¹

Economicamente, dentro do cenário de indústria do entretenimento em que estava inserido o futebol, a profissionalização permitia também uma geração de receitas para clubes, dirigentes e também jogadores. As vendas de passes destes profissionais do gramado criava retornos financeiros para estas partes, sobretudo em um contexto no qual era comum a saída de jogadores de forma gratuita para mercado de profissionais fora do país. Com uma economia que oscilava entre períodos de pujança e de graves crises nas décadas de 1920 e 1930, a comercialização de passes de jogadores era uma fonte de renda importante para clubes que agora não dependiam apenas da venda de ingressos e da contribuição de seus associados.

Para tanto, tais ideias ainda se encontram em elaboração a fim de fazerem parte de um projeto de doutorado, o qual é uma maneira de dar continuidade às contribuições que tentamos fazer neste projeto de mestrado. Desde a graduação viemos trabalhando o futebol carioca em uma perspectiva histórica que, sem ignorar a história de clubes de Botafogo e Laranjeiras, também buscou dar voz a instituições dos arredores do Centro do Rio Janeiro, como os clubes suburbanos.

Entendo o futebol como um esporte que transcende às quatro linhas do gramado. Ao longo das pesquisas que venho realizando desde 2011, quando ingressei na graduação junto à UFRRJ, esta é uma perspectiva que vem norteando os meus trabalhos elaborados desde então, tal qual a presente dissertação.

Ao chegar nestas considerações finais, tenho a sensação de ainda ter deixado de explorar e refletir acerca de inúmeros temas que enriqueceriam esta pesquisa. A ideia de que tudo poderia estar nestas páginas é constante, porém, a trajetória que levou a escrevê-las me lembra de que só por tê-las já devo me considerar um vitorioso. Ao mesmo tempo, o futebol ensina que a vitória de hoje pode ser a derrota de amanhã - em muitos casos é. Por isso, prefiro tomar as lacunas e falhas aqui existentes como lições de aprendizado para os próximos passos que estão por vir. Uma das frases que sempre escuto em partidas de futebol é que se não dá para superar o adversário no talento, a

²⁶⁰ Idem à nota 259.

²⁶¹ SANTOS, 2010, p. 414.

gente tem que superá-lo na raça. Pois é assim neste país, em que se faz necessário trabalhar pelo menos 8 horas por dia, sem considerar o tempo de deslocamento para ir e voltar para casa e fazer aqueles “bicos” frequentes que, assim como os bichos pagos aos jogadores que apresentamos neste trabalho, são muitas vezes maiores do que a remuneração.

Glossário

Bicho: Nome dado à remuneração extraoficial que era paga a jogadores de futebol no período do amadorismo.

Chauffer: Profissão daquelas pessoas que eram condutoras de veículos no Rio de Janeiro durante o início do século XX.

Esporte bretão: Sinônimo de futebol.

Ground: Denominação em inglês para campo esportivo onde equipes jogavam partidas de futebol.

Match: Termo em inglês utilizado pela imprensa carioca no início do século XX para partida de futebol.

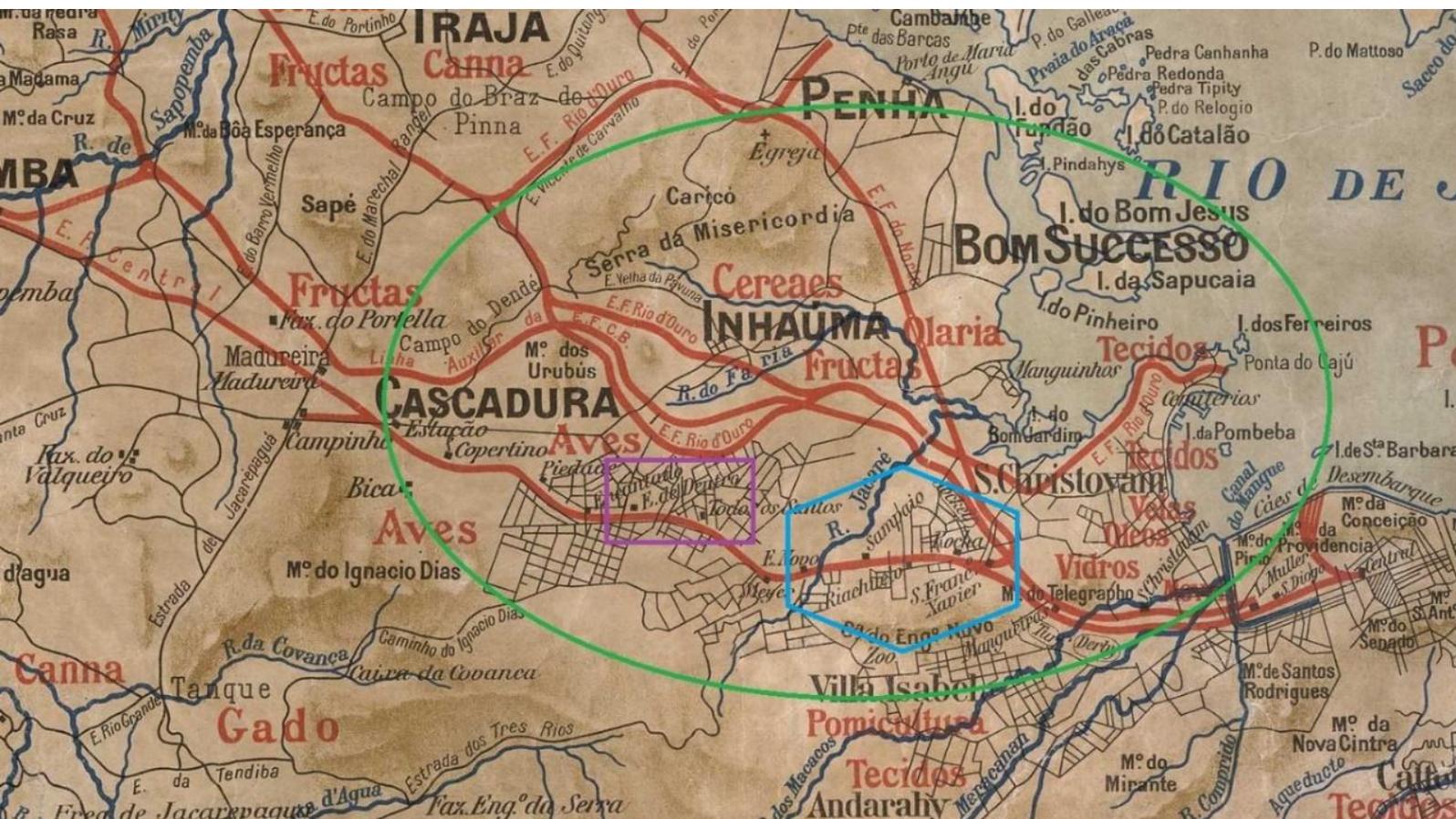
Off-side: Denominação em inglês para a situação em que um jogador está em posição irregular de impedimento.

Referee: Denominação em inglês para árbitro de futebol.

Sportsman: Indivíduo ligado à elite que pratica esportes no início do século XX. Sócio de um ou mais clubes, ele era um dos grandes entusiastas.

ANEXOS

Anexo I



262

²⁶² http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart177671/cart177671.jpg. Acessado em 28/01/2018, às 12h27min.

Anexo II



263

²⁶³ Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905> Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

Anexo III



Verdadeiros *habitués* dessas torrinhinhas ao ar livre, a travessa *gurisada*, a que se juntam bastante marmanjos e até famílias interessa-se por esse violento *sport* e com alegres piadas, commenta os incidentes do jogo.
A's vezes lá do alto do morro ou do meio das ribanceiras o entusiasmado e tal, que rola um espectador provocando apenas hilaridade geral, visto como á *criança e ao borracho põe Deus a mão por baixo...*

264

²⁶⁴ Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905> Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

Anexo IV



265

Anexo V

CARTA DO SPORT CLUB MANGUEIRA DIVULGADA

S. C. Mangueira – Rio de Janeiro, em 3 de outubro de 1907. Illmo. Sr. Presidente da Liga Suburbana de Foot-Ball.

Tendo sido comunicado ao Sport-Club Mangueira, pelos seus representantes na Liga Suburbana de Foot-Ball, que, em sessão de 30 de setembro ultimo, ficará resolvida a anulação do match realizado no domingo 29, em que fora vencedor o Mangueira contra o Riachuelo, conquistando, portanto, o Mangueira a victoria dos segundos teams.

E sendo essa resolução da Liga motivada por protesto ou a requerimento do seu contendor, o Riachuelo, que alegou pertencerem alguns jogadores do Mangueira aos torneios do Bangu, que são realizados entre agremiações locais, sem caráter de confederação e sem contribuição, como nas ligas Metropolitanas e Suburbana, únicas reconhecidas nos círculos esportivos, contraditória:

Visto como já havia sido resolvido, em sessão de 16 de setembro do corrente anno, a duvida suscitada pelo Riachuelo, ficando reconhecida a todos os jogadores inscriptos o direito de tomar parte nos matches, apesar do disposto em um dos artigos dos estatutos da Liga, que se presta a interpretações menos serias.

E se não fora essa resolução da Liga, em 16, é certo que o Mangueira não se poria em campo com taes elementos.

E não se submetendo o Mangueira a prepoderancias arbitratias, como a que está exercendo o Riachuelo, no Campeonato da Liga Suburbana: E não aceitando o Mangueira a injustiça clamorosa que lhe é feita, e muito menos a imposição de um desempate, pois é impossível haver desempate, onde não há empate.

E sendo moralmente e de há muito campeão suburbano dos segundos teams.

E, finalmente, á vista da atitude parcial e antipathica da Liga.

Retira-se o Sport Club Mangueira da Liga Suburbana de Foot-Ball e lamenta agora em que dela resolveu fazer parte. – Saudações²⁶⁶.

²⁶⁶ Correio da Manhã, em 06/10/1907, p.8.

Anexo VI



267

267 <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905> Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

Anexo VII



268

²⁶⁸ Centro de Memória do Vasco da Gama.

Anexo VIII

PALMEIRAS A. CLUB (Official). Torneio Interno de Foot Ball

Para conhecimento dos Srs. Sócios, de ordem do Sr. Presidente, faço publico que o Torneio Interno instituído no anno de 1918, e nesse anno disputado, cujo regulamento tinha character provisório, a partir dessa data, passa a ter o Regulamento definitivo constante dos artigos abaixo:

Art. 1. – o Torneio Interno de Foot Ball, creado com o fim de proporcionar aos sócios do club a pratica football, preparando novos jogadores dentre os que não conhecem o sport e mantendo em estado de aproveitamento os jogadores não incluídos nos quattros officiaes é acessível a todos os sócios quites.

Art. 2. – O Torneio, que é annual, será disputado por tantos quadros quantos forem organisados com os sócios inscriptos, nuca porém, em numero inferior a quatro.

Art. 3. – Os sócios que quizerem concorre ao torneio deverão, sem escolha de quatro, inscrever-se na Direcção Sportiva, na sede do club, pagando, cada um, a taxa de mil réis, taxa destinada ás despesas do Torneio, como sejam bolas, prêmios etc.

Art. 4. – Nenhum sócio poderá tomar parte em um jogo sem que, no mínimo um dia ou 24 horas antes, esteja difinitivamente com a sua inscripção legalisada.

Art. 5. – A inscripção terá character geral, não podendo os sócios jogarem nos quadros que escolherem, mas naquelles para que forem escalados.

Art. 6. – O sócio que tiver tomado parte em uma partida de Torneio por um quadro não poderá, nesse anno, figurar em outro, salvo se aquelle deixar de concorrer, quando para os efeitos technicos as partidas jogadas serão julgadas nullas.

Art. 7. – Não poderão concorrer ao Torneio os jogadores effectivos dos 1º e 2º quadros officiaes, podendo, no entanto, fazel-o os do 3º e os reservas daquelles, a proporção máxima de 3 por 4

§ único – Os sócios que estiverem disputando officialmente por outros clubs da L.M.D.P. não poderão disputar o Torneio.

Art. 8. – Encerrada a inscripção serão organisados os quadros, encarregando-se desse serviço a Commissão Directora dos Torneios, composta do Director Sportivo, Sub-Director Sportivo e Capitão dos Infantis.

§ único – Essa orgaisação terá em vista constituir quattros nos quaes figurem elementos aproveitáveis no conjuncto e bem assim enquadrar entre jogadores os que ainda não sabem jogar, educando-os a todos e constituindo assim a verdadeira reserva do club.

Art. 9. – Concluida a organisação dos quadros será esta publicada no jornal official O Imparcial, convocando-se então os componentes dos mesmos para, em assembléa, elegerem os respectivos capitães.

§ Único – O capitão poderá ser um sócio qualquer, menos os escalados nos outros quadros.

Art. 10. – Após essa eleição será confeccionada a tabella de jogos pela Commissão Directora, auxiliada pelos eleitos, os quaes entretanto não terão voto.

Art. 11. – A tabella constará de um ou dois turnos, conforme o numero de quadros em relação ao numero de datas, que serão os domingos e feriados.

§ único – As horas de disputa serão pela manhã, fixando-as a Commissão Directora.

Art. 12. – Cada quadro será distinguido por suas camisas e terá o nome de um Estado da união.

Art. 13. – A disputa do Torneio, quanto á marcação de pontos, obdecerá, bem como a constituição dos quadros em campo, ao disposto no Codigo de Foot Ball da L.M.D.T.

Art. 14 – O quadro que deixar de disputar três partidas não consecutivas, será desclassificado, annullando-se os pontos ganhos e perdido pelo mesmo.

Art. 15. – Na direcção do Torneio a Commissão terá um auxiliar de sua confiança que, sem voto, exercerá as funcções de Secretario.

Art. 16. – A Commissão Directora decidirá de todas as questões referentes ao Torneio, mas das duas decisões que serão publicadas no jornal official, haverá sempre recurso para a Directoria.

Art. 17. – O recurso deverá ser feito por escripto, pelo capitão do quadro interessado e dentro do praso Maximo de setenta e duas horas após a publicação da decisão da Commissão.

Art. 18. – O sócio que infringir as disposições legaes do Club e da Liga Metropolitana D. T. durante a disputa do Torneio será immediatamente punido pela Commissão Directora que pedirá á Directoria approvacção do seu acto.

Art. 19. – Cada sócio deve possuir o seu uniforme completo, fornecendo o Club apenas toalhas após os jogos.

Art. 20. – Os quadros que lograrem a 1^a. 2^a e 3^a collocações, desde que os concorrentes sejam no mínimo em numero de sete, ou as 1^a e 2^o collocações, si o numero de concorrentes for de quatro e seis, serão conferidas 11 medalhas de cunho especial do Club, conforme a ordem, ao 1^o de Ouro, ao 2^o, de Prata e ao 3^o, de cobre.

Art. 21 – Os casos não citados nos artigos acima serão decedidos pela Commissão Directora, tendo em vista as disposições do Codigo de Foot Ball da Liga M. D. T.

7-5-1919

Ismael Monteiro,

1^o Secretario²⁶⁹

²⁶⁹ Gazeta Suburbana, em 10/05/1919, p. 5.

Referências

Bibliografia:

ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2010;

ANTUNES, F. M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: USP, 1992;

ASSAF, Roberto e **MARTINS**, Clovis. História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010;

BARRETO, Lima. “A estação”. **Beatriz Resende (org.)**. *Lima Barreto. Coleção Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2005;

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro;

BARRETO, Lima. **Toda crônica: Lima Barreto**. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004;

BURKE, Peter. A Escrita da História. São Paulo: Unesp, 2011;

CARDOSO, Ellizabet Dezouzar. *Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX – Os Subúrbios Cariocas*. URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP;

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular. Revisitando um conceito historiográfico**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 8. Nº 16, 1995;

COELHO, Frederico Oliveira. **Futebol e Produção Cultural no Brasil: A Construção de um Espaço Popular** in **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira da,

SANTOS, Ricardo Pinto dos (org). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006;

FABRETTI, Giancarlo Livman. *A metropolização vista do subúrbio: Metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2013;

FERNANDEZ, A. C. F. *Assim é meu subúrbio: o projeto de dignificação dos subúrbios entre camadas médias suburbanas de 1948 a 1957*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995;

FERREIRA, Marieta de Moraes e **PINTO**, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930 in **FERREIRA**, Jorge e **DELGADO**, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2008;

SANTOS, Leonardo Soares dos. *De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas*. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 20, n.2, 2015;

FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003;

HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho*. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Berdan. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MAZZONI, Thomas. *História do futebol brasileiro*. São Paulo: Edições Leia, 1950;

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: Primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001;

MELO, Victor Andrade de. **O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX** In: **MARZANO**, Andrea e **MELO**, Victor Andrade de (orgs). *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010;

MELO, Victor Andrade de. *Remo, modernidade e Pereira Passos - Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil*. Revista Esporte e Sociedade nº 3, 2006;

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011;

MENEZES, Lená Medeiros de. **Os Indesejáveis: Desclassificados da Modernidade. Protesto, Crime e Expulsão na Capital Federal (1890-1930)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996;

MIYASAKA, Cristina Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011;

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. **História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)** in **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira da, **SANTOS**, Ricardo Pinto dos (org). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006;

NETO, José Miguel Arias Neto. **Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização** in **FERREIRA**, Jorge e **DELGADO**, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2008;

- PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000;
- PONTES**, Ludmila Alves. **A visão de um Brasil Urbano: O Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto**. Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009;
- SANTANA**, W. P. *As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924)*. Memória (Bacharelado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013;
- SANTOS**, Joaquim Justino Moura dos. *De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, USP, 1996;
- SANTOS**, João Manuel Casquinha Malaia. *O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933)*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008;
- SANTOS**, João Manuel Casquinha Malaia. *O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção dos negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)*. Leituras de Economia Política, Campinas, (13): jan./jul. 2008;
- SANTOS**, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010;
- SANTOS**, Jorge Artur dos. **Intelectuais Brasileiros e Esporte: Meio Século de disputas**. São Paulo: Clube dos Autores, 2010;

SANTOS, Leonardo Soares dos. *De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas*. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 20, n.2, 2015;

SANTOS, Leonardo Soares dos. *Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista de Humanidades nº 12 (30), 2011;

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Futebol fora do Eixo – Uma história comparada entre o futebol de Salvador e Porto Alegre**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014;

SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Uma breve história social do esporte no Rio de Janeiro* in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. e SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006;

SANTOS JUNIOR, N. J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012;

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. *Um “clube da fábrica” e um “clube de fábrica”*: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910). Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – v.12, n.2, 2013;

SERFATY, Elaina Reoli Cirilo. *Pelo trem dos subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906)*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2017;

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Futebol: Uma Paixão Coletiva** in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos (org). **Memória social**

dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006;

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro.* Editora Civilização Brasileira, 1966; e

SOUZA, Glauco José Costa. **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX.** Monografia. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015;

WOODWARD, Kathryn. “*Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*”. In: **SILVA**, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2014.

Fontes:

A Estação

A Imprensa;

A Notícia;

A Tribuna;

Arquivo do Museu da República - **PEÇANHA**, Nilo. **Política, economia e finanças**. Campanha presidencial de 1921-1922;

Atas do Club de Regatas Vasco da Gama. Centro de Memória Club de Regatas Vasco da Gama;

Biblioteca Nacional;

Careta;

Casa Rui Barbosa;

Correio da Manhã;

Diário de Notícias;

Diretoria Geral de Polícia Administrativa, Arquivo e Estatística. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal): Realizado em 20 de setembro de 1906*. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1907;

Estatuto da Liga Metropolitana de Sports Athleticos. Rio de Janeiro, 1907;

Fundação Getúlio Vargas

Gazeta de Notícias;

Gazeta Suburbana;

Jornal do Brasil;

Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brasil (1920)*. Rio de Janeiro: Tipografia da Estatística, 1923;

O Exemplo: Órgão da Associação dos Operadores da America Fabril;

O Imparcial;

O Paiz;

Progresso Suburbano;

Recenseamento do Brasil, de 1º de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typographia da Estatística, 1922.

Revista da Semana;

Revista Gil-Blas;

Revista O Malho;

Revista Tico-Tico;

Site do Engenho de Dentro Atlético Club

Sports; e

Subúrbio